

PEDRO VIDAL DIAZ

DEVIR-HACKER:
Empirismo, ética e ontologia na Era Informacional

Dissertação de Mestrado
Março de 2017



Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Escola de Comunicação - ECO
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCI

Pedro Vidal Diaz

DEVIR-HACKER: Empirismo, ética e ontologia na Era Informacional

Rio de Janeiro
2017

Pedro Vidal Diaz

DEVIR-HACKER: Empirismo, ética e ontologia na Era Informacional

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientador: Arthur Bezerra

Rio de Janeiro
2017

Ficha Catalográfica

D542 Diaz, Pedro.
Devir-Hacker: empirismo, ética e ontologia na era informacional /
Pedro Vidal Diaz. Rio de Janeiro, 2017.
158f. : il.

Orientador: Arthur Bezerra.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Escola de Comunicação; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e
Tecnologia, Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação,
2017.

1.Hacker. 2. Programação (Computadores) – Aspectos sociais e
éticos. 3. Cibercultura. 4. Ciência da informação. I. Bezerra, Arthur. III.
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. II.
IBICT.

CDD: 303.4833

DEVIR-HACKER: Empirismo, ética e ontologia na Era Informacional

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovado em:

Prof. Dr. Arthur Bezerra (Orientador)

PPGCI/IBICT – ECO/ UFRJ

Prof. Dr. Pedro Claudio Cunha Bocayuva Cunha
Programa de Pós Graduação Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em
Direitos Humanos (NEPP-DH / UFRJ)

Prof. Dr. Ivan Capeller

PPGCI/IBICT - ECO/UFRJ)

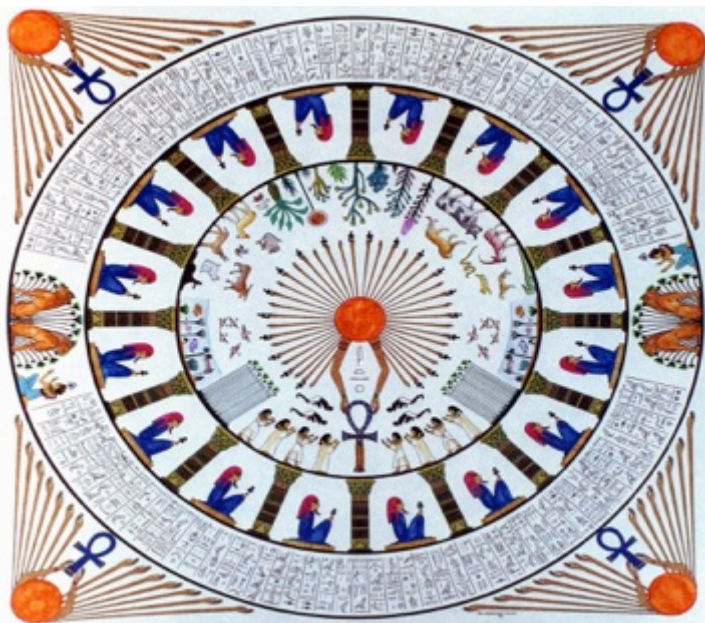
Agradecimentos:

Dos primatas primordiais (que se alimentaram dos deuses, urrando e gritando entre cavernas e árvores, suas linguagens) aos progenitores mito-genéticos que formaram meu organismo vivente, afetivo e cultural, agradeço aos cosmos constituintes da plenitude de ser, sentir e criar.

Aos atravessamentos dos ritos cotidianos que produzem os ritmos aos quais dançamos e lutamos. Às forças de Tupã, Aruanda e Madre Gaia. Ao meu pai biólogo e arte-educador e minha mãe botânica e paisagista por mostrarem o sopro de vida e arte que é a própria natureza, emergente e inventiva. Às sementes espalhadas ao redor como irmãs da vida em um jardim!

Agradeço aos encontros ternos de felicidade, potência e força com o Pharmakoletivo, a rede Tecnoxamanismo, e aos amigos que tanto me emprestaram palavras, arcabouços e visões compartilhadas: Gabriella Lange, Fabi Borges, Pablo DeSoto, Victor Serebrenick, Rafael Rezende, Alexandre Goulart, João Maia, Maria Estephania, Ticiano Diógenes, Leo Adler, Raphael Ohana, Zarko Amüil entre muitos outros. Aos produtores culturais e sócio-técnicos que democratizam o conhecimento, a produção e a sensibilidade produtora pelo Brasil profundo e ao redor do mundo. Modos de existência e uma ética intercultural contra a destruição da tecno-racionalidade capitalista moderna - como os Zapatistas denunciam: já estamos na quarta guerra mundial – terrenos contra terráqueos.

Aos meus professores que me apoiaram e deram confiança para seguir os estudos e a potência do pensamento trabalhado, desenvolvido e humilde. Ao meu orientador que me deu todo espaço para seguir essa linha de pesquisa e que me ajudou em grande revisão.



Chave solar egípcia com a Cruz Ansata - círculo da vida sobre a superfície da matéria inerte - Empirismo Transcendental

«Todas as tentativas de reconhecer a realidade existente (...) em termos de declínio e perda, em termos de fatalidade, catástrofe e destruição, é mero comportamento tecnológico. (...) A concepção instrumental da tecnologia condiciona todas as tentativas de conduzir o homem à relação correcta com a tecnologia. (...) O desejo de domínio torna-se tanto mais urgente quanto mais a tecnologia ameaça escapar ao controlo humano. Nenhum homem individual, nenhum grupo de homens, nenhuma comissão de estadistas proeminentes, cientistas e técnicos, nenhuma conferência de líderes de comércio e indústria, pode travar ou dirigir o progresso da história na era atómica».

Martin Heidegger

DIAZ, P. V. Devir-Hacker: empirismo, ética e ontologia na era informacional. 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – IBICT, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

RESUMO

A presente pesquisa traça uma potência ontológica e pragmática a partir do empirismo da prática hacker em inserir, adaptar e criar sistemas organizativos e produtivos. Analisando processos sociais que desenvolvem tecnologias junto às mudanças constituintes vindas da cibercultura, identifica-se um trabalho info-técnico intensificado na fase avançada de um capitalismo maquínico: financeiro, midiático e semiótico. Evidenciaremos como uma estratégia Hacker é aplicada também por ‘Estados Informacionais’ em seus ‘Regimes Informacionais’ em uma geopolítica da vigilância. O foco dessa pesquisa irá recair sobre práticas de inserção, disputa, apropriação e reuso tecnológico que se constituem junto à processos de subjetivação da percepção e sensibilidade na era informacional. Através do debate de uma ‘Ética Hacker’, busca-se analisar projetos sociais que trabalham em processos laboratoriais de experimentação com tecnologias abertas e sociais, promovendo novas ethicidades (ethos) - práticas, hábitos, territórios, códigos, linguagens, valores, sensibilidades, etc. Traçando as fronteiras de uma guerra informacional, subjetiva e midiática, vamos apontar uma necro-ética de medo, tortura e controle. Buscaremos aprofundar e desdobrar o conceito de ‘competência informacional’ em uma potência hacker como agenciador e produtor info-técnico em um fluxo intensivo que aponto como “Caosmose Informacional”. Junto à uma aproximação teórica do campo da Ciência da Informação, iremos atentar à essa fronteira onde o ato de ‘hackear’ consiste em modos de experimentação e criação, em um esquizo-poder info-técnico e desviante, um empirismo pragmático e transcendental como ativação das multiplicidades descolonizantes do conhecimento e seus desdobramentos criativos técnicos (filosóficos, científicos, sociais, ontológicos, etc.).

Palavras-chave: Hacker; Cibercultura; Capitalismo; Ciência da Informação; Subjetividade; Empirismo; Ética; Aceleracionismo; Ontologia; Ciência da Informação.

DIAZ, P. V. Devir-Hacker: empirismo, ética e ontologia na era informacional. 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – IBICT, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

ABSTRACT

The presente research trace an ontologic and pragmatic potency from the empirism of hackers practices in organizational e productive sistems. Analising it from the social process that develop technology within the changes coming from the ciberculture, where the info-tech work has been intensified in the advanced fase of a machinic capitalism: financial, midiatic and semiotic. We will show how the Hacker strategy are aplyed in a “Informational State” with their “Informational Regimes” in a geopolitic of surveillance. The focus of this research will lie on the practices of insertion, dispute, apropriation and technological reuses that constitute themselves with diferent process of subjectivation of perception and sensibility in the informational age. Trought a debate of a ‘Hacker-Ethics’, we look for social projects that work with the laboratorial process of experimentation of open and social technology, promoting new ethicities (ethos) – practices, habits, territories, codes, languages, valor, sensibilities, etc. Tracing the frontiers of an informational war, subjective and midiatic, we will point to a necro-ethics of fear, torture and control. We will deepen and unfold the concept of ‘informational competency’ in a hacker potency as an agent and info-tech producer in a intensive flow that we will define as “Informational Caosmose”. Together with the aproximation of the field of Information Sciences, we will atend to this frontier where the act of ‘hack’ consists in modes of experimentation and criation, in a info-tech esquizo-power deviant, an transcendent and pragmatic empirism as an activation of the decolonizing multiplicities of knowledge and its technological unfolds (philosophical, scientific, social, ontological, etc.)

Keywords: Hacker; Ciberculture; Capitalism; Information Sciences; Subjectivity; Empirism; Ethics; Acceleracionism; Ontology; Information Science.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO - EMPIRISMO E SUBJETIVIDADE	12
1.1	Metodologia Teórica	20
2	‘HACKEANDO’ SUPERESTRUTURAS	24
2.1	Ethos científico e ética informacional - Uma abordagem hacker	25
2.2	Virada informacional - Ética e Filosofia informacional	38
2.3	Gambiarra como criatividade e descolonização epistemológica	42
3	‘HACKEANDO’ INFRAESTRUTURAS	46
3.1	Casos Hackers – LABIC na Cidade de Deus	47
3.2	Hackacademy – Drones e Mapeamento comunitário de resistência	63
3.3	Tecnoxamanismo e os Pataxós – Ponto de cultura	69
4	‘HACKEANDO’ MÁQUINAS	78
4.1	Crise e Modernidade	91
4.2	Crise e Desejo	99
4.3	Vigilância - Gerência e Guerra	105
4.4	Necroética e tanatotáticas	122
	- Tortura e Guerra: Necro-hackeamento do sujeito	128
5	‘HACKEANDO’ COSMOS	131
5.1	Caosmose Informacional	132
5.2	Caos Ontológico	136
5.3	Magia do Caos (Informacional)	141
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
	EPÍLOGO	147
	REFERÊNCIAS	149

1 INTRODUÇÃO - EMPIRISMO E SUBJETIVIDADE

Eis o problema: como pode, no dado, constituir-se um sujeito tal que ultrapasse o dado. Mas, que é o dado? É, diz Hume, o fluxo do sensível, uma coleção de impressões e de imagens, um conjunto de percepções. É o conjunto do que aparece, o ser igual à aparência, é o movimento, a mudança, sem identidade nem lei (Deleuze; Guattari, 1953, p. 92-93).

Essa pesquisa busca dissertar acerca dos processos de subjetividade¹ empirista nos modos de produção em rede (sociais, digitais e tecnológicas) emergentes, visto no trabalho hacker como criador competente de novas formas de produção e organização assim como de percepções e sensibilidades info-técnicas. A questão é, portanto: que forças trazem a variação criativa, o desvio e a diferença nas partes estruturais e suas relações conectivas, reprodutivas e criativas no desenvolvimento tecno-social? Busca-se aprofundar a análise da atividade hacker além do estereótipo mais propagandeado como um invasor obscuro de computadores, que rouba, subverte e vigia, em um certo fetiche securitário de um agente desconhecido, um terrorista íntimo, contrabandista de memórias e informações sigilosas. Investiremos na figura do hacker em suas linhas potentes de atravessamento, inserção e desvio, (des)apropriação e criação a partir do desenvolvimento de uma pragmática de experimentação e transgressão, ao chamado ‘empirismo transcendental’² de Gilles Deleuze e Félix Guattari (doravante referenciado como ‘D&G’ e ‘D; G’ nas citações).

O paradoxo constituinte das subjetividades ativamente produzidas na e pela experimentação das ferramentas tecno-comunicativas encontra-se imediatamente exposto ao agenciamento de estratégias de poder que garantem a condutibilidade da intensificação capitalista semiótica³,

¹ Subjetividade nessa pesquisa é entendida como o processo que se dá no plano íntimo do sujeito, ou seja como ele ‘instala’ a sua opinião ideológica (mundo interno) e o que é dito em como ele se relaciona ao mundo social.
² “Acreditamos ter encontrado a essência do empirismo no problema preciso da subjetividade. Mas, primeiramente, cabe perguntar como esta se define. O sujeito se define por e como um movimento, movimento de desenvolver-se a si mesmo. O que se desenvolve é sujeito. Aí está o único conteúdo que se pode dar à idéia de subjetividade: a mediação, a transcendência. Porém, cabe observar que é duplo o movimento de desenvolver-se a si mesmo ou de devir outro: o sujeito se ultrapassa, o sujeito se reflete. Hume reconheceu essas duas dimensões, apresentando-as como as qualidades próprias fundamentais da natureza humana: a inferência e a invenção, a crença e o artifício... De uma outra maneira somos ainda sujeitos: pelo e no juízo moral, estético ou social. Nesse sentido, o sujeito reflete e se reflete: daquilo que o afeta em geral, ele extrai um poder independente do exercício atual, isto é, uma função pura, e ele ultrapassa sua parcialidade própria. Por isso tornam-se possíveis o artifício e a invenção. O sujeito inventa, ele é artificioso. É esta a dupla potência da subjetividade: crer e inventar; presumir os poderes secretos, supor poderes abstratos, distintos” (D; G, 1953, p. 99-100).

³ Traço por aqui a abordagem de Francis Berardi em que define: “Semiocapitalismo como a configuração presente da relação entre linguagem e economia tendo a produção material e imaterial sendo traduzidas em combinações e recombinações de informação (algoritmos, signos, diferenças digitais). A semiotização da produção social da troca econômica implica uma transformação profunda no processo de subjetivação. A Infoesfera está diretamente atuando no sistema nervoso da sociedade. Afetando a Psicoesfera, e particularmente

em um desdobramento arborescente de filiação nas redes, condicionando e colonizando a (ciber⁴) cultura e os possíveis meios de produção, construção e organização heteronômicos. Um Devir⁵-hacker portanto, consiste na habilidade de ‘hackear’ e abrir os ritmos modulados pela cultura em processos de experimentação à outras formas tecnológicas, de linguagens, políticas e modos de viver, organizar e produzir. Essa potência hacker produtiva é também identificada na divisão do trabalho contemporâneo como um ‘cognitariado’ que produz novas formas de tecnologias e cultura a partir da linguagens de códigos, na criação inovativa de universos de referência traduzidas a partir de sistemas de informação, de vigilância, de mediatização, manipulação ideológica da realidade, etc.

No primeiro capítulo, tomaremos aspectos da cibercultura hacker para pensarmos um ‘ethos’ hacker cultural ao aproximarmos os temas da Ética e da Filosofia Informacional. Após um breve histórico da ética-Hacker faremos uma aproximação de seus possíveis desdobramentos da chamada virada informacional à alguns dos autores do campo da Ciência da Informação como Rafael Capurro, Floridi, Frohmann, Néida González de Gómez e Sandra Braman, em sua ‘competência em informação’, ‘autoridade epistêmica distribuída’, ‘regime de informação’ e ‘informação estratégica’.

Esta dissertação traça hipóteses, estudos de campo e análises teóricas a respeito de um tipo de produção colaborativa e experimental que aproxima arte, ciência, tecnologia, ativismo, inovação, entre outras áreas interdisciplinares, em espaços de encontros e gerência aberta, colaborativa e em caráter laboratorial sempre em processo constituinte, “Zonas autônomas

afetando a sensibilidade. Por isso a relação entre economia e “Aestética” se torna crucial para entender o devir cultural presente... Semiocapitalismo dissolve o processo visível da produção, e o capitalismo financeiro é a dissolução da esfera da acumulação do capital, derretendo no reino abstrado de trocas virtuais.” (BERARDI, 2014, p. 92-94).

⁴ Def. Cibernética: “A cibernética é o estudo interdisciplinar da estrutura dos sistemas reguladores. A cibernética está estreitamente vinculada à teoria de controlo e à teoria geral de sistemas. Tanto nas suas origens como na sua evolução, na segunda metade do século XX, a cibernética é igualmente aplicável aos sistemas físicos e sociais. Os sistemas complexos afetam o seu ambiente externo e logo se adaptam a este. Em termos técnicos, centram-se em funções de controlo e comunicação: ambos fenómenos externos e internos do/ao sistema. Esta capacidade é natural nos organismos vivos e tem sido imitado em máquinas e organizações. Presta-se especial atenção à retroalimentação e aos seus conceitos derivados.” <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cibern%C3%A9tica>

⁵ Devir – *verbo* **1. Intransitivo** - vir a ser; tornar-se, transformar-se, devenir. **2. Substantivo Masculino**. Fil - fluxo permanente, movimento ininterrupto, atuante como uma lei geral do universo, que dissolve, cria e transforma todas as realidades existentes; devenir, vir a ser. Dicionário Google, acesso em: 01/11/2016. "Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar. Tampouco dois termos intercambiantes. A pergunta 'o que você devém?' é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenómenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos." (DELEUZE, 1998: p. 8)

temporárias”⁶ (BEY, 1985). Concentram-se, nos trabalhos de campo apresentados no segundo capítulo, novos ímpetus para outras formas de organização e produção, desenvolvendo tecnologias mais disponíveis e adaptáveis à produção também de outras políticas e formas de vida no mundo contemporâneo. Caem e são criadas, sob tal perspectiva, denominações tais como hackerslabs, makerspaces, fablabs, entre outras, procurando aqui discernir e aproximar a cultura hacker à uma cultura da gambiarra, voltada à projetos de tecnologia social, ativista e criativa, contra um empreendedorismo empresarial de uma certa ‘economia criativa’ generalizante e oportunista. Busco analisar aí, os processos tecnológicos junto às disputas territoriais por criação de práticas, políticas e direitos públicos, em laboratórios sociais do Comum (NEGRI&HARDT, 2009). Por um lado, uma maneira de desenvolver um ethos científico de experimentação, buscando metodologias, ações e aspirações e, por outro, por afiliarem-se a uma rede internacional de iniciativas, éticas e políticas assemelhadas, em um fenômeno “Glocal” (TRIVINHO, 2007).

Analisaremos no segundo capítulo, a exemplificação de alguns casos concretos e trabalhos de campo onde poderemos distinguir o devir-hacker em projetos de criação, produção e compartilhamento de tecnologias sociais abertas como o projeto de rede livre na Cidade de Deus, o Drone-Hackademy na Vila Autódromo e no encontro do Tecnoxamanismo na Aldeia dos Pataxós. Também analisaremos através destes estudos de caso, como se desenvolvem ethos culturais e científicos contra-hegemônicos às saídas emergentes de um possível “sul-global”, dialogando com o sociólogo Boa Ventura de Sousa e Antonio Lafuente, quanto ao desenvolvimento de ferramentas tecnológicas e epistemológicas da descolonização, produzindo outros mundos possíveis. Algo que no último capítulo, aprofundarei essa criação de mundos como efeito ontológico deste ‘cognitariado’ tecno-informacional e cultural, evidenciando a questão do negativo ontológico como mencionamos acima.

A intenção no terceiro capítulo da pesquisa é observar o surgimento de um devir-hacker através da disputa e criação de tecno-políticas e seus agenciamentos maquínicos nas conexões virtuais do capitalismo contemporâneo junto a essa classe ‘cognitariada’ ou ‘info-proletariada’. Traçarei aspectos tecnológicos da modernidade em suas estratégias de crise em

⁶ Alguns escritores consideram que os escritos de Hakim Bey (pseudônimo de Peter Lamborn Wilson, 1991) sobre pirataria e terrorismo poético serviram de base ideológica para os hackers com suas ideias de Zona Autônoma Temporária e de ataque oculto às instituições. Em vários de seus escritos, Bey defende uma guerrilha simbólica e midiática contra os meios de comunicação capitalistas e corporações a se dar de forma furtiva e oculta, sem chamar a atenção para quem o faz, mas enfatizando e publicitando o máximo possível aquilo que é feito. Nesse sentido Hakim Bey também contribui na opinião de alguns para uma nova leitura da ideia clássica do anarquismo de propaganda e ação direta. O ‘*Squatting*’ (Movimento de Ocupação) parte pelos ativistas que se engajam na ocupação de espaços abandonados e construções desabitadas e buscam transformar estes espaços em esferas de sociabilidade libertária, em mapas abertos, em zonas autônomas ainda que temporárias.

forma de organização produtiva, da técnica à imperialização do desejo, atentando ao aspecto da vigilância como desenvolvimento exemplar dos desdobramentos das práticas hacker em sociedades de controle. Esta complexidade constituinte dos sistemas contemporâneos engendram também políticas de guerra, de morte e estratégias de manipulação e controle que vamos identificar como ‘Necro-éticas’, entre ataques de ‘Drones’ e as chamadas ‘Guerras Híbridas’, o contraponto negativo é necessário e intrínseco ao lidarmos com um objeto ético propositivo.

A busca por uma dobra ao caráter propositivo e macroestrutural apresentados na pesquisa como o Estado, a Ética ou Ethos, será investida no Capítulo 4.4, (aprofundando depois no capítulo 5) em um caráter negativo ontológico, constituinte de uma necro-ética de produção tecnológica de dominação e controle da vida, evidenciando uma nuvem de guerra informacional constante, onde o Tânatos aprisiona Eros e hibridiza-se em Sintânatos. Buscando reverberações hegelianas e lacanianas de Zizek e Berardi, aprofundarmos a questão da intangibilidade da percepção e da racionalização da realidade e uma potência hacker de se navegar entre os extratos constituintes. Através de espaços ou rachaduras é que a potência de um devir-hacker penetra o hackeamento estrutural da estrutura, do ser, do signo e da consciência sensível, em movimentos constituintes de multiplicidade e diferença, almejando essa potência ontológica de se hackear o que conceituaremos como uma ‘caosmose informacional’ pelo capítulo 5.

O hacker, como agenciador competente de linguagens e códigos dentro de uma complexidade produtiva, evidencia espaços, rachaduras, dobras estruturais onde pode se infiltrar, se adaptar e recriar por dentro como “*O Averso do Niislimo - Cartografias do esgotamento*”, evidenciado por Peter Pálbart (2013). O tema de um negativo ontológico (hegeliano) se coloca como central ao desenvolvermos sobre a produção e apreensão de mundos complexos no quarto e último capítulo. O desenvolvimento técnico produzido pelo cognitariado contemporâneo engendra a geração e a experimentação de mundos onde o ato de ‘hackear’ consiste em uma potência e competência em navegar por fluxos intensivos e velozes, informais e ao mesmo tempo ideológicos, já que a técnica e a informação vão sempre se reterritorializar em uma imagem, em um dado, em um programa estratégico, em uma expressão estética, em uma persona, etc.

Debatendo alguns de seus pressupostos e implicações, cruzaremos estudos e pesquisas sobre novas tecnologias e seus usos sociais, constituindo algumas questões e hipóteses que, em constante trabalho e desenvolvimento experimental, formulam a própria metodologia

experimental e processual do devir-hacker. Howard Becker nos lembra de como os “Truques de Pesquisa” (2007) na sociedade se põe e recompõe como máquina:

Infelizmente, como o Criador saiu para almoçar ou não está atendendo ao telefone, os planos não se encontram disponíveis para nós. Diante disso, temos então de fazer o que na área da computação é chamado de “engenharia reversa”. Vamos desmontar essa máquina, descobrir como ela funciona, quais são suas partes, como elas se conectam e o que há dentro da caixa-preta, de modo a conseguirmos também produzir exatamente esse maravilhoso resultado (BECKER, 2007, p. 63).

A construir hipóteses claras para a pesquisa, perguntamos: quais maneiras podemos incentivar intencionalmente uma produção que proporcione caminhos de fuga e de criação à uma sociedade cujos mecanismos e dispositivos de reprodução são justamente a neutralização do desvio? Como evitar que o agenciamento cibernético acabe por transformar toda experiência de mudança em mero elemento de exploração comercial? Se o contexto é de uma sociedade transformada em código gerenciado e mensurável - literalmente, codificada – atribuindo valor de mercado à toda expressão social, como fazer para efetuar qualquer tipo de descodificação?

Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, só uma longa preparação. Roubar é contrário de plagiar, copiar, imitar ou fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isto o que faz não algo mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias, sempre “fora” e “entre”. (Deleuze&Parnet, 1992, p.6.)

Justamente na cópia aberta é que vamos identificar a potência hacker em criar diferença nos sistemas produtivos tecnológicos e não em contrapô-los como evidenciado pela passagem acima em relação ao roubo. Diferença e não apenas contradição na criação potente de mundos e formas de vida, entre a ética e a moral, a vigilância e a “competência tecno-informacional”, desenvolvem-se hábitos e práxis constituintes em novos meios e fluxos, em epistemologias distribuídas da experimentação (empirismo hacker como epistemologia descolonizante), disputando mundos contra a militarização e cognificação estratificada da vida social.

Os espaços laboratoriais e projetos experimentais de tecnologia que pretendem construir futuros distintos e “modos ontológicos de existência” (LATOURETTE, 2013) precisam realizar uma grande operação produtiva simbólica de subjetividades contra uma coerência de uma racionalidade mensurável e eficiente, tidos como palavras-chave de um sucesso econômico do lucro – a doxa da política econômica do capital. Em outras palavras, o sucesso dos hackers como instâncias de experimentação de linguagem, tecnologia e vida também precisam articular políticas tecno-afetivas junto à práticas transformadoras abertas e pedagógicas. Esses experimentos empiristas dependem, assim como as novas fronteiras de trabalho e controle do capitalismo contemporâneo, justamente da capacidade de manterem-se como espaços de

atividade criativa em processo, engendrando outras sensibilidades em formação (informação).

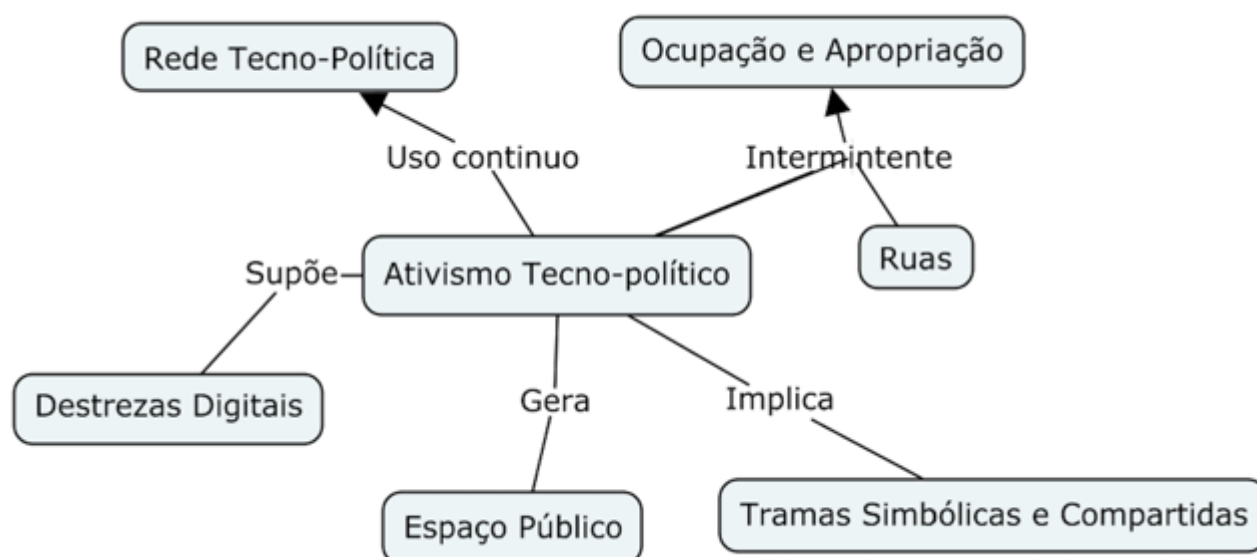
Através dessa dissertação, examinaremos a diferença e a contradição entre dispositivos de “subjetivação social” e de “servidão maquínica”, pois é no ponto de interseção que a produção de subjetividades desejantes se dá e se disputa. As linhas que formam o poder e controle dos processos de subjetivação social as estruturas máqunicas de produção delineiam aquilo com o qual temos que romper (ou hackear) a fim de iniciar um processo de subjetivação – outro/outrem - da dominação capitalista da subjetividade em suas modalidades de produção e formas de manter a vida. Quais as condições para um ruptura política e existencial em um tempo em que a produção de subjetividade constitui a mais fundamental das preocupações capitalistas? Quais são os instrumentos específicos para a produção de subjetividade de maneira que sua produção industrial e em série por parte do Estado e da empresa possam ser reinventadas? Que modelo e que modalidades de organização podem ou devem ser construídos para um processo de subjetivação que articulem as dobras, no micro e no macro político, em fluxos inseríveis, adaptáveis e criativos? Tanto a “relação consigo mesmo” (Foucault) quanto a potência de auto-posicionamento e afirmação existencial (Guattari) derivam no duplo sentido de ter origem e de desviar (esquizopoder), ‘hackeando’ as segmentariedades moles ou flexíveis dentro de um regime duro, construindo ferramentas para inovação tecno-política e estendendo-as até as modalidades organizacionais da subjetividade e da produção social, em processos de “heteronomia” constituinte (LAZZARATO, 2014, p.18). Qualquer afirmação de re-existência deverá ter que ultrapassar-se por dentro, contra e através dos extratos de controle e servidão. No “Diagrama de Foucault” na figura 1 a seguir, podemos visualizar e sistematizar o potencial hacker que através da produção de dobras de subjetivação, consegue experimentar dispositivos e atingir um fora, atravessando fronteiras e limites entre- estratos:



Figura 1: “Diagrama de Michel Foucault e a Topologia da Dobra” (Deleuze, 1988, p.120).

A força para diagramar⁷ novas produções e organizações materiais, técnicas digitais, visuais e de linguagens ontológicas se constitui como forte estratégia para a inserção, infiltração, absorção, reapropriação e articulação aberta e criativa de estruturas contra-hegemônicas, constitutivas de “ex-tituições” que articulem instituições e sociedades em técnicas de visibilidade e participação - em “hackitaturas” à democracia. Ou seja, levar o maquínico para além do cibernético, de um elogio do inumano ou pós-humano hipermodernista ou transhumanista, e trazer a questão da sensibilidade constituinte da produção de corpos empiristas e criativos. Franco Berardi, assim como Paul Preciado e Donna Haraway, parecem estar nessa trilha -- a trilha de Marx, Simondon e do Bárbaro Tecnicizado de Oswald de Andrade - que não confunde o maquínico com o mecânico ou com o não-humano (como negação), nem perde de vista como a produção desejante é o ímpeto produtivo do funcionamento de todos os dispositivos e maquinários de poder e saber. O agenciamento é sempre maquínico do desejo, recheado de dissoluções maquinicas mas com um corpo, um corpo que escapa pela própria potência de metamorfose. Vislumbrar um Devir-Hacker ‘antropotecnofágico’, empirista e ontológico em sua produção de si e de vida, é o objetivo desta pesquisa-dissertação, como traçado e exemplificado nos quadros (1, 2, 3)⁸ a seguir, desenvolvidos pelo pesquisador como estudo diagramático:

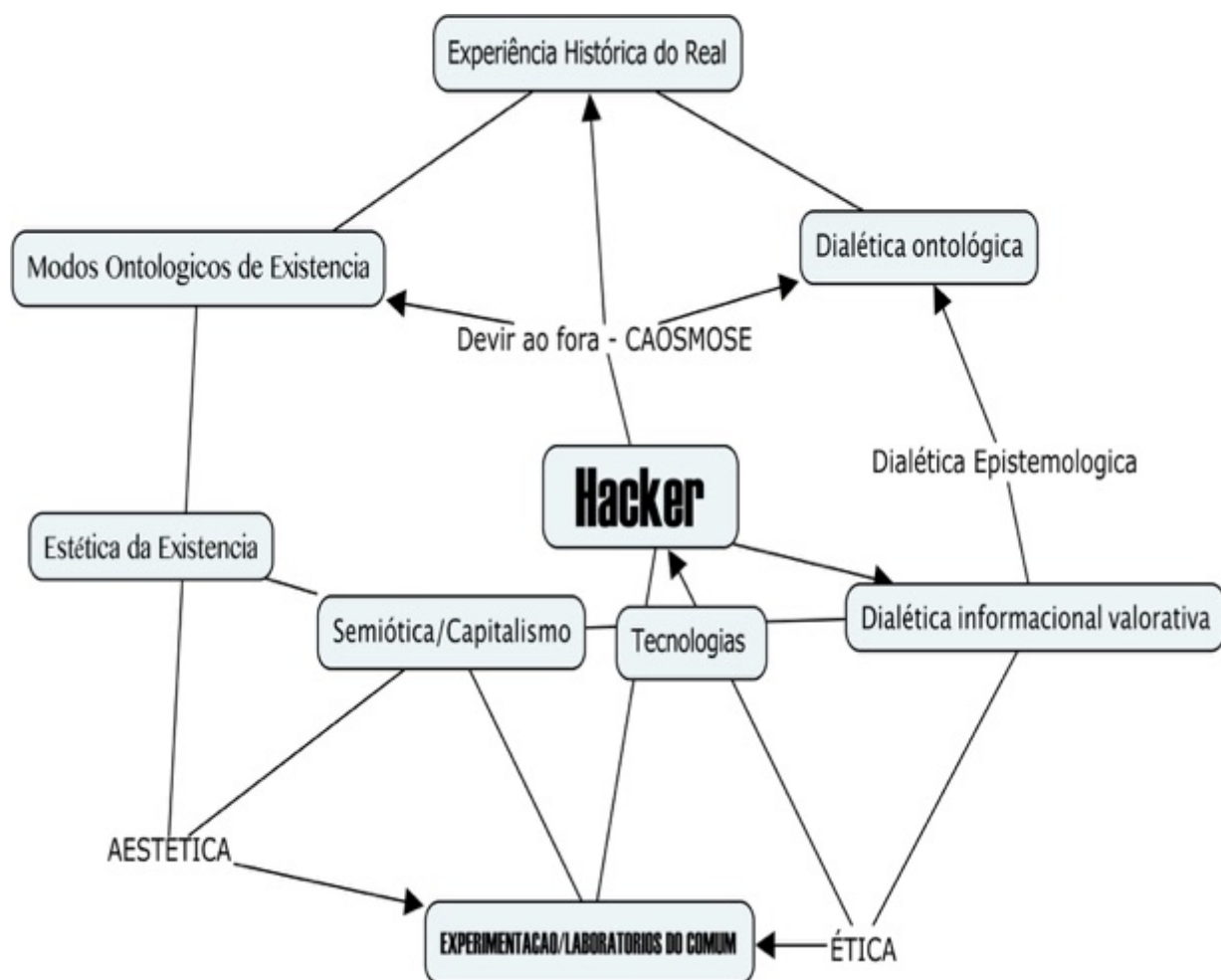
Quadro 1: Ativismo Tecno-Político



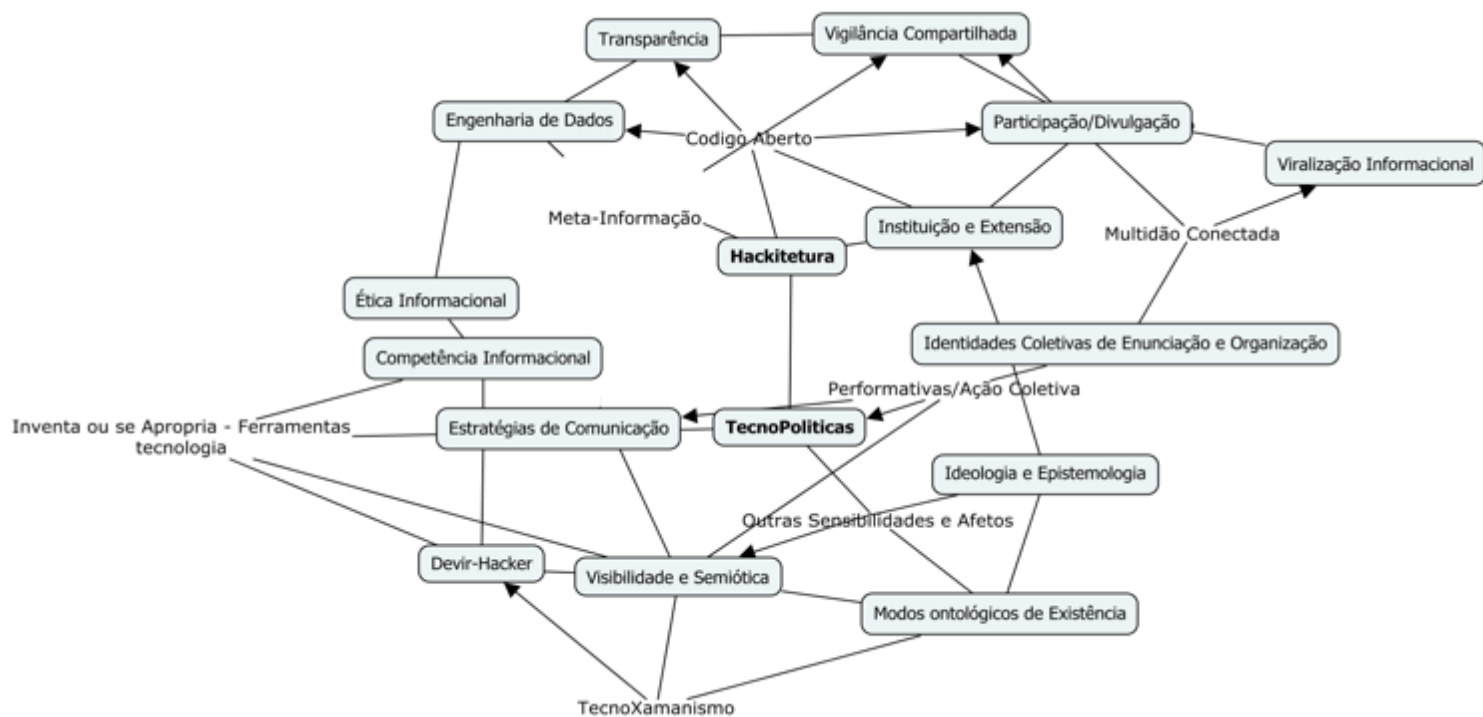
⁷ Em Pelbart se encontra uma explicação acerca do termo diagrama: “trata-se de um conjunto de relações de força que impõe aos dispositivos concretos um determinado modo de funcionamento, embora seja imanente aos estratos de saber que entre si são, um para o outro, também exteriores, mas que remete, em última análise, a um outro exterior, um fora absoluto, o Fora”. (PELBART, 1989, p. 132).

⁸ Feitos através do ‘software livre’: CMapTools.

Quadro 2: Devir-Hacker



Quadro 3: Hackituras e Tecnopolíticas



1.1 - Metodologia Teórica:

Se Heidegger vislumbrava que a filosofia seria substituída pela cibernética, ou a metafísica pela Info-técnica, com certeza esta dissertação procura aprofundar essa fronteira em uma filosofia informacional hacker a partir de uma crítica política às tecnologias contemporâneas e seus usos humanos na “Era das Máquinas Espirituais” (KURZWEIL, 1999). Na fundamentação e metodologia teórica, a pesquisa recorre principalmente aos processos e maquinismos de subjetivação desenvolvidos por Guattari e Deleuze, passando por Simondon e aprofundados por Lazzarato na produção do homem endividado, tanto pelo viés de servidão-maquínica quanto pelas máquinas desejantes evidenciadas por Peter Pal Pélbart e Suely Rolnik. A busca feita através de uma microsociologia das ausências e das emergências, de Gabriel Tarde à Boaventura de Sousa Santos, encontra no papel do hacker um trabalho desterritorializado, de improviso criativo, obscuro e perigoso, de subversão e descodificação em linhas de fugas mas também em formas de exploração e formação de uma classe produtiva referente à um cognitariado, em “Infoproletários - Degradação Real do Trabalho Virtual” (ANTUNES; BRAGA, 2009.)

A pesquisa busca aproximar o hacker primeiramente, de uma potência ontológica de inserção e subversão, assim como de identificá-lo com o empirismo transcendental referente ao livro de Deleuze, “Empirismo e Subjetividade”. Trazendo as contribuições de Guattari acerca dos modos de produção de vida, de afeto e linguagem, analisaremos especificamente o lado informacional de seu conceito de “Caosmose”, o que chamarei de Caosmose Informacional. A previsão de Heidegger marca a tentativa desta pesquisa em dissertar uma filosofia (ética) informacional (hacker) como também indica Floridi e outros no campo da Ciência da Informação. O Devir (Hacker) como aqui caracterizado não é simplesmente se tornar outra coisa, se apropriar de caracteres de outros sistemas em uma mutação contingente, e sim no envolvimento de uma criação inventiva e sensível, que habita fronteiras através do imperceptível e que deixa passar uma potência de criação, de saída investida dos códigos estabelecidos: esse é o Devir-Hacker.

Heidegger, como referenciado, aponta sobre a questão da técnica como uma espécie de fetichização da quantidade do que ele chama de “entes”, ao invés de uma valoração do que seria a qualidade do “ser”. Para o autor, isso deteriora o espírito, que fica em um frenesi desterritorializado indo de ente para ente (o consumismo intensivo, por exemplo), e não atenta

para o princípio aberto do “Ser” enquanto “Physis”⁹. O Devir-Hacker perpassa seres e entidades como forma intrínseca da natureza produtiva, que permeia e atravessa sistemas constituintes a partir de fluxos potentes de inserção, adaptação e re-criação.

A virada ontológica, além das viradas linguística e informacional, é trabalhada para fazermos o exercício de uma antítese e uma antinomia negativa, buscando evidenciar o plano de fundo de uma complexidade caótica que sempre escapa o significado positivo, justamente onde a potência hacker atravessa, pelas brechas e dobras dos sistemas, produzindo outros mundos possíveis, ainda que ocultos, submersos ou imperceptíveis. Identificaremos o processo de ‘hackear’ como forma de produzir diferença nas tecnologias cibernéticas, na produção tecno-cultural dessa classe amorfa de cognitariado, e na diferença de produção ontológico e não como contradição negativa como no Ludismo da revolução Industrial.

A potência hacker, para além de uma dialética clássica (tida por Deleuze como última construção filosófica da moralidade cristã¹⁰), devem criações tecnológicas através da complexidade informacional, sempre em transformação e disputa em tecno-políticas consituíntes. Esse debate acerca da dialética, da epistemologia e da ontologia no empirismo nos ajuda a entender abordagens possíveis para pensarmos a complexidade dos sistemas, tecnologias e práticas de mundos possíveis, seus desvios e estratégias a partir desta potência hacker aqui investigada.

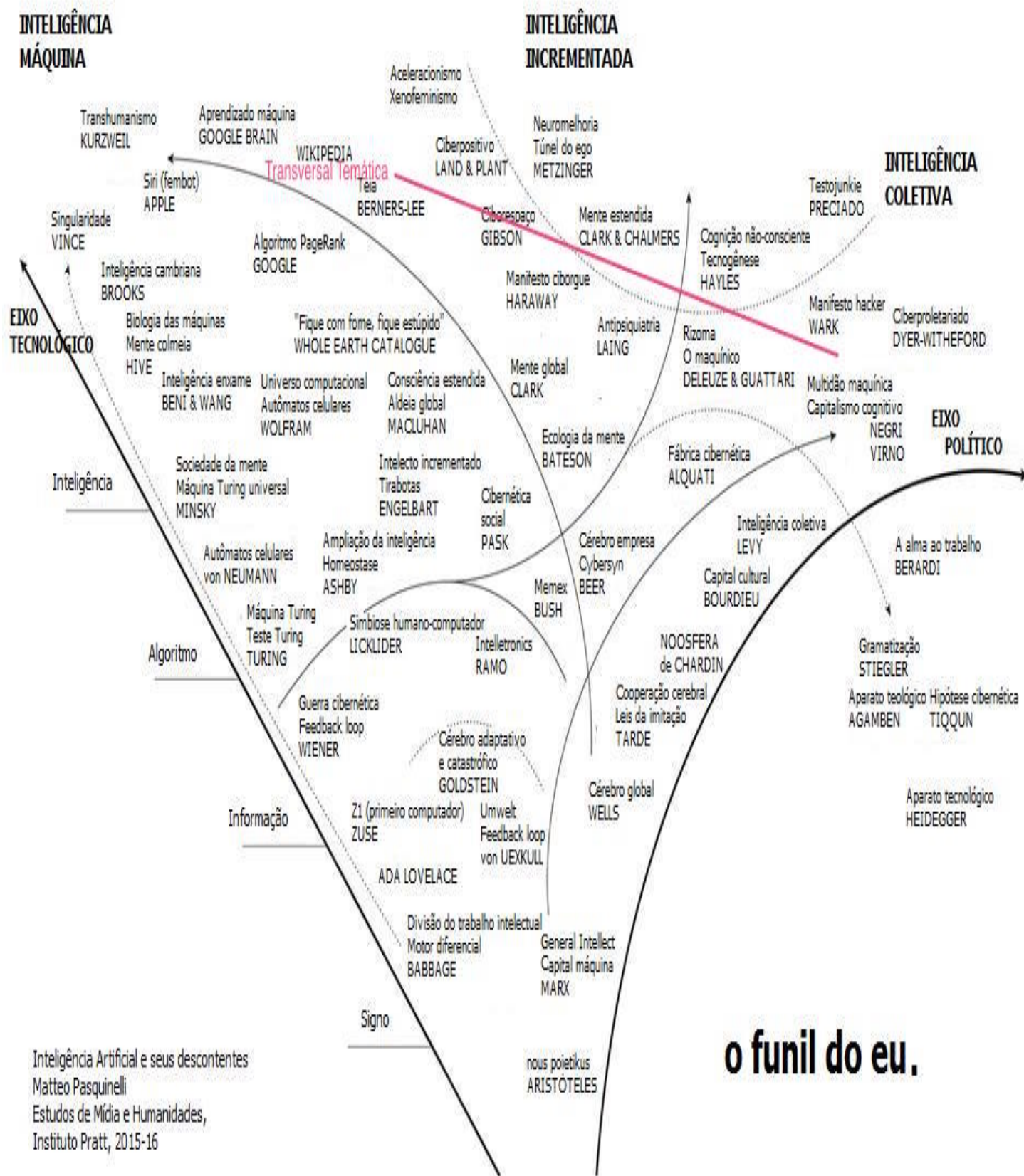
A cibernética é similar em sua relação com a máquina real. Ela assume como tema o domínio de “todas as máquinas possíveis”, e tem interesse apenas secundário em saber se algumas delas não foram ainda construídas, quer pelo Homem quer pela Natureza. O que a cibernética oferece é um quadro de referência em que todas as máquinas individuais podem ser ordenadas, relacionadas e entendidas (ROSS, 1970, p. 2).

A potência do devir-hacker se dá justamente na capacidade de se ordenar, infiltrar e controlar sistemas através da introdução de outros sistemas na cadeia produtiva cibernética. Inserir-se como um servo-controle de intervenção, extração, ou maquinação. Seguindo as teorias do biopoder e biopotência nas sociedades de controle (de Espinosa à Michel Foucault e Antonio

⁹ Curioso notar que, segundo Heidegger, a nossa atual separação entre “física”, “matéria” e “natureza”, de um lado, e o “subjetivo”, alma, de outro, não existia entre os gregos. Physis é o princípio do gerar um produto, natura naturante, mas também a natura naturada. Esta separação começa com a questão da Techné (artifício), que envolve um saber sobre a disposição criativa de instituições e recursos, sendo mais ligada ao Nomos, às leis, etc, ao quais nos gregos não tinha essa separação de fato entre o ser criativo e inventivo no modo de vida da construção de ferramentas tecnológicas específicas. Cf.: HEIDEGGER. Introdução à metafísica. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969, p. 11).

¹⁰ “A oposição de Dionísio ou de Zarathustra ao Cristo não é uma oposição dialética, mas a oposição à própria dialética.” (DELEUZE, 1962, p. 19).

Negri), compara-se o empirismo experimental à epistemologia crítica da técnica e da cibercultura, midiática e intensiva (‘Bifo’ Berardi, Virilio, Nick Land mas também Eugênio Trivinho, Milton Santos e Boaventura, entre outros), buscando desdobramentos e influências com autores da área da Ciência da Informação como Capurro, Gómez, Floridi, Frohmann e Sara Braman. Os quadros diagramáticos apresentados anteriormente foram criados e desenvolvidos para traçar e exemplificar esse devir-hacker e seus nódulos de potência que se desenvolvem permeando redes e sistemas aos quais apresento e discorro ao longo da dissertação. Uma abordagem prática e propositiva do que seria um diagrama cartográfico, traço (a partir da Figura 2 a baixo) junto aos estudos de “Mídia e Humanidades” do Matteo Pasquineli no instituto Pratt, uma transversal temática (linha rosa) junto ao seu diagrama desenvolvido em aula intitulado “Funil do eu” a baixo (2015):



CAPÍTULO 2 – ‘HACKEANDO’ SUPERESTRUTURAS

Não há uma ética hacker. Todo mundo tem sua própria. Dizer que todos nós pensamos a mesma forma é absurda. (Acid Phreak, 1990)¹¹

Figura: “Sejamos realistas, demandemos o impossível”



Fonte: Desconhecida - maio de 1968, Paris.

Uma nova cultura de ciência aberta está emergindo dentro do sistema atual das ciências tradicionais. Esta cultura se mistura em uma ética de compartilhamento com características de uma cultura clássica, o ethos mertoniano da ciência moderna com a tecnologia informacional contemporânea: a ética hacker. Esta nova abordagem da produção cultural tem um papel importante na evolução do relacionamento entre ciência e sociedade. Da década de 1950 até os anos 1970, o ethos da ciência estava no centro de uma agenda de pesquisa coletiva ativo e muitas vezes controversa. Perto do fim desse período, debates sociológicos sobre o ethos científico ficaram embrulhados em um conjunto maior de disputas no domínio social do estudo da ciência, deslocando o centro de gravidade institucional de Merton para uma abordagem da sociologia construtivista do conhecimento científico. Como preocupações epistemológicas tomaram o centro do palco nestes debates da área produtiva, a atenção para o ethos e outros interesses centrais e sociológicos na ciência diminuiu (STEHR, 1978).

Procuro neste capítulo, a partir das normas científicas propostas por Robert Merton em 1942, buscar a constituição de um ethos científico visto na prática dos hackers a partir dos anos

¹¹ Um estudo mas descritivo das possíveis classificações subculturais ver “VISÕES PERIGOSAS: UMA ARQUE-GENEALOGIA DO CYBERPUNK”. Disponível em: https://tecno.cienciassociais.ufg.br/up/410/o/Uma_arque-genealogia_do_cyberpunk_-_do_romantismo_g%C3%B3tico....pdf Acesso em: 7 ago, 2015.

1950/60, o movimento de software livre e sua intensificação à chamada ‘era informacional’ nos anos 1980 aos de hoje. O objetivo nesta parte da dissertação é contribuir com um plano histórico e conceitual da cibercultura e da ética ao compararmos com os casos e projetos do capítulo anterior. Discutindo as possíveis mudanças e constituição de *ethos* científicos na era informacional/digital é posta a emergente importância de uma competência tecnoinformacional vislumbrada também na ética hacker. Como base para este retorno, vou delinear uma perspectiva crítica e analítica que visa reunir importantes características tanto da tradição mertoniana quanto das contribuições e desdobramentos do ramo da ética informacional voltada ao conhecimento científico democrático (ou não) na era informacional. Concentra-se no estudo da ética informacional, dentro do escopo da área de Ciência da Informação, um referencial teórico emancipatório e descritivo. Uma teoria descritiva explora as estruturas de poder que influenciam atitudes informativas, de acesso e produção do conhecimento, e as tradições de diferentes culturas e épocas. Por outro lado, a teoria emancipatória desenvolve críticas de atitudes morais e tradições no domínio da informação nos planos individual e coletivo. Incluindo aspectos normativos, a ética da informação explora e avalia o desenvolvimento de valores morais no domínio da informação, a criação de novas estruturas de poder, os mitos e simulacros informacionais (nas intencionalidades teóricas e nas práticas de informação) e o desenvolvimento dos conflitos éticos da informação¹².

Buscaremos nesse capítulo adentrar a natureza complexa da ética hacker de trabalho em rede a fim de analisar a construção e inovação científica através do desenvolvimento cultural e tecnológico da prática hacker em seus modos de produção constituinte. Procuro distinguir e comparar não como um corpo representativo, econômico e jurídico ou um conjunto de preceitos normativos e doutrinas, mas como uma sensibilidade cultural produtora e que, na prática, está sob constante negociação, ataque, reformulação e repleta de pontos de discórdia. Ao fazer isso, buscamos contribuir não só para a literatura da cultura hacker mas também sobre a cultura científica e sociológica no campo da ciência da informação, em questões teóricas mais amplas em relação à cultura, ciência, inovação, desenvolvimento, ética e do ‘fazer’ tecnologia no mundo contemporâneo. É portanto possível que a reflexão e a prática ética possam ir além da forma atual de tecnologia? Há um *ethos* em que o valor moral é tido como criação de novas possibilidades, em novas configurações de redes pessoais, subjetivas e materiais, atuais e virtuais?

¹² Cf.: CAPURRO, R. *Ethis, information ethics and internet research ethics*: Entrevista publicada na Webology. Disponível em: <http://www.capurro.de/marefat.html> Acesso em: 11 set, 2015.

2.1 Ethos científico e ética informacional - Uma abordagem hacker

O princípio da cultura hacker e sua filosofia originaram-se mais fixamente no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) entre os anos 1950 e 1960. A Ética Hacker é o termo que descreve os valores morais e filosóficos na comunidade hacker. O termo “Ética-Hacker” foi atribuído ao jornalista Steven Levy conforme descrito no seu livro intitulado *‘Hackers: Heroes of the Computer Revolution’* (publicado em 1984) ao qual reformula alguns dos princípios já descritos em outros textos, como em *‘Computer Lib/Dream Machines’* por Theodor Nelson em 1974. As diretrizes dessa ética hacker acompanham a ‘evolução’ dos computadores para os dispositivos pessoais que usamos e confiamos hoje em dia, desenvolvendo tecnologias que permitam que estes sejam aprimorados, adaptados ou reutilizados em outros projetos. O ponto chave dessa vertente ética é o livre acesso a informações e a produção social do conhecimento livre, em função de uma produção colaborativa do código compartilhado, da tecnologia social e da ciência aberta.

Robert Merton, um sociólogo estadunidense considerado um teórico fundamental da burocracia, da sociologia da ciência e da comunicação de massas, alcança sua reputação de pioneiro na sociologia da ciência explorando o modo como os cientistas se comportam e o que os motiva, recompensa e intimida. Na sociologia, a expectativa social sobre o indivíduo, isto é, os valores que o indivíduo precisa seguir para ter suas ações aceitas pela sociedade, é chamada de ethos: um conjunto de métodos para a criação e avaliação do conhecimento gerado; um estoque de conhecimento acumulado a partir da aplicação desses métodos e um conjunto de valores culturais e normas que presidem as atividades realmente científicas (MERTON, 1972, p. 7).

Merton desenvolve quatro imperativos institucionais: trata-se de um conjunto de ideais que, segundo Merton, devem fundamentar os objetivos e métodos da ciência e que compõem o ethos científico. Segundo Merton, o ethos do cientista, ou seja, os princípios que esse precisa seguir para ter seu trabalho reconhecido pela sociedade, é composto de quatro normas básicas (MERTON, 1942):

- **Universalismo** - segundo o qual os trabalhos científicos devem seguir padrões universais de avaliação, aceitação ou rejeição de proposições científicas deve estar separada de atributos pessoais/sociais do cientista;
- **Comunismo** - segundo o qual o conhecimento proporcionado pelo trabalho científico é um patrimônio comum da humanidade, e não propriedade privada de algum indivíduo, devem circular e promover o progresso e a recompensa é o reconhecimento público e histórico;

- **Desinteresse** - segundo o qual o único objetivo a curto prazo do trabalho científico é a ampliação do conhecimento humano, motivações extra científicas não devem afetar a busca da verdade;
- **Ceticismo organizado** - segundo o qual o cientista deve ser privado de qualquer forma de preconceito e de conclusões precipitadas sobre seus trabalhos, os valores são garantidos pelo controle da comunidade científica (revisão pelos pares), que está sempre a críticas e reformulações.

Em oposição às Normas de Merton se apresentam as suas respectivas contra-normas:

- **Isolamento** (sigilo, misantropia) - geralmente é usado para manter as descobertas em segredo para obtenção de patentes que gerem lucros ou para garantir a primazia de publicações.
- **Particularismo** - significa que, teoricamente, não há limites para as pessoas que contribuem para o conjunto de conhecimentos. Na prática isso é um problema real, especialmente considerando a proporção de pesquisadores em países ricos comparados com os cientistas dos países pobres. Isso pode ser considerado também em relação a outras formas de diversidade. Além disso, os cientistas julgam as contribuições para a ciência com base nos seus próprios conhecimentos pessoais.
- **Interesses** - surgem porque os cientistas têm preocupações legítimas em jogo na recepção de suas pesquisas. Artigos bem recebidos podem levar a boas perspectivas em suas carreiras, enquanto que, inversamente, sendo desacreditados podem prejudicar a recepção de suas futuras publicações, financiamentos e salários.
- **Dogmatismo** - ocorre porque as carreiras dos cientistas são construídas sobre uma premissa particular (teoria) verdadeira. Isso cria um paradoxo quando se trata de afirmar explicações científicas.

A partir da diagramação analítica de tais características podemos encontrar na constituição do “ethos científico” o desenvolvimento da ética hacker e seu ethos tecno-informacional. Os hackers, por serem concebidos geralmente como periféricos, subvertentes, não científicos e até perigosos, podem se contrapor aos valores doxais do ‘senso-comum’ da ciência e tecnologia. O caráter do triunfalismo, no qual apenas os cientistas bem sucedidos são mencionados, já evidencia a titulação hierárquica do cientista acadêmico, restringindo a abrangência da prática científica em ‘Insiders’ e ‘Outsiders’, tendo o papel do cientista social ainda menor do que as áreas exatas (MERTON, 1972, p. 99). Um evolucionismo linear também é costumeiramente tido onde descobertas parecem sempre gerar mais e melhores resultados, posto também como se os benefícios gerados serão sempre igualitariamente distribuídos. Vemos aí o particularismo interessado e ainda dogmático, individualizado - o caráter ideológico da construção humana para se afirmar e legitimar. As instituições precisam reconstituir suas fundações, reiterar objetivos e procurar outras racionalidades atuantes se for querer se atualizar junto as dinâmicas do capitalismo globalizado. A crise é sempre um convite para auto-avaliação mas também uma ‘desculpa’ para a venda de soluções.

Merton atenta nesses casos para o aspecto social do contexto histórico científico: as condições religiosas, profissionais, econômicas, políticas e institucionais da ciência. As comunidades científicas procuram subsistir em seu papel científico com normas e valores específicos, demarcados em relação a outros subsistemas sociais. A teoria de Merton questiona se apenas a elaboração de teorias, descobertas e instrumentos é suficiente para a consolidação da ciência e sua centralidade. Merton aponta como as novas profissões intelectuais como a arte, o direito, as finanças, administração e medicina incluem a consolidação de uma carreira e de um cientista profissional. A acentuação da divisão do trabalho cognitivo e da divisão de trabalho se desenvolvem juntamente com a criação de novos mercados produtivos. A economia informacional é que marca a era informacional.

Merton alia a produção dessa autonomia científica à construção de normas institucionais com critérios de certificação/validação científica, sistemas de retribuição, punição e a criação de uma hierarquia científica (MERTON, 1972, p. 101). Ai temos a divergência principal entre a ética hacker e a ética científica de Merton. A ética hacker tenta se validar justamente ao se afirmar como uma comunidade descentralizada mas conectada, em comunicação e produção coletiva que se retroalimenta a partir do mérito de desenvolvimento de cada nóculo, sujeito, grupo, comunidade, etc.

A análise inicial de Merton do ethos da ciência ganhou maior relevância porque os desenvolvimentos recentes - como a comercialização da pesquisa e de seus resultados em mercadoria - minaram normas básicas, como as do desinteresse e do comunismo científico, praticamente invertendo e normalizando as contra-normas de Merton no modus operandi da macroestrutura científica e capitalista. O realismo institucional na sociologia da ciência de Merton traz a importância dos processos institucionalizantes da cultura, do trabalho e da produção a fim de compreender e disputar os desafios contemporâneos. A ética hacker, por sua vez, vai atacar justamente essa questão pois trabalha na construção da abertura tecnológica da caixa preta dos objetos mercantis produzidos pela 'Big Science' atualmente. Steven Levy define a ética hacker, em termos de um compromisso hacker com a liberdade informacional e a meritocracia produtiva, assim como a desconfiança na autoridade hierárquica. Os hackers acreditam na ferramenta computacional da informação como base e meio para a construção da beleza e de um mundo melhor, ferramentas de articulação e produção de mundos outros (LEVY, 1984, p. 39-46).

No prefácio do seu livro, Steven Levy registra alguns dos princípios da ética hacker:

- Compartilhamento

- Abertura
- Descentralização
- Livre acesso aos computadores
- Melhoria do mundo

O acesso a computadores e qualquer outro meio que seja capaz de ensinar algo sobre como o mundo funciona deve ser ilimitado e total. Esse preceito sempre se refere ao imperativo "mão na massa" ou o "faça você mesmo". Isto é, se um hacker precisa enviar várias mensagens para celulares sem pagar, ao invés de entrar várias vezes na interface web e enviar uma mensagem por vez, ele descobrirá como a interface web funciona e fará um programa automático para o envio de mensagens de forma mais ágil e com menos desperdício de tempo. Essa abordagem acentua o caráter do tempo na era informacional, o capital temporal e a eficiência da competência informacional, remetendo a outro princípio elementar da cultura hacker: "Toda informação deve ser livre."

Na sociedade de consumo de hoje, tudo é transformado em mercadoria, incluindo cada vez mais a informação. O hacker busca a informação diariamente e tem desejo em passá-las para quem qualquer abertura do "pensar" e de "criar" coisas novas. Descreditando a autoridade epistêmica, hierárquica e centralizadora, o hacker comprometido promove a descentralização dos saberes em uma autoridade epistêmica distribuída (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2007). Um hacker não aceita argumentos de autoridade e não acredita na centralização como forma ideal de coordenar esforços, produtivos e emancipatórios. O próprio desenvolvedor da WWW (World Wide Web), Tim Berners Lee, lutou para a ampliação aberta e cidadã da internet junto a criação do CERN (Organização Européia para Estudos Nucleares) e uma sociedade voltada ao conhecimento aberto.

A ciência também se configura como um sistema de máquinas, posta para trabalhar em diferentes intensidades com diferentes propósitos. Podemos fazer uma aproximação de um devir-hacker na constituição de uma Ciência Aberta (Open Science), fazendo referências também à 'Slow Science'¹³ ou por uma ciência menor, de 'garagem'. Se propomos aqui pensar uma abertura das engrenagens e servo-controles maquímicos, sabemos que qualquer aproximação tecnológica não se torna um bem comum apenas por ser mais funcional, aberta ou por ser militante; mas que também resulta da aplicação e experimentação de práticas epistêmicas diferentes, divergentes, coletivas e em disputa – uma autoridade epistêmica

¹³ 'Slow Science' apoia a investigação científica movida pela curiosidade e se opõe a metas de desempenho. Disponível em: <http://slow-science.org/> Acesso em: 23 ago, 2015.

compartilhada (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2007). Portanto, um saber que é conhecido e almejado sempre engendra relações de poder por um lado e se vê em um rigoroso regime de circulação e produção. São estes regimes de conhecimento e poder, esta economia política do discurso, do saber e da verdade em regimes informacionais e produtivos que buscamos analisar e delimitar, hackear e sabotar. “A questão não é ter acesso a esferas cognitivas inéditas, mas sim, apreender e criar, através de modos afetivos, virtualidades existenciais mutantes” (GUATTARI, 1995, p. 120).

Há certamente uma identidade (múltipla e variável) da ciência, um estilo de dobra, um regime de enunciação que a estratifica epistemologicamente. Um pensador rigoroso, porém, não pode atribuir a particularidade produzida por um acontecimento em seu maquinismo fechado (por mais contínuo que seja) sem ter percorrido previamente a dobra contextual que a efetua a priori (o cientista não pode atribuir a essência antes de avaliar os processos constituintes). Portanto, antes de qualquer especificidade do conhecimento científico e da eficácia técnica há, primeiramente, uma maneira de dobra entre a verdade das coisas em si e o conflito hermenêutico nos processos de subjetividades produtivas. Esse tipo de divisão se redobra sempre novamente, no próprio seio da atividade científica e poderia sempre se dobrar de outro modo ou em outro lugar. O desenvolvimento do trabalho que consiste em reencontrar e desenhar a dobra não pode se realizar sem dissolver a unidade e a homogeneidade dos pressupostos que ele distingue (LÉVY, 1998, p. 173).

Muitos tipos de arranjos funcionam em agenciamentos diagramáticos, desde a manutenção de equipamentos, procedimentos laboratoriais de rotina, relações sociais entre cientistas, as estruturas das respectivas instituições, suas práticas culturais, aos circuitos de financiamento da investigação científica, as políticas públicas de apoio, todas as redes políticas e econômicas que encontram-se por baixo - são necessários para o fato científico em sua causalidade para se estabilizar e sobreviver o tempo suficiente para ser útil à outros.

Na comunidade Hacker, os pares devem ser julgados segundo seu ‘hacking’, e não segundo critérios como grau acadêmico, raça, cor, religião, região, posição ou idade. Essa é a base de uma meritocracia hacker. Se você é bom, faça o que você sabe fazer e os demais o terão em alta legitimidade. Isso também pode ser visto num dos documentos de maior expressão da cultura hacker de todos os tempos: o "Manifesto Hacker", publicado no e-zine Phrack 7, em 1986, por ‘The Mentor’, logo após ele ter sido preso: “[...] Sim, eu sou um criminoso. Meu crime é o da curiosidade. Meu crime é o de julgar as pessoas pelo que elas dizem e pensam e não pelo que elas parecem ser.”

O primeiro objetivo do hacker é ensinar à sociedade que o computador abre um mundo ilimitado (LEVY, 1984, p. 33-36). Segundo os relatos de Levy, compartilhar é a regra e o esperado dentro da cultura hacker não corporativa. O princípio do compartilhamento foi resultado da atmosfera informal e do acesso não burocrático aos recursos no MIT nos anos 1980-90. No início da era dos computadores e da programação, os hackers do MIT desenvolviam os programas e os compartilhavam com outros usuários. Se o ‘hack’ fosse particularmente bom, então o programa poderia ser postado em um quadro em algum lugar perto dos computadores. Outros programas que fossem construídos em cima deste, melhorando-o, eram arquivados em fitas e guardados em uma gaveta de programas, de fácil acesso a outros hackers. A qualquer momento, um hacker poderia abrir a gaveta, escolher o programa e começar a incrementá-lo ou “*bumming*” para torná-lo melhor. ‘*Bumming*’ se refere ao processo de tornar o código mais conciso, de modo que mais pode ser feito em menos instruções, economizando memória para outras melhorias.

Na segunda geração de hackers, o compartilhamento era feito não só com os outros hackers, mas também com o público em geral. Este grupo de hackers e idealistas colocava computadores em lugares públicos para qualquer pessoa usar. Outra experiência de compartilhamento de recursos ocorreu quando formaram uma organização sem fins lucrativos chamada “*People’s Computer Company*” (PCC) ou o “Chaos Computer Club” na Alemanha, criando centros de troca sobre informática onde qualquer pessoa poderia usar seus computadores por baixo preço e ajudando nesse desolvimento coletivo da cena, ou do ethos que estamos aqui discutindo. Essa prática de compartilhamento da segunda geração contribuiu para as batalhas de software livre e aberto que viria se acirrar nas décadas seguintes.

Muitos dos princípios e dogmas da ética hacker contribuíram para um objetivo comum: as Práticas Imperativas. Como Levy descreveu (Ibid, p.26): “Hackers acreditam que as lições essenciais podem ser aprendidas sobre os sistemas —sobre o mundo— separando as coisas, vendo como elas funcionam, e usar esse conhecimento para criar coisas novas e mais interessantes.” Empregar essas práticas imperativas requer livre acesso, informação aberta e partilha de conhecimento. Para um verdadeiro hacker, se tais práticas são restritas, então os fins justificam os meios para fazê-lo sem restrições para que as melhorias possam ser feitas. Quando esses princípios não estão presentes, os hackers tendem a contorná-las abrindo o acesso.

Ao longo dos estudos sobre hackers e seus processos de trabalho, o valor comum de comunidade e colaboração fora algo crescente. Por exemplo, nos ‘Hackers de Levy’, onde cada geração de hackers tinha comunidades locais onde ocorria a colaboração e o

compartilhamento. Antes da Internet havia algumas comunidades locais pequenas onde a cultura motivava a programação sem ego e um desenvolvedor poderia facilmente atrair vários programadores qualificados e co-desenvolvedores. Para os hackers do MIT, era nos laboratórios onde os computadores funcionavam e possuíam tal estrutura. Para os hackers de hardware (segunda geração) e os hackers do jogos (terceira geração) a área geográfica foi expandida mas centralizada no Vale do Silício, com diversas organizações temáticas que integravam a rede de hackers, colaborando, e compartilhando o seus trabalhos em um ethos de incentivo e criatividade.

O conceito de comunidade e colaboração ainda é relevante hoje em dia, embora hackers já não estejam limitados a colaboração em regiões geográficas e sim intrincados na rede global de informação, comunicação e fluxos de dados. Há, portanto, uma grande variedade de práticas e éticas hackers que foram montadas a partir de uma diversificada coleção de personalidades exemplares, instituições, políticas, técnicas críticas, eventos e tecnologias. Estas práticas não são guiadas por uma ética hacker singular mas, em vez disso, estão enraizadas na cultura e revelam uma série de gêneros distintos, que se cruzam diante a ética prática da produção social livre e aberta.

Uma questão primária da ética informacional tradicional é o acesso, que em um ambiente interligado em redes se torna uma questão familiar de ‘riqueza informacional’ e de ‘pobreza informacional’. Contudo, na ética hacker, a chave não é apenas o acesso informacional e comunicativo, e sim a criação de ferramentas, tecnologias, laboratórios abertos e de como tais processos articulam potenciais maquínicos, valorativos, constitutivos da produção cultural, científica e social. A maioria da etnografia acerca do tema expressa como o ‘hackeamento’ de software livre critica o neoliberalismo e reinventa ideais liberais, fortalecendo a concepção da produtibilidade livre em face às restrições de propriedade intelectual, mas também se dirige às dimensões aestéticas materiais e afetivas da prática de uma sensibilidade e valor ‘hacker’.

Em 2001, o filósofo Finlandês Pekka Himanen escreveu a “*A ética do hacker e o espírito da era da informação*” em uma aproximação da ética protestante do trabalho nos primórdios do capitalismo comparando com o trabalho clássico de Max Weber (1904). Na opinião de Himanen, a ética hacker está mais aproximadamente relacionada com a “*Ética das Virtudes*”, encontrada nos escritos de Platão e de Aristóteles, centrado em torno de paixão, trabalho duro, criatividade e alegria na criação de tecnologias em geral, aparelhos, programas ou software. O Hacking é equivalente a arte e a criatividade e pode-se criar arte e beleza através de um computador: computar o impulso, a intenção, o sonho e o desejo.

O hacker da web, o cibernauta da ZAT, encontram maneiras de aproveitar as perturbações, quedas e breakdowns da rede (maneiras de gerar informação a partir da "entropia"). Parte do "Terrorismo Poético" elucidado por Hakim Bey na criação dessas "Zonas Autônomas Temporárias" (ZAT). Através de uma simples pirataria de dados, ou no desenvolvimento de formas mais complexas de relacionamento com o caos (como em PRIGOGINE, "*As leis do caos*" de 1993). O hacker da ZAT trabalhara para a evolução de conexões fractais clandestinas como um rastreador de fragmentos de informações, um contrabandista, um chantagista, talvez até mesmo como um ciber-terrorista. Estas conexões, e as diferentes informações que fluem entre elas e por elas, formam "válvulas de poder" para a emergência da própria ZAT - como a necessidade de roubar energia elétrica dos monopólios distribuidores de eletricidade para iluminar uma casa abandonada que fora ocupada.

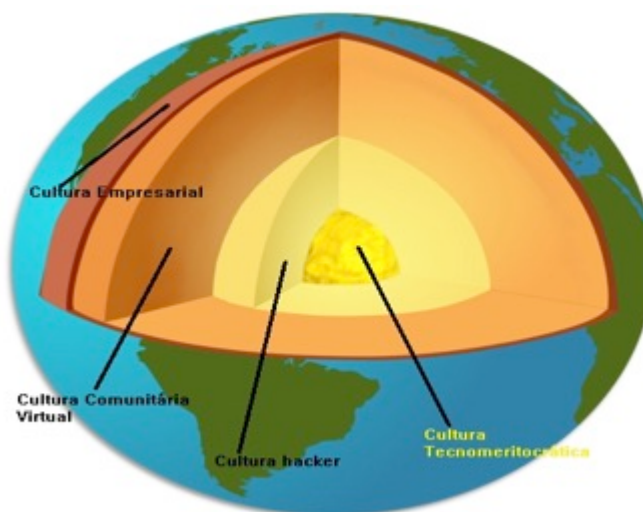
Uma boa programação é uma arte única que possui a assinatura e o estilo de um hacker, alocando e utilizando computadores como meta-máquinas (máquinas que produzem máquinas, maquinários), podendo mudar sua vida para melhor como uma ferramenta de expansão do conhecimento ou de agilizar o acesso. Hackers olham os computadores como a forja da grande ferramenta finlandesa 'Sampo' ¹⁴ que eles controlam e que toda a sociedade possa se beneficiar e experimentar desse poder, interagindo com os computadores da forma como os hackers fazem, a ética hacker penetraria a sociedade e em suas maquinações abririam o mundo.

Himanen desenvolveu essas idéias junto a um prólogo contribuído por Linus Torvalds (criador do sistema operacional LINUX) e um epílogo por Manuel Castells, em que reitera a sociedade em redes e seu desenvolvimento dentro do capitalismo informacional. Diagramando uma possível sociedade tecnocrática em camadas de competência tecnoinformacional, Castells concebe a cultura hacker como a cultura que entremeia o caráter tecnoespecialista e a cultura comunitária virtual (CASTELLS, 2003, p. 53), como podemos ver na figura a seguir (retirada do 'GNU Free Documentation License'¹⁵):

¹⁴ Na Mitologia finlandesa, o Sampo, descrito na saga Kalevala, era um artefato mágico construído por Ilmarinen, o deus ferreiro, que traz boa sorte ao seu dono.

¹⁵ Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Webcamadas.jpg#mw-jump-to-license> Acesso em: 5 set, 2015.

Figura: “Camadas tecnocráticas de Castells”



Fonte: ‘GNU Free Documentation License’

Castells analisa o capital financeiro que multiplicou sua circulação entre os diversos mercados mundiais em estruturas cada vez menos vinculadas aos processos produtivos – a ideologia travada através da tecnociência. As tecnologias tiveram papel fundamental na reestruturação das empresas, que puderam horizontalizar suas estruturas e, por meio das tecnologias de informação e comunicação (TICs) de baixo custo, transnacionalizar a produção. Ao analisar a questão da produtividade, Castells ressalta que a introdução das novas tecnologias somente começou a ter efeito a partir do final da década de 1990, o que justificaria a ausência de aumento de produtividade no período 1970-80. Ressalta, também, o impacto dessa reestruturação do capital financeiro e da nova sociedade organizada em rede em relação ao trabalho. Argumenta que mais do que as novas tecnologias, as políticas empresariais e governamentais assim como aspectos institucionais e culturais é que determinam os impactos na questão do emprego e do desenvolvimento social. Sustenta, ainda, que há um processo tendente à dualização do trabalho com aumento substancial dos trabalhadores de alto nível e também do nível de menor qualificação, havendo um claro achatamento dos empregados de padrão intermediário de conhecimento e rendimento – a precarização do trabalho, o cognitariado produtivo.

Em vez de uma vanguarda estrutural proveniente através de possíveis inovações tecnológicas, os seres humanos se tornam o alvo do jogo, enganados na busca por informações e inserção mais eficientes. Esta engenharia social é uma inscrição do controle técnico no campo das relações humanas. Enganado na busca e produção de algum pedaço premiado de dados, os seres humanos são postos em um meio híbrido de produção, entre humanos e não-humanos,

sendo manipulados, programados e explorados assim como a computação dos computadores, hackeados em suas subjetividades, premeditados em suas ações.

As singularidades, multiplicidades e complexidades dos vários envolvimento de localidade e da globalização produzem configurações sociais radicalmente em constante em mutação acelerada, sem precedentes e que nos afligem na era da informação, seja celebrando ou denunciando. Um rápido olhar para o espaço de fluxos de Castells, destaca as limitações do foco exclusivo sobre o que é o novo e argumenta que na nova lógica das formas espaciais, nesse espaço de fluxos, os processos são dominados em nossa vida económica, política e simbólica. Referindo-se principalmente às redes digitais (mas, por vezes, incluindo o movimento de aviões a jato), Castells também afirma que nossa sociedade é construída em torno desses fluxos: fluxos de capital, de informação, tecnologia, fluxos de interação organizacional, fluxos de imagens, sons e símbolos, etc... (CASTELLS, 2000, p. 412). Tais configurações são determinadas pelos suportes materiais de práticas sociais simultâneas que dependem de interações programáveis entre atores separados mas conectados e em interação retroalimentada.

A prática ativa dos hackers como uma tentativa de autonomia nas redes e do trabalho imaterial tece teias entre redes e ruas, nódulos e praças, abrindo espaço para novos ethos híbridos de ciência, arte e tecnologia misturados em um habitus tecnoinformacional, comunicativo e comunitário, descentralizando o cotidiano e cotidiano a descentralização. Com efeito, a filosofia ética do software de código livre e aberto ('Free and open-source software' – doravante F/OSS) enfoca a importância do conhecimento, do auto-cultivo e da auto-expressão como locus fundamental da liberdade. Os Hackers, produtores de software livre, culturalmente concretizam uma série de temas, sensibilidades e críticas liberais por exemplo por meio da ajuda mútua e competitiva, da liberdade de expressão, da meritocracia, juntamente com seu frequente desafio à propriedade intelectual centralizada e hierárquica. Hackers por definição desafiam uma estirpe da jurisprudência liberal, a propriedade intelectual, inspirando-se em reformulações e ideais da liberdade de expressão, a arena do 'F/OSS' se faz palpável às tensões entre dois dos preceitos liberais mais acarinhados. Assim, em sua dimensão política, a prática e desenvolvimento dos 'F/OSS' representa uma crítica liberal dentro de liberalismo. Os Hackers articulam simultaneamente o centro e as margens da tradição liberal de produção, controle e inovação.

A expansão da lei de propriedade intelectual, como observado por alguns autores, é parte integrante de uma tendência mais ampla neoliberal para privatizar o que antes era público ou

sob a égide do Estado, tais como os serviços de saúde, fornecimento de água, serviços militares e agora também a inovação informacional e seus dispositivos.

De acordo com Douglas Thomas em seu livro “*Cultura Hacker*” (2003), as representações de hackers em meios populares retratam atitudes de ansiedades sobre a tecnologia, em vez da própria cultura hacker em si. ‘Hacking’ é compreender o processo de usar a tecnologia para mediar as relações humanas, mas, na cultura contemporânea, o “crescimento tecnológico ultrapassou a capacidade da sociedade para processá-lo” (p. 32). O resultado é uma tecnofobia para o qual o papel do hackers contribui e ao mesmo tempo desestabiliza, são parte de uma “cultura juvenil” que transforma a ‘delinquência juvenil’ em experimentação empirista. Além disso, os jovens hackers costumam entender os sistemas de computador melhor do que a geração mais velha e melhor do que a aplicação da lei, uma situação que contribui para o aumento dessa ansiedade social. O link entre liberdade de expressão e o código-fonte se torna rapidamente entrincheirado como o novo sentido técnico e social comum entre muitos hackers: “Coding Is Not a Crime, Code Is Speech.”

A prática hacker, julgada como pirataria, é muitas vezes marginalizada ou mal compreendida na cultura popular como um grupo sub-cultural separada ou diametralmente oposta à sociedade em geral. Contudo, cada vez mais ‘novas emergências’ criadas através de ferramentas conectivas e colaborativas são capitalizadas, liquidificando a produção em promessas do virtual – Facebook, Google, ou Apple lucram no valor especulativo financeiro muito mais que qualquer indústria. UBER, Airbnb, Whatsapp não possuem um produto em si - a maior rede de hotelaria do mundo não tem hotéis, a maior empresa de táxis mundial não tem táxis. Peter Sundae, o fundador do site de torrent “Pirate Bay”, em uma entrevista recente ¹⁶ afirma:

A quantidade de funcionários nessas empresas está mais reduzida que nunca e os lucros, por sua vez, maiores... Minecraft foi vendido por 2,6 bilhões de dólares e o WhatsApp por uns 19 bilhões. São quantias absurdas de dinheiro trocadas por nada. Por isso a internet e o capitalismo se amam tanto.

Os Hackers de software livre, sem dúvida, afirmam uma auto expressão enraizada não no consumo, mas sim em uma produção de duplo sentido¹⁷: eles produzem software e, através

¹⁶ Disponível em: <http://motherboard.vice.com/read/pirate-bay-founder-peter-sunde-i-have-given-up> Acesso em 27 març, 2016.

¹⁷ Karl Koch, foi um hacker desenvolvedor do famoso vírus Trojan ou Cavalo de Troia, um software malicioso que se apresenta ao usuário como um programa aparentemente legítimo e inofensivo, mas que, ao executa-lo, o abre à um atacante externo com acesso e controle remoto ao sistema infectado. Koch chegou a atuar com espionagem revelando à KGB informações da CIA na época da Guerra Fria, influenciado pela série “*Illuminatus!*” de Robert Antoun Wilson em 1989. O término ‘troiano’ provém da historia do Cavalo de Troia mencionado no clássico da literatura “Odisséia de Homero”.

desta técnica de produção, eles também produzem relações sociais informais e até mesmo em instituições construídas com legitimidade. É basicamente impossível proteger a privacidade de ataques aos sistemas de firewall e de criptografia de redes inteiras; por conseguinte, apenas a promoção da auto-proteção e da capacidade de criptografia e segurança de sistemas individuais poderia aumentar a segurança do sistema em si contra a vigilância hegemônica.

A insistência dos Hackers em não perder o acesso aos frutos do seu trabalho e na busca pela compartilhamento de seus frutos com a sociedade se reflete diretamente na segunda norma de Merton do caráter do comunismo, mas também se aproxima diretamente da famosa crítica do trabalho alienado de Karl Marx: "O caráter externo do trabalho para o trabalhador aparece no fato de que ele não é seu, mas de outra pessoa, que não pertence a ele, para que nele ele pertence, não para si, mas para outro"(MARX; ENGELS, 1978, p.74). Ela evoca a visão de Marx precisamente porque os desenvolvedores de software livre procuram evitar as formas de alienação de produção capitalista, aproximar a construção de infraestrutura para perto do cidadão. A produção omnilateral é a que constrói o homem completo pelo trabalho produtivo e pela vida em sociedade e a produção unilateral é a que objetifica somente a preparação do homem para o trabalho alienado. A liberdade é, assim, não apenas o direito da liberdade de expressão sem barreiras, mas também concebida através da prática, da construção do habitus e de ethos, a promessa utópica do trabalho vivo, do florescimento humano através da produção criativa e auto-realizante.

Hoje, manifestos de hackers são comuns desde quando Steven Levy primeiro estudou a cultura hacker. Cada vez mais se discute sobre a ética hacker e suas possíveis vertentes como um importante motor ao dirigir suas práticas produtivas. As diferenças nacionais e regionais deixam também sua marca. Por exemplo, os hackers do sul da Europa têm seguido uma tradição mais esquerdista, anarquista do que suas contrapartes de inovação cidadã da Europa. Hackers chineses são bastante nacionalistas em seus objetivos e motivos (Henderson, 2007) em contraste com os da América do Norte, América Latina e Europa, cuja postura anti-autoritária faz muitos, embora certamente não todos, desconfiar de unir esforços com o governo (AMARAL, 2005).

Hackers fornecem menos uma posição unitária e distinguível, e mais um mosaico interligado, que buscam sua ética na própria prática na divergência produtiva, criadora de redes e nódulos de atração. Muitos hackers estão comprometidos com a filosofia ética do software livre, enquanto outros sentem que têm um direito pessoal para implementar a propriedade

intelectual como entenderem. Alguns hackers anunciam com orgulho suas façanhas ilegais, e outros só admitem com relutância e discrição por sua incursão no subterrâneo e podem chegar a recorrer à grandes corporações para atenderem à seus desígnos produtivos. Podemos ler casos hackers como um caso cultural de longa data no qual ideais liberais são retrabalhados no contexto da interação com sistemas técnicos e informacionais, criando um conjunto diversificado mas relacionado de expressões relativas à individualidade, propriedade, privacidade, trabalho e criatividade. Argumentamos que há uma relação dialética, reativa e molar, entre as formas particulares tecnoculturais e estruturas culturais mais gerais, o que leva hackers a implementar, reformular e criticar as instituições sociais liberais ou autoritárias, em suas formulações legais e preceitos éticos, mas que também abrem espaços para emergência de multiplicidades éticas imanentes.

2.2 Virada informacional - Ética e Filosofia informacional

A expressão ‘virada informacional’ fora cunhada por Frederick Adams (2003) para ressaltar a influencia dos diferentes campos de estudos sobre o conceito de informação, principalmente na filosofia a partir de 1950. Tal virada iniciou uma corrente de investigação sobre as naturezas ontológica e epistemológica da informação e seus possíveis desdobramentos à Filosofia da Mente e na Ciência Cognitiva. João Antonio de Moraes em seu livro *“Implicações éticas da ‘virada informacional na filosofia”* (2014) analisa essa virada principalmente pelo uso de conceitos da teoria da informação nos estudos da Filosofia da Mente, Filosofia da Linguagem, Ciência Cognitiva e em outras áreas filosóficas; buscando possíveis explicações naturalistas do significado, entre outros tópicos.

Bem, ao chegarmos nessa parte da pesquisa, podemos perceber que já estamos muito distantes de apreender qualquer forma de verdade a partir de um sentido formal da linguagem, do significado ou de uma verdade racional ao conhecimento. Estamos mais embrenhados em produções maquínicas e manipulações semióticas de qualquer empreendimento humano, o que revela o caráter mais profundo dessa tal ‘virada informacional’. A perspectiva aprofundada das ciências cognitivas emprega o método de investigação posto como *‘método sintético de análise’*, apropriando modelos mecânicos da dinâmica e da estrutura do pensamento e elaborando-os em processos computacionais codificados, incentivando em sua escala produtiva e globalizada as tecnologias digitais e interativas que processam e agenciam a receptividade e reatividade humana (Ibid, p. 14).

Diante deste contexto, Luciano Floridi, um intelectual da filosofia da informação, propõe o desenvolvimento de uma filosofia que abarque o desenvolvimento tecnológico junto aos problemas clássicos da filosofia, formulando uma “Filosofia da Informação” (2011). Os impactos dessa ‘virada informacional’ acabam por se acentuar e extrapolar seus âmbitos científicos, acadêmicos, militares, etc., atravessando a sociedade em camadas complexas de inovação, adaptação e conflito, emergindo novos problemas e padrões de conduta, o que leva à problemática conceitual e prática de um campo da Ética Informacional.

Uma vez que a Ética Informacional se apresenta como uma área de investigação em desenvolvimento, é aqui que costuramos a questão junto a ética hacker acerca de questões relacionadas aos impactos da inserção tecnológica informacional na vida cotidiana, principalmente a da privacidade (FLORIDI, 1999). Para Rafael Capurro (2008), é uma necessidade global a respeito de investigações abertas, transparência e normas morais dentro do contexto tecnológico, e ainda, da ciber-guerra. A Filosofia da Informação portanto é caracterizada como “Uma área filosófica que está relacionada à investigação crítica da natureza conceitual e das bases principais da informação, incluindo sua dinâmica, utilização, e ciências, e à elaboração e aplicação das metodologias teórico-informacionais e computacionais a problemas filosóficos” (FLORIDI, 2002, p. 137).

Situada a análise nos rumos das tecnologias informacionais em implicações éticas de acesso, inserção e competência tecno-informacional, seja em questões interativas, didáticas ou de privacidade, podemos averiguar a conjunção das problemáticas sociais que estão transformando a sociedade para outros cotidianos e modos de vida. É nessa junção que a percepção de um devir-hacker se engendra em processos de constituição junto às análises críticas da ciência aberta em uma filosofia pragmática que se articula em um empirismo transcendental. Rafael Capurro (2014, apud SCHNEIDER, 2015, p. 15-16) vai apontar para uma “Ontologia Digital”, replantando a crítica marxista à economia política na era digital tendo como fio condutor a pergunta pelo poder e sua relação com a pergunta pelo ser. O autor subverte a ideia comum da informação como algo prévio que cria o conhecimento, propondo que o que ocorre é o contrário, a informação é o conhecimento em ação, em sua contextualidade ativa, contra a representação comunicacional, uma ética intercultural da informação (CAPURRO, 2008b).

A ciência hacker busca, assim como Howard Becker pesquisa em seu *Outsiders* (1965), práticas desviantes que desafiam a moral e a lei vigente, a ‘doxa’ e o ‘nomos’. Constitui-se em uma prática politizada dentro do movimento da ciência aberta em sua própria prática de produção livre e aberta, um laboratório do Comum (LAFUENTE, ESTALELLA, 2015).

Como novos pensamentos materialistas podem intervir nesta característica central da tecnologia social, em modelos sistêmicos da vida das sociedades altamente computadorizadas do capitalismo contemporâneo e suas contradições dentro da modernidade tardia? Como a ética chega na linguagem intersubjetiva?

Bernd Frohmann se pergunta “Ciber-Ética: Corpos ou Bites?” (2000) como se dirigir a tais campos emergentes em uma velocidade jamais experienciada e com diversa variedade de recursos que se reconfiguram sempre em mutações em um campo híbrido, transversal, transidentitário e transnacional. Frohmann, baseando-se nos trabalhos de Bruno Latour, Michel Callon e Michel Foucault, define o conceito de “Regime de Informação” como “qualquer sistema ou rede mais ou menos estável, no qual a informação flui por meio de determinados canais – de produtores específicos, via estruturas organizacionais específicas, a consumidores ou usuários específicos”. Para o autor, “descrever um regime de informação significa mapear os processos agonísticos que resultam em tentativas de estabilização e conflitos entre grupos sociais, interesses, discursos e até artefatos científicos e tecnológicos” (FROHMANN, 1995, p.5).

A mudança no status da visualização política de informação é significativa pois a tomada de decisões, tanto na baixa como na alta política, pressiona por uma responsabilidade de especialistas técnicos que não possuem as responsabilidades políticas sociais. Por sua vez, o surgimento de um regime global de informação política molda as realidades empíricas da infra e supra-estrutura e o conteúdo que está sendo regulamentado. Várias características da teoria de regime informacional são cruciais para uma análise do desenvolvimento de um sistema de governança global na criação de informação, processamentos, fluxos, e usos. Bernard Stiegler argumentou que as “técnicas” (a constelação de modelos e discursos convergentes sobre sistemas de informação, códigos, próteses, máquinas, etc.) constituem o que “é a mais adequada para ser pensado como a chave questão filosófica do nosso tempo”. Andrés Vaccari¹⁸ comentando sobre o livro de Stiegler “*Technics e Time*” de 1994 afirma:

Nas ciências humanas, cultura e linguagem também têm sido progressivamente engolidos pelo universo da técnica: o reino artificial das instituições, rituais, saberes, sistemas e práticas de símbolos que tornam os seres humanos funcional, falando, criaturas produtores de significados; isto é, o que torna os seres humanos, humanos. A essência do ser humano, ao que parece, é a técnica; que é paradoxalmente o outrem do humano: o não-humano, o fabricado, inatural, artificial; o evento desumano. (STIEGLER, 1994, p. 66)

18 vVACCARI, Andrés. “Unweaving the Program: Stiegler and the Hegemony of Technics”. TRANSFORMATIONS Journal of Media & Culture. N. 17, 2009.

Se olharmos a intensificação dessa transversalidade informacional, temos a vigilância novamente como produtora tanto infra-estrutural como superestrutural através das redes, tubos, cabos em malhas comunicacionais, formando zonas, nódulos e interseções distribuídas em territórios geopolíticos e trans-nacionais. O regime informacional se configura como estrutura de circulação interdependente e heurística ao qual uma abordagem prática e metodológica ao conceito de “informação estratégica” se torna urgente à produção de sentido, de ética e de uma mobilização produtiva, didática, combativa e progressista. No capítulo anterior desenvolvemos a questão da vigilância e militarização das tecnologias e seu uso como novos campos de disputa e interferência de poderes transnacionais, ao qual o papel do hacker se mostra como expressão exponencial e crucial nessa disputa (tecno) comunicacional, informacional e também estético e ideológico dos agentes em jogo, mas também da formação cultural da época – a sensibilização ao código e o modo conectivo de comunicação e percepção como viemos desenvolvendo.

A produção contemporânea e o trabalho produtivo em sua totalidade se apropriam das características éticas e estéticas no conjunto processual da informação. Quando a auto-exploração adquire um papel central nos processos de valoração, a produção da subjetividade se torna terreno do conflito central (GORZ, 2004, p. 20). As relações sociais que almejam a tomada de valor fazem a dimensão política se contrastarem com o poder do capital. Uma frente de resistência total à esse poder é feita possível quando o terreno de produção de conhecimento necessariamente transborda à novas práticas de vida, de consumo e de apropriação coletiva dos espaços comuns e da cultura cotidiana.

O filósofo tcheco Vilém Flusser, articula o surgimento da escrita pensando em como o Logos da racionalidade se organiza e se expressa como uma “consciência dirigida contra as imagens” (FLUSSER, 2002, p.9). A função da escrita seria para Flusser a de transcodificar o tempo circular das imagens em um tempo linear traduzindo as cenas em processos racionais. Ele identifica aí o surgimento da “consciência histórica” que inicia uma luta contra o que denomina “consciência mágica”, luta que vai caracterizar toda a história humana por instituir uma relação dialética com as imagens: a escrita nunca deixa de se referir às imagens, da mesma maneira que as imagens estão sempre a engendrar sentidos no campo do logos. Como sabemos também, é através do conceito de ideologia que Marx denuncia uma falsificação do pensamento. A ideologia é o que mascara, ou que obscurece a consciência, mantendo o homem numa condição de menos ser, feitichizando o pensamento em prol de um poder hegemônico representado. A dialética se apresenta sempre como crítica de duas ilusões extremas e unilaterais. “Das duas formas, a relativa e a equivalente, é a segunda que induz a

ilusão fetichista. Supõe-se que a matéria que serve de suporte à forma é naturalmente a forma. Mas é também ilusório – aí está a ilusão contrária – supor que esta matéria é qualquer. Esta última é na realidade a matéria adequada à forma, sem ser entretanto a própria forma.” (FAUSTO, 1997, p. 76).

O fetichismo consiste em pensar que o ouro é dinheiro e, ao fazê-lo, confunde-se a forma dinheiro com a matéria ‘ouro’ que, em sua materialidade, serve de suporte a esta expressão. Uma propriedade social assume, em consequência, o valor aderido ao ouro como propriedade intrínseca do ouro. O fetichismo consiste na naturalização das formas de relação social em jogo na troca de mercadoria. Virilio (1996) descreve o nascimento do cinema como um desdobramento da tecnologia de guerra dos Estados Nacionais expansionistas do capitalismo, um grande instrumento de realização de uma razão por meio da técnica (imagética, simbólica, semiótica), a ideologia e fetiche no coração da ciência e da epistemologia, a dominar e utilizar a potência persuasiva, ilusória e criadora do Logos. O que se constrói é o que Foucault (1979) vai chamar de ‘regime de verdade’, ou ‘regime de informação’ (visto nos trabalhos de GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1987; 2012 e GONZÁLEZ DE GÓMEZ; CHICANEL, 2008), e não se trata de mudar o que está na consciência dos homens, substituindo a ilusão por verdade, mas de desconstruir os processos pelos quais a própria verdade se constitui como hegemônica e imutável.

2.3 Gambiarra como criatividade e descolonização epistemológica

Os aparatos tecnológicos agenciados pela ofensiva da axiomática neoliberal são produzidos justamente no ponto em que uma abordagem econômica dita ‘eficiente’ esconde a questão política de fundo, levando a processos de dissolução da democracia e da falência política em prol de um capital automático e eficiente – Tecnoutópico. A prática hacker, além dos casos famosos da centralidade tecnológica da política global, implica em dimensões de um ‘hackerismo’ ainda ‘menor’ e ‘periférico. Por todo um Sul Global há uma prática constante de readaptação em ‘remixofagias’ da produção e comercialização de bens tecnológicos. O ímpeto em ‘fazer a gambiarra’, cortando caminhos além da técnica de manual, expressa uma experimentação empirista imanente do cotidiano. O domínio do conhecimento operacional em ‘hackear’ máquinas, aparelhos e traquitanas está dentro da lógica de uma negociação agonística da economia em sua localidade. Isto torna a luta pós-colonial uma luta pela “Informação estratégica” dentro dos “Regimes de Informação” hegemônicos.

A dificuldade da produção de si na construção de formas alternativas de trabalho e organização sempre vem na contramão do padrão instituído como valor de troca da fórmula do crescimento/desenvolvimento - produção-consumo-descarte; o vício fetichista do upgrade. Em nome do caminho do desenvolvimento e do progresso, uma população inteira é privada da liberdade da inovação cotidiana, e tudo virou consumo – “Compre pronto, use por pouco tempo e jogue fora. Produza lixo e não se preocupe com onde ele vai parar. Não crie nada, deixe isso para os especialistas.”¹⁹

“É lixo pra quem tem, pra quem não tem, é computador.” (Seu Ferreira no vídeo: Periféricos de Processamento²⁰). Assim fala um dos participantes em um vídeo do coletivo Mutirão da Gambiarra no qual o grupo aberto “Periféricos” investiga processos e projetos acerca do que vem a ser as abordagens produtivas da “Gambiologia” e da “MetaReciclagem” assim como também o da “Submidialogia”. Acredito que o envolvimento de tais projetos nessa pesquisa nos serve para pensar as mutações técnicas, metodológicas e políticas possíveis, que estão em prática constante de produção e reinvenção no capitalismo tardio. A “gambiologia” é uma proto-ciência que começa a ser importante nesse momento de transformação. Diferente das outras ciências, a gambiologia acontece como uma zona autônoma temporária (Z.A.T./TAZ-BEY, 1985), uma impermanência que surge na necessidade, no processo intensivo e desaparece na conclusão. “A gambiarra é a experimentação nas veias abertas do espírito hacker. O faça você mesmo é fundamental, em comunidade é autonomia (“Nomos” próprio, lei própria). Criar mundos sem a necessidade de apresentar um relatório. Insurgência. A documentação está atrelada à replicação não mais como objeto de serventia, e sim como prova de conceito”⁶. Em um quase manifesto o grupo afirma seus atravessamentos e estímulos:

Quero crer que cá em terras antropofágicas a realidade é outra. Não temos medo de arriscar, de fazer coisas que não sabemos. Por natureza, queremos mais que o simples acesso. Queremos o processo, os conhecimentos abertos do meio do caminho. Sabemos usar chaves de fenda concretas e metafóricas. Nós improvisamos. Gambiarra é artigo, ciclo, metodologia, dissertação de mestrado e mais. Todos compartilham a perspectiva de aceitar e valorizar, em vez de recusar esse espírito de improvisação que nos é natural. Talvez seja o momento de ir além, de juntar todo mundo e construir as pontes entre tudo isso. Gambiologia precedida por Gambiologia. Os significados são múltiplos - estudo da invenção cotidiana, ciência ajambrada, a biologia de seres híbridos cyberpunks, seres feitos do remix entre máquina e gente. A base é tratar como essência, como potência cultural, o que geralmente é desvalorizado pelas elites submissas ao mundo “desenvolvido”. Assim como não queremos vencer o complexo de vira-latas, mas incorporá-lo, nós não queremos superar a gambiarra. Queremos mostrá-la ao mundo como alternativa

¹⁹ Disponível em: <http://mutgamb.org/metallivro/Historia-da-MetaReciclagem-Historias-de-MetaReciclagem>
Acesso 06/06/2016

²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tEibZBJ-Fio> . Acesso em: 9 ago, 2015.

tática de sobrevivência, de sustentabilidade na selva pós-capitalista e de disseminação da criatividade. Quem vem junto? ²¹

A “Meta-Reciclagem” complementa a conceitualização gambiológica atuando no desenvolvimento de ações de apropriação e desconstrução de tecnologia, reciclagem gerando reciclagem, tecnologia gerando tecnologia, meta-máquinas engendrando processos produtivos, de maneira descentralizada e aberta, propondo uma transformação social. A questão da reciclagem e dos sistemas de “descarte” puxa o conceito de inovação para longe do conceito econômico de progresso ou desenvolvimento. Precipita a inovação por dentro e contra o sistema de produção, uma “Enantiodromia” relacional e imanente no plano de consistência tecnoprodutivo. Essa relação em transformação passa pelos processos de subjetivação e de criação de valor, afeto, políticas e disputas, onde a “submidiologia” vem complementar nessa produção de subjetividade da língua, do simbólico e do poético, uma língua menor como dizia Deleuze sobre Kafka (1977), mas também uma mídia menor, galáxia molecular cinemática, multidão de mídias contra regimes informais planificadores.

A concepção de regime de informação assume relevância no campo da Ciência da Informação principalmente a partir dos trabalhos de Bernd Frohmann (1995), Sandra Braman (2004) e Maria Nélide González de Gómez (2012), como citados anteriormente. Falar em modelos em “Ciência da Informação” e, por extensão, em “Gestão da Informação” equivale a pensar em complexidade sistêmica mas também em paradigmas principalmente da articulação ética e epistêmica. Pode-se pensar em uma guerra axiomática e epistemológica, engendrada a partir dessa manipulação ontológica da verdade e da realidade acerca da produção e da organização social.

Na filosofia grega, no *platonismo*, a episteme correspondia ao conhecimento verdadeiro, de natureza científica, em oposição à opinião infundada ou irrefletida. No pensamento de Foucault (1926-1984) o conhecimento se estrutura em múltiplos saberes científicos e que compartilham, a despeito de suas especificidades e diferentes objetos, determinadas formas ou características gerais. Frisando a força do poder como determinante ao foco e à centralidade epistêmica de determinada época, em uma genealogia epistemológica. O surgimento de uma nova episteme estabelece uma drástica ruptura que abole a totalidade dos métodos epistemológicos e pressupostos cognitivos anteriores, o que implica uma concepção fragmentária e não evolucionista da história da ciência. Celso Furtado, como um grande desenvolvimentista brasileiro, também perpassa por tal problemática ao discernir uma ruptura

²¹ Disponível em: <http://www.gambiolologia.net/blog/biblioteca>

no plano da racionalidade hegemônica como modo de operar essa guerra epistemológica por uma criatividade epistemológica:

A ruptura no plano da racionalidade ocorre quando o agente está capacitado para modificar o meio em que atua, apresentando no seu comportamento um fator volitivo criador de novo contexto. O campo do possível amplia-se e a racionalidade passa a requerer uma visão mais abrangente da realidade. Assumindo a criatividade, o agente impõe a própria vontade, consciente ou inconscientemente, aqueles que são atingidos em seus interesses pelas decisões que ele toma. Implícito na criatividade existe, portanto, um elemento de poder. O comportamento do agente que não exerce poder é simplesmente adaptativo. (FURTADO, 1978, p. 17).

A proposta de Boaventura de Souza Santos a uma sociologia das ausências (2002) procura investigar a partir do que se oculta em cada conjuntura a ser analisada. Lida com os mapas cognitivos que operam simultaneamente em diferentes escalas, articulações locais/globais, em ecologias de produtividade e economias sociais, cooperativas autogeridas, etc... A forma de um discurso ou ideologia hegemônica é desenvolvida a partir de uma complexa relação que inclui a emergência de tecnologias materiais na produção social. As duas zonas de contato constitutivas da modernidade ocidental, segundo Boaventura, são a zona epistemológica, onde se confrontam a ciência moderna e o saber tradicional, e a zona colonial, entre colonizador e colonizado.

A meu ver, o que está por trás das críticas mais radicais é essa tradição na esquerda bastante dogmática, sempre em busca da luta pura, e as lutas não são puras, são impuras, têm elementos de perversão, e é preciso ter uma vigilância epistemológica, teórica e política sobre os movimentos (SANTOS, 2007, p.73)

O autor aponta o caráter da imaginação sociológica, que permite diversificar os saberes, perspectivas e escalas de identificação, análise e avaliação de práticas e dados, assim como também a importância da imaginação democrática entre diferentes atores sociais e modos de vida produtivos. A sociologia das ausências referida por Boa Ventura consiste em substituir o vazio do futuro, segundo esse tempo linear hegemônico, por um futuro de possibilidades plurais e concretas (alter-mundista), simultaneamente utópicas e realistas, que vão se construindo no presente através da tomada de si por essa ética ativa de construção e criação.

O foco em experiências autônomas de comunicação, tecnologia e de informação, derivados da revolução digital, caracteriza um lado emergente de uso social e horizontal da constituição de novas formas mistas políticas e produtivas. Contra um complexo midiático - os 'gate watchers', muitas vezes militarizados ('gate keepers'), impõem e vigiam o acesso e a contínua influência dos rearranjos de controle da produção e do trabalho da biopotência da multidão. Tendo em conta as novas realidades do poder econômico e político, condicionadas pela

técnica digital, assim como as experiências perceptivas e sensoriais nos desafios sociais da era digital, pergunta-se: como o poder organiza o visível, o sensível e o percebível?

3. ‘HACKEANDO’ INFRAESTRUTURAS

- Estudos de Casos Hacker

Figura: “O poder é logístico! Bloqueemos tudo!”



Fonte: Desconhecido - Turim, Itália, 28 de janeiro de 2012.

Neste capítulo irei desenvolver e exemplificar o caráter do Devir-Hacker aplicado em diferentes casos e projetos sociais e comunitários que participei nos últimos anos, na tentativa de aliar o papel do hacker ao de produtor de tecnologias sociais, em gambiarras e adaptações criativas e inovadoras. Vou abordar primeiramente dois projetos no Rio de Janeiro que trabalham com tecnologias de rede abertas e comunitárias de internet e celular: um urbano junto ao Laboratório de Inovação Cidadã (LABIC) e outro em uma vila rural no interior do Estado perto de Resende com o Projeto NUVEM – Estação Rural de Arte e Tecnologia, ao qual participei e acompanhei em ambos no final do ano de 2015 a partir do próprio encontro propositivo do LABIC. Busco fazer uma análise comparativa dos dois casos mostrando as dinâmicas e processos de organização da produção do território e suas técnicas constitutivas, misturando arte e tecnologia em inovações cidadãs e comunitárias, respectivamente falando. Posteriormente, exemplificarei também o projeto do ‘Drone Hackademy’ realizado durante o processo de remoção e resistência das casas da Vila Autódromo na Zona Oeste do Rio de Janeiro pela prefeitura estadual (mas também federal), onde, utilizando um veículo aéreo não-tripulado (Drone), construíram uma cartografia aérea com os moradores, em uma estratégia de

resistência e visualização do território em disputa. Buscarei também a análise das fronteiras de disputa e conflito, ao atentar aos atravessamentos e intensidades que revelam esse caráter maquínico da servidão e controle da produção de territórios, iniciativas e inovações tecno-sociais, disputando sempre os processos de produção de subjetividade em uma bio-potencia inventiva, adaptativa, que se infiltra, se abre e recria por dentro – hackeando sistemas. Intensificando outras fronteiras do território e do direito a disputas ainda mais turvas, complicadas e complexas, uma potência do compartilhamento tecnológico e comunicacional é a inteligência coletiva trabalhada junto a hibridismos impensáveis. Exercícios de esquizo-radiofonia²² mas também imagéticos, ficcionais, conceituais, constitutivos do ser ativo e criativo, produtor ontológico de maneiras de vida.

Seguindo esse devir-hacker desviante e produtor de formas de vida, irei por fim trazer a experiência a ser exercida no segundo festival internacional de Tecnoxamanismo na Aldeia Pará, sul da bahia, com o convite e participação dos índios Pataxós na construção e desenvolvimento de um ponto de cultura dentro da aldeia. Um festival colaborativo de oficinas e projetos em trocas multiculturais durante o mês de novembro, como a montagem da web-rádio indígena pataxó com músicas e artes, assim como a construção de banheiros secos na aldeia e desenvolvimento de projetos de agrofloresta. A troca cultural proposta pela reunião de redes de ativistas culturais se apresenta como uma forma de desenvolver pontos de cultura além da centralidade urbana e ocidental, mesclando e hibridizando saberes tradicionais e tecnológicos contemporâneos.

3.1 LABIC na Cidade de Deus

O “Laboratório de Inovação Cidadã” (LABIC) teve em sua terceira edição no dia quinze ao vinte e nove de novembro de 2015, coordenado pelo ‘Citizenship 2.0’, um projeto da Secretaria Geral Iberoamericana (SEGIB). Partindo do conceito Cidadania 2.0, propuseram impulsionar a Inovação Cidadã (IC) na região ibero-americana, mediante um processo aberto e colaborativo entre diferentes atores sociais que conjuntamente buscam transformar a realidade social através do uso de tecnologias digitais a fim de alcançar uma maior inclusão social. Um processo de trabalho baseado numa dinâmica colaborativa internacional, aberta em

²² STREPPPEL, Fernanda. *Potência mental no ar...* Exercícios de esquizo-radiofonia. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientadora: Analice de Lima Palombini. Porto Alegre, 2011.

formato de laboratório em rede, entre organizações sociais, empresas, organismos internacionais e governos¹.

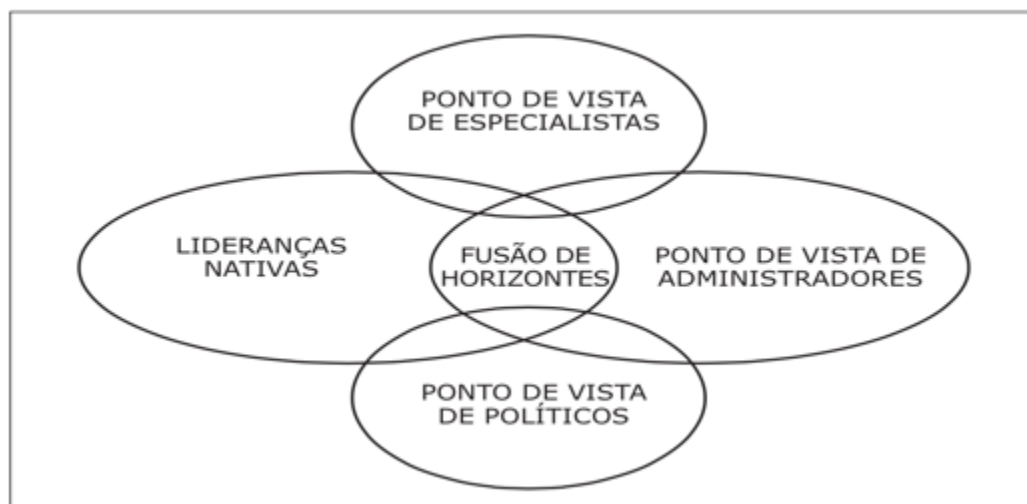
O resultado final dos laboratórios formulou metodologias em treze diferentes projetos e uma carta aberta aos chefes de Estado na XXIV Cúpula Ibero-americana, com o objetivo de recomendar o desenvolvimento de políticas públicas que promovam a inovação cidadã na região. As propostas incluídas neste documento estão organizadas em seis alíneas²³: a) *Reforma do Estado e governo aberto*; b) *Educação e sistema educativo*; c) *Criação de Espaços para a Inovação Cidadã*; d) *Economia e impostos*; e) *Disposições legais*; f) *Relações internacionais*. O texto final basicamente se pauta acerca de tais premissas:

Quando falamos de inovação costumamos referir-nos ao âmbito empresarial, tecnológico ou científico, mas, nos últimos anos, a inovação passou a integrar, de forma cada vez mais alargada, uma parte importante do exercício cidadão quotidiano. Isto, que se conhece por democratização da inovação, deve-se em parte ao desenvolvimento das TIC que deu origem a transformações, não só em termos de inovação tecnológica, mas também na criação de novos modos de interação social. Tal facilitou o crescimento deste novo tipo de inovações através do aproveitamento da inteligência coletiva, assim como a troca de experiências e conhecimentos entre cidadãos para a coprodução de soluções para os problemas e desafios reais que afetam as sociedades. Quer dizer, uma parte significativa do desenvolvimento social, cultural e económico das cidades e comunidades dos países da Ibero-América provém de iniciativas inovadoras dos próprios cidadãos, apoiadas em boa medida pelo trabalho em rede facilitado pelos meios digitais. (Carta aberta do LABIC, 2015)

Buscando palavras-chave e conceitos projetivos assinalados na carta, temos como foco a Inovação, Cidadania, Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), trabalho em rede, meios digitais, interação social e inteligência coletiva. Podemos visualizar a importância dos nódulos e vínculos da produção em rede de projetos de autonomia comunitária nos seguintes diagramas utilizados nas reuniões preparativas do LABIC e na oficina na Cidade de Deus:

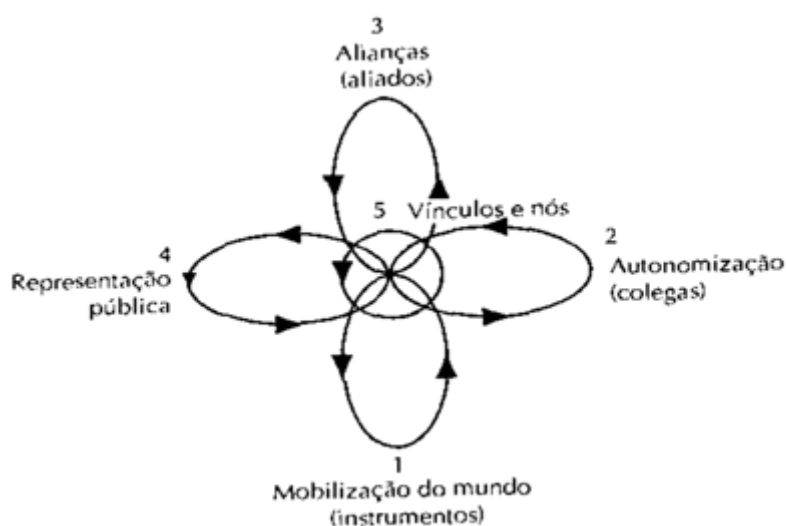
Figura: “Assembleia como espaço de fusão de horizontes e constituição de uma comunidade de comunicação”

²³ Acesso ao projeto Ibero-americano e sua Carta Aberta aos Representantes de Estado em: <http://www.ciudadania20.org/> Carta aberta disponível em: http://www.ciudadania20.org/wp-content/uploads/2015/04/Documento-Colaborativo_Pol%C3%ADticasPublicas_versi%C3%B3n_final-POR.pdf Acessado 3 dez, 2015.



Fonte: Anjos, José. *Etnodesenvolvimento e mediações políticas e culturais no mundo rural*. Porto Alegre: 2009.

Figura: “O fluxo circulatório da Ciência”



Fonte: LATOUR, 2000.

A proposta do grupo de trabalho do LABIC ao qual fiz parte, o “Redes Comunitárias Livres” fora desenvolvida por Al Cano, envolvido há mais de dez anos na “GUIFI.NET”, uma organização que promove a construção e o desenvolvimento de redes de telecomunicações na Espanha mas também em outros lugares do mundo e que tem como base de trabalho o conceito do bem comum - “Commons” (NEGRI, 2009), identificando a comunicação como um grande bem da produção em sociedade. No ‘guifi.net’, os usuários promovem e investem em infraestruturas de telecomunicações que garantem o acesso de qualidade à Internet a um preço social e compartilhado. A rede guifi.net é aberta, livre e neutra para evitar restrições ao conteúdo e à tecnologia, onde todos podem ser usuários produtores e manejadores da

guifi.net, propondo-se como constituição de uma infraestrutura de rede que faz parte de uma infraestrutura de Commons, gerando tecnopolíticas do comum.

A rede analisa e utiliza tecnologias disponíveis como rádio ou fibra óptica e a disponibilidade de usuários que possam construir nós em suas casas e afins, com interconexões de internet e telefônica em até mais de 30.000 usuários só em Barcelona. Em 2008, os usuários fundaram a GUIFI.NET Foundation, cujo objetivo é o trabalho em rede dos Commons, desenvolvendo e aplicando uma base e modelo econômico na infraestrutura de gerenciamento como uma prática de recursos e de economia colaborativa. O “GUIFI.NET Foundation” é uma ONG para o desenvolvimento de infraestrutura info-comunicacional, um operador de telecomunicações para transformar por dentro, a partir de sua própria produção, o setor de telecomunicações, melhorando a capacidade de acesso à Internet.

O projeto de Redes Comunitárias Livres pretendia montar um grupo multidisciplinar de pessoas, tecnologias e conteúdos, que elaborasse uma rede de telecomunicações útil em 12 dias, mas que pretendesse almejar um crescimento expoente ao longo dos próximos cinco anos em diferentes lugares da Iberoamérica. O objetivo era estudar os entornos sociotécnicos e construir a infraestrutura útil (software e antenas) e desenvolver uma rede wi-fi junto aos próprios usuários cidadãos, de uma maneira econômica, útil e simples que facilite seu crescimento exponencial. Entramos em contato com desenvolvedores e programadores de redes, projetos de mídia comunitária e produtores culturais de toda a Ibero América, tanto com hacktivistas como criadores de redes convencionais, sendo todo software desenvolvido, trabalhado sempre com o propósito da construção de tecnologias livres, assim como a documentação desenvolvida na enciclopédia wiki do desenvolvimento do conhecimento em rede, visto no suporte da guifi.net: <http://guifi.net/>

Figura: LABIC-BR no edifício Capanema e na visita-oficina ao CRJ na Cidade de Deus,



Fonte: Pedro Diaz, 27 de novembro de 2015.

Levantamos alguns possíveis lugares de visita e instalação, assim com a preocupação em já formar um grupo de pessoas locais empenhadas em continuar o projeto de construção, manutenção e apropriação da técnica proposta. Ao recebermos a visita no edifício Capanema, base de trabalho do LABIC no Ministério da Cultura (MINC), de um grupo de jovens alunos do NUFAC (Núcleo de Formação de Agentes de Cultura da Juventude Negra), localizado no Centro de Referência da Juventude (CRJ) da Cidade de Deus (C.D.D.), propomos a eles a reunião-oficina e a possibilidade de continuidade do projeto a médio-longo prazo. O encontro se realizou em uma parte teórica pela manhã, quando vimos os diferentes tipos de rede, o que seria um bem comum da comunidade, os aspectos técnicos e uma parte prática pela tarde em que habilitaram a rede wi-fi do CRJ e instalaram dois roteadores - um da casa de um dos jovens ao CRJ e outro em uma antena abandonada próxima a um centro da UPP (Unidade Polícia Pacificadora), ainda que incerto quanto sua possibilidade de permanência e desenvolvimento posterior, mas formalizando já a primeira ponte de comunicação entre um espaço público de aprendizado e outro nóculo na casa de um morador da comunidade, podendo ele redistribuir ainda à outros pontos em seu entorno.

Figura: Oficina de instalação de roteadores para formar uma rede 'mash', aberta e coletiva na comunidade.



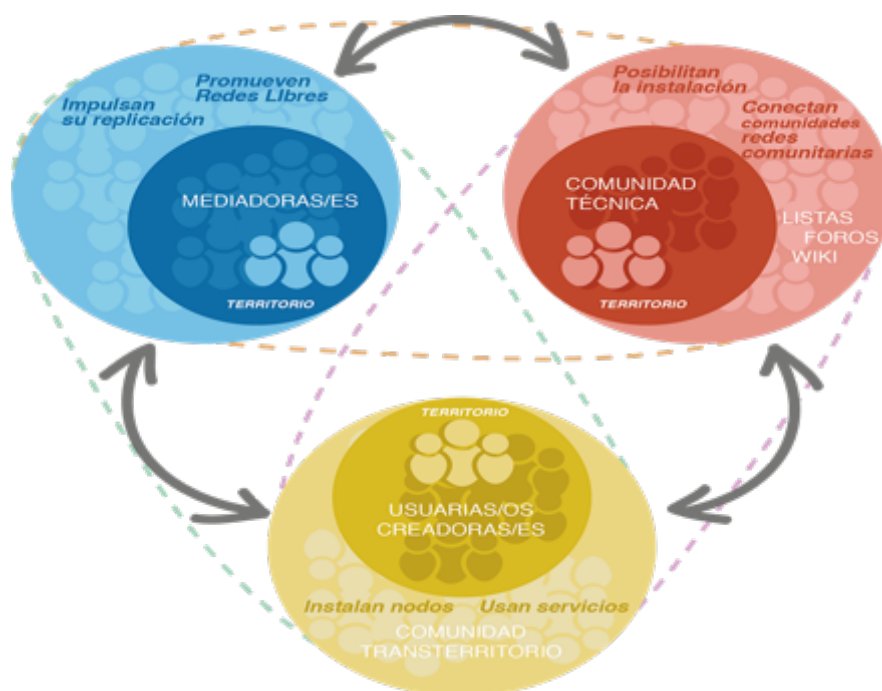
Fonte: Pedro Diaz, 27 nov, 2015.

Na primeira parte da oficina, pensamos na importância da sensibilização do morador quanto às possibilidades, recursos e vantagens de se envolver nessa construção comunitária. Dialogando em grupo sobre quais são as ideias que existem em relação a uma rede comunitária, relacionadas ao cotidiano e à construção de novos vínculos e relações sociais, algumas perguntas foram levantadas: O que nos sugere a ideia de rede? Como podemos pensar isso em relação a tecnologia? Que experiência temos com o uso da tecnologia? De quantas redes participamos no dia-a-dia? Como participamos nelas? Se pensarmos em uma

rede comunitária, o que queremos compartilhar ou comunicar? Que vínculos queremos construir? Que se imagina ou se sabe do que é uma rede livre? Por que dizemos que é livre, aberta e neutral? De quem é uma rede livre? Por que e para que queremos uma rede livre? A rede é construída pela comunidade e pertence sempre a ela, que decide e delibera quem são seus administradores e gerenciadores de sua manutenção. Buscou-se então, diagramar um mapa público dos recursos disponíveis e necessidades coletivas através da rede da comunidade. Que recursos humanos podem ajudar no projeto? Que materiais pode-se comprar e utilizar? Como podemos organizar para instalar e desenvolver a rede? A partir de tais indagações produzimos um pequeno esboço metodológico acerca das redes de auxílio e suporte para o desenvolvimento de projetos tecnológicos e comunitários.

Temos, portanto, uma rede de produção e economia solidária onde há uma comunidade técnica que possibilita a instalação com auxílio e suporte quanto as questões mais técnicas aos usuários, desenvolvendo suportes de comunicação em listas, em foros ou fóruns e sites abertos. Temos a comunidade local dos usuários do serviço, que com o tempo também começam a replicar e abrir-se a outros nódulos em sua cercania, instalando outros pontos de replicação de sinal e promovendo o processo de “Redes Livres”. Em um terceiro âmbito temos uma comunidade trans-territorial de usuários e criadores, que instalam e usam as redes e impulsionam sua replicação e crescimento à outros pontos mais distantes, ilhas, rizomas, nódulos em teia como podemos visualizar a baixo no modelo coletivo construído no LABIC pelo grupo “Redes Livres”:

Figura: Grupos de colaboração e desenvolvimento sócio-técnico em rede na promoção de Redes Livres



Fonte: Daniel Costillas, Grupo do trabalho do LABIC – 23 nov, 2015.

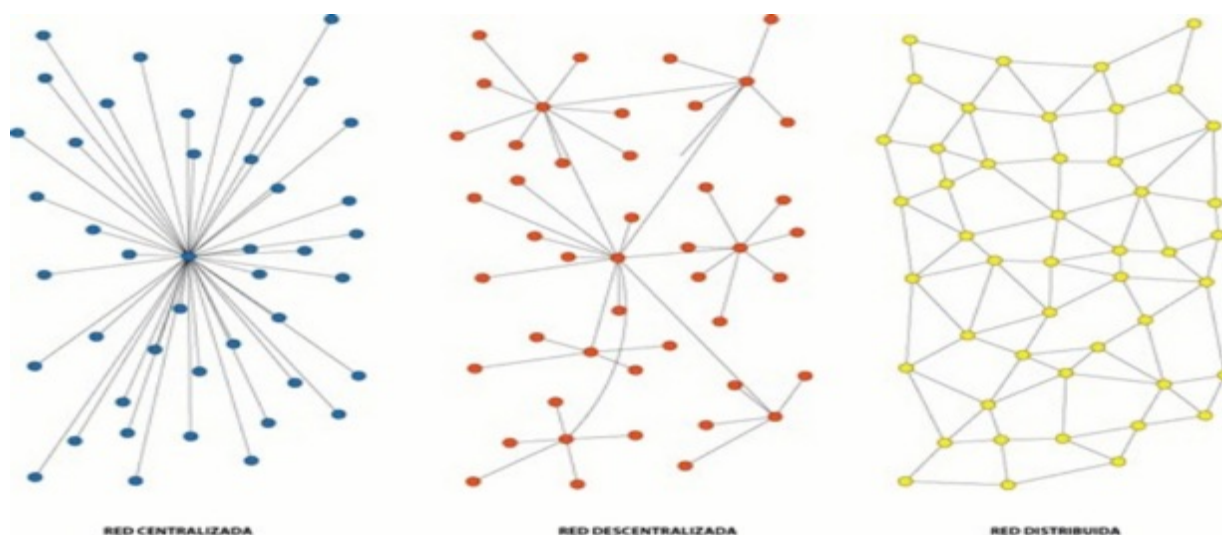
A ideia dessa oficina era ampliar também o escopo de ferramentas que os alunos e moradores já utilizavam em um projeto de comunicação chamado CDD na Web (cddnaweb.com.br). Ampliar as práticas e técnicas de comunicação em ferramentas possíveis articula e movimenta os ideais de produção da comunidade assim como angaria fundos para sua manutenção provando seu bom funcionamento. Os roteadores abertos sem senha para serem transmitidos e divididos pelos pontos de conexão é uma estratégia coletiva de se gerir uma rede de comunicações. A partir dessa infraestrutura, a comunidade teria uma rede de comunicação dentro de sua comunidade, conectando vizinhos, agendas, eventos, organizações, metodologias, enfim, compartilhamentos diretos e intracomunitários de produção. O ponto de acesso a WWW (Rede Global de Internet) poderia ser compartilhada dividindo o aluguel entre moradores participantes, descentralizando as redes e cotidianizando a descentralização, como referenciamos nas imagens utilizadas nas oficinas:

Figura: “Descentralizar o cotidiano é cotidianizar a descentralização”



Fonte: Logo do experimento didático de redes e tecnologia do CAP Livre (Colégio Aplicação UFRJ)

Figura: Rede centralizada, rede descentralizada e rede distribuída respectivamente, apresentadas na oficina com os jovens da CDD.



Fonte: estruturas de rede de Paul Baran (1964)

Apesar do pouco tempo que tivemos, pudemos produzir uma metodologia inicial e também realizar diversas entrevistas com profissionais que acompanhavam o laboratório (professores, participantes) e também com jovens produtores de comunicação e conteúdo audiovisual. Minha contribuição foi como pesquisador de sociologia e artista produtor de conteúdo, principalmente atuando na diplomacia entre estrangeiros técnicos e produtores culturais brasileiros, traduzindo materiais didáticos, de fácil acesso em panfletos sobre tecnologia social, cultura hacker e autonomia comunitária. Neste texto, pretendo trazer algum dos relatos de entrevistas²⁴ e experiências, buscando uma cartografia dos conceitos utilizados, as

²⁴ Todas as entrevistas aqui transcritas foram realizadas no período de realização do LABIC em novembro de 2015 e estão disponíveis no endereço virtual: https://www.youtube.com/user/hacklabcbba/videos?view=0&sort=dd&shelf_id=0

abordagens e problemas encontrados em diversos projetos que trabalham com tecnologia e sociedade²⁵.

Tratando-se do hackeamento de tecnologias de constituição do ser, de sua ética e subjetividade, chegamos à questão problemática da luta pela reforma agrária não só do solo produtivo, mas também a do ar, onde os canais de frequências de transmissão são loteados e vendidos à empresas que cerceiam e impedem o desenvolvimento e inovação de tecnologias mais abertas. Uma rede livre, aberta, neutral e descentralizada constitui uma ferramenta inicial para uma possível autoridade epistêmica distribuída (GONZÁLEZ de GÓMEZ, 2007). Basicamente, não se trata apenas da inserção de tecnologias enquanto produto final na vida das pessoas, mas de como essa tecnologia é criada, como ela é gestada e como se dão os reflexos cognitivos, perceptivos da liberdade do pensamento criativo e da produção livre. Mais profundamente, de como esses problemas podem ser trabalhados na (in)formação das pessoas, e em um ethos constitutivo de tecnopolíticas do Comum (NEGRI, 2011). Na “*Declaração da Independência do Ciberespaço*”, Barlow diretamente se dirigindo à líderes do mundo escreve:

Seus conceitos de propriedade e movimento de expressão de identidade e contexto não se aplicam à nós. Eles são baseados em matéria, e não há matéria aqui. Nossas identidades não possuem corpos, então diferente de vocês nós não podemos obter ordem por coerção física. Nós acreditamos que a partir da ética, auto-interesse iluminado, e o bem-comum (commonwealth) nossa governança vai emergir. (BARLOW, 1996, p.2)

Nesta declaração, encontramos os conceitos básicos da primeira onda de cibercultura como promessa de um intelecto geral e emancipador das repressões físicas do poder, encontramos também os enganos essenciais que levaram a cibercultura às armadilhas do dogma neoliberal. A partir do século XX, uma parte significativa da cultura deixou de ter um norte pró-comum mais direto, assim como algumas áreas de investigação científica. No século XXI, segundo Benkler (2006), tanto a ciência quanto a cultura correm o risco de uma progressiva e ilimitada privatização. As intenções de patentear algoritmos matemáticos fundamentais para a produção de software e venda desde o patenteamento de seres vivos são exemplos de até que ponto a ciência e a tecnologia estão submetidas a uma profunda pressão mercantilista. Essa progressiva apropriação pode supor um notável freio à inovação e à difusão cultural. Pelo contrário, o “procomum” (políticas do bem comum, público) supõe um ambiente de democratização da cultura e desenvolvimento da cidadania (LAFUENTE, 2007). As redes

²⁵ O trabalho em contínua construção pode ser acompanhado através das redes nos links: <http://barriohacker.net/> e https://www.youtube.com/user/hacklabcbba/videos?view=0&sort=dd&shelf_id=0 Acesso em: 30 nov, 2015.

devem se manter como bens comuns que garantam, segundo o fundador do “Creative Commons”, L. Lessig (2006), a liberdade dos usuários. Essa cidadania potencializada se manifesta através de redes sociais virtuais, blogs, videoblogs, comunidades de intercâmbio, movimentos “Open Source” de conhecimento livre, etc... em multidão de mídias, mas que também se manifesta a partir do movimento de deslocamento do poder do centro do sistema para a disputa da e na periferia, em mercados emergentes potenciais.

Antônio Lafuente (investigador científico do Centro de Ciência humanas e Sociais – CSIC da Espanha e coordenador do Laboratório Procomum no MediaLab Madrid) também trabalha a definição do termo ‘inovação social’ para que não se transforme em um produto retórico ou demagogo, tal como há sucedido com a palavra sustentabilidade, democracia e liberdade, (sequestrados pelas narrativas de agenciamento capitalista); mas cada vez mais, na potencialidade do uso das ‘Redes Sociais’. O autor escreve a inovação como “o direito a mudar o que não funciona e fazendo você mesmo”. Trivinho & Reis introduzem em “*A cibercultura em transformação*” (2010), a noção sobre ‘redes sociais’: “Um pleonasmo estrepitoso, nada turista, que, como constatar-se em qualquer época, se alimenta da insensatez típica dos termos correntes e que, no caso, salta aos olhos pelo qualificativo ‘social’ (pluralizado), como se houvesse ‘redes’ (quaisquer) que, em âmbito humano, não o fossem.” (TRIVINHO; REIS, 2010, p. 44).

A utopia das redes e da internet livre logo se torna zona de combate e colonização por outras redes de capitalização e controle. Palestrante convidado pelo LABIC, Antônio Lafuente postula, em entrevista feita pelos participantes, que uma dinâmica de redes deve responder à certas características:

Descentralizada, horizontal, equipotentes, distribuídas, flexíveis e adaptáveis. Formulam uma forma de organização que não precisa de um centro de comando, chefe ou dono, ou seja, outra maneira de fazer algo, de onde as ênfases e prioridades geram um sentido para a mobilização, resiliência e adaptação. A noção das redes digitais como sendo uma idealização das redes humanas. Há hoje muitas críticas se as redes digitais vão ultrapassar as redes humanas, eu acredito que as formas de redes humanas é que formam as redes digitais. E elas são possíveis de muito mais coisas do que apenas informação. Uma tecnologia social é uma tecnologia de onde os usuários é que determinam quais funções querem usar e quais bloqueá-las, em vez de seguir o design de quem a engenhou, ela poder ser aberta para uso, reuso e adaptação de engenharias sociais, mais adaptáveis e potentes quanto aos problemas sociais dinâmicos que surgem (LAFUENTE, 2015).

A capacidade de transmitir e comunicar informações sobre o território é um elemento essencial para a sobrevivência material humana. O desenvolvimento da mídia digital nas últimas décadas tem impactado enormemente sobre como a informação é gerada, analisada e

armazenada. Infra-estruturas estratégicas, redes de sensores remotos, sistemas de informação geográfica, smartphones habilitados para a Web, globos virtuais, mapas digitais, navegação por satélite e serviços baseados em localização formam conjuntos complexos e tecnológicos que têm impacto sobre a produção humana, remodelando os modos de trabalho, de organização de territórios, os fluxos culturais e as ligações íntimas entre lugares e pessoas. Para capturar estes desenvolvimentos em "novos meios espaciais", "neogeografia", ou "GeoWeb", constrói-se toda uma engenharia social de estratégia e controle (LESZCZYNSKI; WILSON, 2013). O geógrafo David Harvey (2008) defende essa questão onde "o direito a cidade é um direito de mudar a nós mesmos, mudando a cidade", entendendo as interações e relações que se estabelecem no espaço público como produtores da construção e do movimento coletivo, mas mais ainda, como direito à infraestrutura. A partir de uma perspectiva mais sócio-afetiva, é a prática política ativa de engendrar processos de mudança e adaptação, que disputam e constroem diferentes realidades e repertórios. Wladimir Valladares, coordenador Pedagógico na NUFAC (Núcleo de Formação de Agentes Culturais da Juventude Negra / RJ), especifica sua experiência local com os jovens da Zona Oeste do Rio de Janeiro:

Junto ao curso de audiovisual e web design do NUFAC, desenvolvemos o estudo de práticas que fornecem ao jovem a noção do poder e empoderamento de sua atuação e intervenção consciente nas relações sociais e políticas em seu meio. A comunidade deixar de ser um elemento passivo no meio urbano cultural e se torna um elemento produtor de ações. Tendo essa consciência dessa relação entre possíveis campos de atuação e as instituições viáveis que já existem, ele pode interferir em sua ação para novas relações não só do uso do espaço urbano mas também das relações políticas sociais do espaço, democratizando-o. No Rio de Janeiro, por conta da apropriação da cultura negra, investimento e eventos que entram com uma abordagem de entretenimento e espetáculo, não fornecem oportunidades para a própria comunidade de se produzir e ela mesmo ser produtora de sua cultura. Deixando o foco de ser o consumo, os ícones ou pontas de sucesso como valor simbólico dominante e organizador das atividades, cria-se uma sensação na comunidade de identidade e de produção cultural mais ampla e diversa, criando sua própria agenda com suas necessidades. Esse processo não necessariamente se dará de forma passiva, ela cria problemas em instituições já estabelecidas, mas o que a rede de informação traz às pessoas é a noção dos seus desafios, no momento em que há mais acesso e possibilidade de criar seu próprio conteúdo: problemas estruturantes passam a ser desafios para outras abordagens construtivistas. Acredito que essa experimentação, essa provocação na sociedade pode se dar através de uma rede livre, um software livre, onde outras pessoas possam entrar, participar e se acomodar. Mas a sociedade é um reflexo da sociedade, não será pacífico, ela não é um bolsão fora da sociedade. Ela hoje está nos meios de comunicação, de consumo, na novela, mas a novela não reflete a comunidade. O projeto de comunidade está aberto à parcerias e colaborações, desde que seja no papel de colaborador, e não

apenas de catalisador. O próprio catalisador é o morador e o debate que ele vai criar nessa rede.²⁶

No âmbito urbano vemos através da entrevista do professor Valladares, a profusão veloz e constante de criação de cultura, apropriação e disputa pelo território produtivo, buscando novas centralidades que lutam nos processos da ‘inclusão de mercado’, que expropria e normaliza a organização e produção dos territórios em sua dinâmica capitalista.

Esta comparação analítica é importante para compreender que tipos de riscos sociais essa dinâmica veloz que a globalização produz e como se projetam no âmbito local e como, a partir do próprio local, se articulam respostas mais ou menos inovadoras diante das inseguranças sociais emergentes. A dialética entre o local e o global ocupa um lugar central assim como as potencialidades (e as limitações) da ação local frente os riscos sociais emergentes, em um localismo interligado e interdependente. Com Bauman (2001, p. 210), entendamos que a “integração e divisão, globalização e territorialização são processos mutuamente complementares. Para dizer de uma forma mais precisa, são dois lados de um mesmo processo”. A incidência dos efeitos da globalização será diferente conforme o contexto sócio-institucional em que se manifestem os diferentes processos da construção das cidades e de cidadanias abertas e plurais, ou controladas e excludentes.

Em um âmbito mais local, menor e rural, vamos analisar o trecho da entrevista (realizadas também no LABIC) de Bruno Vianna e da Cinthia Mendonça respectivamente a seguir, onde relatam as condições do espaço de trabalho rural e casa de residência de projetos NUVEM, na Vila da Fumaça, cidade de Resende no Rio de Janeiro, onde um dos projetos é a ampliação de uma rede pública de wi-fi local:

BV - A internet no fundo não tem sentido em ser paga, é como água, é como falar entre eu e você, e tendo meios físicos para nos conectar, não há necessidade de ser pago. A mesma coisa quando se tem um carro, quando quebrado tentamos arrumar nós mesmo ou trocando uma peça com um mecânico. Em fumaça, interior do Rio de Janeiro, temos um projeto que se chama NUVEM – Estação Rural de Arte e Tecnologia, um sítio que desenvolve projetos interdisciplinares com tecnologias para autonomia e independência, desenvolvendo projetos diversos para tal em residências artísticas e mutirões de infraestrutura. Meu interesse na rede livre é meu próprio interesse numa comunidade, uma sociedade mais autônoma em sua infraestrutura, gerenciada pelos próprios usuários, fazendo decisões, implantando serviços, pensando a rede, não deixando à mãos de governos ou corporações com outros interesses. Da comunidade para a comunidade. Na fumaça há um ponto de internet do Programa de Cidades Digitais do Governo do Estado do Rio de Janeiro, e fizemos um plano de expandir a rede do ponto único da praça principal ao restante

²⁶ Todas as entrevistas aqui transcritas foram realizadas no período de realização do LABIC em novembro de 2015 e estão disponíveis no endereço virtual:

https://www.youtube.com/user/hacklabcbba/videos?view=0&sort=dd&shelf_id=0 Acesso em: 3 dez, 2015.

das casas, em uma infraestrutura própria da comunidade e também com acesso à rede de celular. Construiu-se em seis meses através de reuniões, assembleias para difundir a ideia de redes e atrair o interesse da gente e das pessoas que poderiam ajudar na continuação do trabalho, fazendo a manutenção da rede, menos controlada, menos vigiada.

CM - A Estação rural de arte e tecnologia é um espaço interdisciplinar que acessa arte, ciência e tecnologia passando por experimentos de permacultura e laboratórios colaborativos, sempre unindo pessoas de áreas distintas, criando redes – redes momentâneas que fazem parte de atividades, residências, laboratórios e também redes que tem permanência. A partir do momento em que você começa a desenvolver um trabalho como esse, é natural que comece a se conectar com outros espaços que praticam o mesmo viés de trabalho. Espaços rurais que estão se construindo e se conectando com outras necessidades e desejos, troca de metodologias e técnicas. A impossibilidade de uma força vertical, a forma de rede se formar por rizomas, horizontalidade, descentralizadas, fluídas e espontâneas em sua formação. Todo projeto que conta com autonomia para se desenvolver, tem que ter a vontade das pessoas que estão ali, comprometidas e vinculadas ao projeto. Ter a responsabilidade pela promoção e o envolvimento de outras pessoas - Como fazer essa vontade vir de dentro? De maneira direta, oficinas, pedagogias, educação informal e num segundo momento deixar elas escolherem isso ou não. Muitos projetos pecam justamente por tentar impor essa vontade, e muitas vezes não se concretiza assim. Isso é muito importante para localizarmos na experiência do Brasil, principalmente com esse difícil contato tecnológico, tanto no acesso direto a um equipamento e segundo como saber usá-lo, pois há uma certa alienação quanto a tecnologias. Na comunidade sempre há redes já ativas, e quando viemos de fora, muitas vezes não enxergamos essa rede já existente. Quando se pensa numa intranet ou uma internet paralela e toda essa tecnologia, ela tem que estar muito afinada com o cotidiano da comunidade que vai receber ela, como analogia possíveis das realidades, em relação às necessidades da comunidade, às condições que essa comunidade tem de levar adiante elas próprias, sem depender de alguém ter que ir lá ajuda-las sempre.

Podemos analisar que em projetos sócio-técnicos em regiões rurais a maior dificuldade é de engendrar processos de autonomia que envolvam pessoas locais na continuação do projeto, visto que o contato com tecnologias é distanciado e há relações cotidianas mais instituídas e acostumadas. No caso urbano apresentado na entrevista anterior com o professor Valladares, ainda que também há relações de poder e normatização das relações cotidianas, temos maior incidência de fluxos, contatos, e disputas em uma velocidade assídua de mudança metropolitana e de reconfiguração dos processos e territórios. Além das diferentes formas de fluxo de capital, de território intensificado, de competitividade entre inovações e agenciamentos, temos o problema da apropriação e a lógica do consumo como problema mais divergente no estabelecimento de projetos urbanos, abertos e comunitários de médio-longo prazo. Não adianta ‘tomar’ as redes, e sim em construir ethos culturais produtivos e responsáveis. “Não se trata de reclamar simplesmente as ruas, e sim fazer praças. O espaço urbano intervindo materialmente adota a quem ocupa de novas capacidades e sensibilidade renovada enquanto se equipa com o direito à cidade com novas infraestruturas” (LAFUENTE; ESTALELLA, 2015)

A comunicação descentralizada das redes sócio-digitalizadas dá abertura para uma expansão existencial e produtiva, autonomia de pensamento e expressão, encontros de naturezas variadas, enfim, à articulação de políticas rizomáticas, somáticas e sintomáticas. A apropriação dos meios de produção e difusão de conhecimento livre desenvolve a interatividade nas desconstruções de espaço-temporalidades identitários e reificantes. A ruptura com as fronteiras geográficas e disparidades sócio-digitais reconfiguradas forma zonas de micro poder intercaladas em fluxos descontínuos, em imaginários coletivos experimentais, teias de alteridade, nomadismo intelectual, variações linguísticas e “tecnodialeto estrangeiros”²⁷.

Os movimentos locais de resistência, mudança e ocupação da cidade se intensificaram na última década principalmente com a ‘Primavera Árabe’, passando pelo 15M na Puerta del Sol em Madrid, Occupy Wall Street, e reverberando em especificidades na América latina. Tais protestos tem movimentado a percepção da sociedade civil quanto à dinâmica de poder que realmente está em jogo, tanto o seu poder constituinte da multidão quanto à máquina de capital e controle, buscando e disputando novas culturas de resistência e inovação política.

A vontade de se reapropriar dos centros físicos e coletivos da polis, o centro antigo da política, está profundamente conectada com o impulso da luta democrática, transparente e coletiva da troca humana. A praça e o espaço público voltando a se consolidar como um espaço possível de mobilização e criação de outras tecno-políticas de visibilidade e participação. Tornam-se espaços antagonistas do poder incorporado, unificado do governo central. Um movimento que cria nódulos virtuais e atuais de contra-informação, compartilhamento, bricolagens e reconfigurações de territórios, como forma de experimentação, produção criativa, autoregulação e deliberação, entre redes e ruas que promovam e encorajam o envolvimento individual e coletivo com tecnologias políticas e ontológicas. A forma institucional com o objetivo da revolução social é o comum dos comuns (“Commune of communes”). Um modelo de agrégora descentralizado, horizontal de assembleias que se constituem politicamente no processo, e não em uma ideologia pré-concebida de organização e produção. É nesse caráter processual que podemos ver o deslumbre de um Devir-Hacker, constituindo-se no próprio processo de vir a ser ao inserir-se, cambiar e criar, abrindo-se à novos códigos, linguagens e fronteiras.

O trabalho de Bernardo Gutierrez em mapear experiências e processos de disputa e criação dos “Comuns”, em ensaios jornalísticos e análise de redes, vislumbra a cidade de código

²⁷ Cf.: <http://culturadigital.br/contraculturadigital/tag/submidialogia/> . Acesso em: 15 dez, 2015.

aberto como horizonte democrático transnacional²⁸, buscando em como ativar laboratórios cidadãos elaborando políticas de um certo comum envolvido com fenômenos “hiper-locais”. Antonio Negri e Raúl Sánchez Cedillo, teóricos do comum (Commons), traçam uma relação entre cidade e democracia²⁹:

As acampadas na metrópole, as cidades e inclusive os pequenos povoados têm sido um lugar de encontro constituinte. Eles têm demonstrado que os modos de vida metropolitanos são modos políticos e produtivos em termos gerais. Fazendo com que interajam democracia e a (re)produção da cidade, teremos a possibilidade de articular o político, quer dizer, unir a vontade de ganhar e a capacidade de decisão num tecido amplo, plural e ativo de presenças militantes e produção de programas de transformação. O político se joga no interior disto tudo. Aí se faz carne e osso o problema foucaultiano de “como queremos ser governados? (NEGRI; CEDILLO, 2015).

A diferença delimitada entre inovação cidadã e a abordagem do ‘Smart Cities’, onde vende-se a tecnologia inteligente como panaceia modernizadora, agencia tendenciosamente o conceito de inovação e aprofunda a exclusão através de dispositivos de controle e vigilância. Tais proposições que proponho buscam ainda uma inserção inicial, laboratorial dos processos constituintes homem/máquina, sendo seu poder de criação e reinvenção algo sempre em disputa e incerto e que se dobra à sua própria constituição de consciência. Um prometeísmo Transhumanista³⁰ ou fetichismo tecno-utópico é afastado como uma ilusão de uma tecnologia transcendental, iniciado por uma tecno-utopia californiana e reglobalizado por um neoliberalismo corporativista, ainda que possa engendrar processos outros de servidão, subjetivação e criação em sua dialética histórica. No estudo de Felipe Fonseca acerca do Laboratórios do Pós-Digital (2011)³¹, no qual busca alguma das encruzilhadas dos caminhos brasileiros para a cultura digital e experimental, o autor apresenta a figura de um Cyberpunk de chinelos:

Muita gente não entendeu que não só o Brasil não vai virar uma Europa, como o mais provável é que o mundo inteiro esteja se tornando um Brasil - simultaneamente desenvolvido, hiperconectado e precário. Não entendeu que o Brasil é uma nação *cyberpunk de chinelos*: passamos mais tempo online do que as pessoas de qualquer outro país; desenvolvemos uma grande habilidade no uso de ferramentas sociais online; temos computadores em doze prestações no hipermercado, lanhouses em cada esquina e celulares com bluetooth a preços acessíveis, o que transforma fundamentalmente o cotidiano de uma grande parcela da população - a tal “nova

²⁸ Disponível em: <http://codigo-abierto.cc/la-ciudad-de-codigo-abierto-como-horizonte-democratico-transnacional/>. Acesso em: 15 fev, 2016.

²⁹ NEGRI; CEDILLO. *Podemos além podemos, um poder constituinte na Europa*. Disponível em: http://uninomade.net/wp-content/files_mf/143273480400Podemos%20a%20l%C3%A9m%20Podemos,%20um%20poder%20constituinte%20na%20Europa%20-%20Ra%C3%BAl%20Sanchez%20e%20Toni%20Negri.pdf. Acesso em: 06 jun, 2016.

³⁰ Cf.: “*Contra o Transhumanismo: Desilusão da transcendência tecnológica*”. Disponível em: http://www.softmachines.org/wordpress/wp-content/uploads/2016/01/Against_Transhumanism_1.0.pdf

³¹ Disponível em: <http://baixacultura.org/biblioteca/3-livros/laboratorio-do-pos-digital/>. Acesso em: 6 jun, 2016.

classe média". Grande parte dessas pessoas não tem um vasto repertório intelectual no sentido tradicional, mas (ou justamente por isso) em nível de apropriação concreta de novas tecnologias estão muito à frente da elite "letrada".

Quer se trate do impulso empreendedor com objetivos comerciais, do desejo de criar uma sociedade mais justa e democrática, da exploração estética e de linguagem ou de qualquer uma das possíveis combinações entre esses três e eixos e outros similares, o vasto campo de atividades onde se aproximam cultura e tecnologia tem uma questão central a confrontar. A pesquisa de Fonseca em *“RedeLabs: Laboratórios Experimentais em Rede”* (2014) se pergunta: qual seria seu real poder de influenciar o sentido e o ritmo do desenvolvimento e da apropriação de tecnologias? Existiria permeabilidade aos interesses da sociedade dentro dos processos de desenvolvimento tecnológico? Ou, pelo contrário, seria tal desenvolvimento autônomo e não influenciado - e ainda menos comprometido - com aqueles interesses? Em outras palavras, seria possível desenvolver tecnologias e usos dessas tecnologias que promovessem transformação seguindo linhas intencionais, ou que ao menos aumentassem a probabilidade de ocorrência de transformação de acordo com planos conscientes? Até que ponto instrumentalizar as tecnologias com o objetivo de moldar o futuro é um caminho efetivo para interferir no estado das coisas? Quais são as consequências que isso pode trazer? Entre os diferentes grupos sociais que compõem o cenário no qual operam os laboratórios experimentando diferentes abordagens de devir a prática Hacker, tanto a postura do determinismo tecnológico quanto a ciência enquanto sistema estruturado são criticados. O recurso à experimentação de projetos não necessariamente direcionados à inserção no mercado, bem como a sabotagem consciente das aspirações e da linguagem superficial advinda do empreendedorismo e da inovação comercial e corporativa, são também elementos importantes. Ainda mais importante é a aproximação entre arte e tecnologia como elemento para possibilitar novos usos e saltos qualitativos no desenvolvimento de tecnologias. A arte que surge no contexto dos labs experimentais - ou ao menos o discurso desta arte - é vista em uma postura de resistência contra os vícios da indústria, do consumismo individualista, da sociedade do controle, do esgotamento de recursos naturais e da submissão da diversidade cultural à uma cultura global homogeneizada.

O estereótipo do Hacker não é mais restrito aos matemáticos nem só ao domínio de cientistas da computação. Hoje em dia falamos de hackear museus, universidades e cidades; Growth Hacker, Business Hacker, E-commerce Hacker, Social Media Hacker, Code Hacker. Termos para o mercado que já dão indícios do agenciamento generalizado dessa potência antes livre e desterritorializada. Novamente, o agenciamento e o oportunismo do capital é a

grande problemática acerca da vampirização da biopotência criadora. Companhias como Microsoft ou Oracle, onde há lobistas que trabalham duro pelo “*copyright*” corporativo, jogam com os dados abertos disfarçados de mecenas e investidores da cena hacker. O mesmo ocorre no âmbito dos governos: cidades governadas por partidos e políticos verticais, vinculados a capitais externos, criam espaços com narrativas hackers como forma de terceirizar e precarizar o trabalho e a mão de obra qualificada.

A prefeitura do Rio de Janeiro, por exemplo, em sua corrida à especulação imobiliária, produz despejos de moradias e ocupações pela cidade, propagandeando a renovação e revitalização dos espaços e territórios com tecnologias ditas ‘limpas’ e em um controle tecnológico pelas propostas de ‘Smart City’ junto à grandes empresas internacionais. Sempre ligados ao centro de comando militar e político da cidade como o “Centro Integrado de Comando e Controle” (CICC) construído na estação da Cidade Nova e onde possui uma câmera específica da mídia corporativa “Rede Globo”, sempre ao vivo pronta para ‘informar’. No caso do ‘Lab.rio’, gerenciado pela empresa IBM, põe-se a narrativa dos “labs” e “makers” e suas sub-narrativas (inovação cidadã, economia criativa, co-working, etc.) em voga, sendo gerenciadas e inferidas por investidores e instituições que não trabalham em rede aberta e democrática, apenas se alimentam e agenciam essas tendências, ou seja, muito longe de uma ética hacker. Ante oportunismos e apropriações, nada como reivindicar o espírito hacker e a verdadeira essência dos labs/laboratórios em hackeamentos culturais e performáticos, em ocupações diretas de territórios físicos e virtuais, produtores de reterritorializações ativas, em fronteiras de afirmações e disputas de territórios inventivos e fora da lógica objetiva de mercado entre produtores e consumidores. Esta é a origem de um urbanismo de código aberto, de uma periferia global, uma hackitetura de participação e criação, inspirados por movimentos abertos e em redes éticas de hackers e software livre, aliando e produzindo conhecimentos e práticas políticas de vida, mais livres e solidários, aproximando toda uma ética de trabalho científica, hacktivista, bibliotecária, tecnológica e cidadã em devires-hackers multitudinários e constituintes.

3.2 Drone-Hackacademy

Cartografias de Visibilidade como ferramentas de resistência na Vila Autódromo

O projeto liderado pelo espanhóis Pablo de Soto e Lot Amarós buscou desenvolver metodologias inovativas em seus desdobramentos tecnopolíticos a partir da apropriação de tecnologias e usos comunitários de autonomia e iniciativa local. O projeto comunitário na Vila Autódromo na zona oeste do Rio de Janeiro se contextualizou como caso necessário e possível a partir da urgência e intensificação urbana da política da prefeitura da cidade de realizar desapropriações em áreas perto dos Mega-Eventos, como a Copa do mundo de futebol em 2014 e posteriormente as Olimpíadas Esportivas em 2016. Essa comunidade foi alvo de processos de remoção e gentrificação de áreas de interesse de desenvolvimento econômico do grande capital, como bem exemplificado em seu recente estudo “A Guerra dos Lugares” (2015) de Raquel Rolnik e Saskia Sassen sobre o livro “Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global” (2014).

A partir dessa proposta de apropriação da cartografia e dos mapas por parte de movimentos populares para resistir em seus territórios, diversas comunidades e movimentos estão utilizando drones (aeronaves não tripuladas) equipadas com câmeras de video. Estes equipamentos permitem realizar mapeamentos adequados e de interesse comunitário e exercitar “o direito de olhar” (MIRZOEFF, 2011) em seus territórios para planejar suas atividades coletivas e resistir frente ao avanço do extrativismo e da especulação imobiliária, higienizadora e global.

Estive acompanhando a entrevista de Vitor Ribeiro com a equipe do projeto Drone Hackademy na Vila Autódromo para preparar com os moradores a elaboração dessa cartografia comunitária. Em uma laje das poucas que ainda resistiam aos tratores (alguns foram queimados) na comunidade, estavam os espanhóis Pablo de Soto e Lot Amarós combinando com os vizinhos da vila como seriam os vôos, que imagens poderiam produzir, que pontos simbólicos deveriam centralizar no video e, principalmente, como registrar o avanço da obra do Parque Olímpico sobre a comunidade. Em algumas horas de voos, entrevistas e passeios por toda a vila, 1.200 fotografias em alta resolução foram tomadas por um quadricóptero montado com tecnologia aberta e componentes mais acessíveis financeiramente. Essa criação foi parte da oficina realizada pelo projeto Drone Hackademy com diversos ativistas, artistas e estudantes e a aplicação na Vila Autódromo era o encerramento prático de tudo trabalhado nesses encontros na Escola de Comunicação da UFRJ (ECO). A seguinte entrevista³² se deu entre o fotógrafo jornalista Vitor Ribeiro e Pablo

³² A entrevista pode ser acessada no link: midiacoletiva.org/cartografiacomdrones/ Acesso em: 18 nov, 2016.

del Soto após encontros do “Laboratório de Cartografias Insurgentes” no Rio de Janeiro em 2015. Pablo é arquiteto (‘hackiteto’) e pesquisador (como ele mesmo se define) e esteve no Brasil finalizando sua tese de doutorado na Escola de Comunicação – ECO – UFRJ, realizando projetos e oficinas experimentais que combinam teoria crítica e prática localizada, como projetos ‘Mapping the Commons’, ‘Drone Hackademy’ e ‘After.Video’ (<http://mappingthecommons.net/pt/mondo/> e <http://dronehackademy.net/pt/>).

Figura: “Lançamento na Vila Autódromo”



Fonte: Foto de Vito Ribeiro

“Vitor Ribeiro: Os jogos olímpicos de 2016 integram uma agenda internacional que renova as práticas de exploração do território e atualiza os espaços de fluxos transnacionais. Tem alguma dica de como essa agenda influi no Rio de Janeiro?”

Pablo de Soto: Apenas recomendaria o último livro Saskia Sassen intitulado ‘Expulsões: Brutalidade e Complexidade na Economia Global’, onde aporta um conceito muito agudo e truculento – as formações depredadoras das elites – para referir-se a aliança entre construtoras, proprietários, governos locais e fundos financeiros.

Vitor: E como uma comunidade pode resistir a isso? A Vila Autódromo por exemplo é uma comunidade que tem desafiado e resistido, apesar de tudo, a esse plano depredador das elites. Por que na vila?

Pablo: Não tenho um conhecimento pormenorizado da genealogia de luta da Vila, mas me atreveria a sugerir que alguns pontos chaves são que contém uns elementos de dignidade rebelde, ao estilo zapatista, e que pratica com destreza o ‘afectivismo’ (a mistura de afetos e ativismo), com um papel fundamental das mulheres na organização da resistência.

Figura: “Primeiro Vôo”



Fonte: Foto de Vito Ribeiro Divulgação: #DroneHackademy

Vitor: E o que é #DroneHackademy?

Pablo: É uma iniciativa no presente para nos anteciparmos aos problemas do ‘nosso futuro drone’. Um projeto de investigação no uso dos UAVs como tecnologia social. Que nos referimos a uma práxis que leve muito a sério uma ética dobrada. Empregando e co-criando hardware e software de licenças livres que podem ser re-apropriados e re-aplicados: uma ética hacker. A iniciativa é fruto da minha colaboração com Lot Amorós, engenheiro de computação e artista transdisciplinar. Ambos temos um passado comum nos laboratórios hacktivistas e no ativismo tecnológico da primeira década dos anos 2000, principalmente no território geopolítico do Estreito de Gibraltar (como Indymedia Estrecho y Fadaiat: liberdade de conhecimento, liberdade de movimento). A proposta teórica de #DroneHackademy combina conceitos de contravisualidade de Nicholas Mirzoeff, um teórico que combina estudos pós coloniais e as noções de ciência feminista de Donna Haraway. Em parte prática, os participantes aprendem tanto a construir eles mesmos veículos aéreos não tripulados de código aberto e como se proteger da presença intimidatória de outros UAVs (na sigla em inglês). O projeto toma forma como um dispositivo tecnopolítico extitucional: operando dentro e fora das instituições universitárias e da arte, desfronteirizando os muros da Academia e o Museu para constituir uma infraestrutura aberta em conexão com os movimentos sociais. A primeira edição que sucedeu no Rio de Janeiro contou com a participação de dez estudantes, artistas e representantes de coletivos e associações da região metropolitana do Rio e de outras cidades do Brasil, que foram selecionados mediante convocatória pública. Durante uma semana os participantes foram introduzidos a uma genealogia do espaço aéreo radical e praticam voos com simulador e voos reais com multicópteros. Construímos a partir do zero dois Flones³³, um deles com Arducopter, uma plataforma para UAVs de código aberto criada pela comunidade de drones *do it yourself*, baseada na plataforma Arduino. Como atividade prática final propusemos levantar voo em alguma área de luta social na cidade para experimentar a potência dos UAVs em produzir contravisualidade aérea. O lugar escolhido foi a Vila Autódromo.

Figura: “Primeiros registros do ar”

³³ Metodologia e manual de como montar um drone caseiro: <http://dronehackademy.net/en/en-flone/>



Fonte: Foto de Vito Ribeiro Divulgação: #DroneHackademy

Vitor: Qual metodologia, em breve descrição, da realização de uma cartografia comunitária?

Pablo: Diria que é uma metodologia em pelo menos 3 atos: 1 – Permissão da comunidade; 2 – Ação – Para a ação são necessários alguns saberes técnicos e alguns equipamentos – drone e câmera – um piloto experiente de drones, um conhecimento espacial e de mapas para decidir onde decolar e depois conhecimentos gráficos para fazer a composição fotográfica. A cartografia aérea da Vila Autódromo realizamos a partir de 20 fotografias selecionadas de mais de 1.200 que tomamos com um quadricóptero a uma altitude de 200 a 300 metros entre 9 e 11 horas da manhã do dia 15 de agosto. A fotografia de alta resolução foi composta com a ferramenta online Mapknitter de Public Lab, uma organização e rede aberta de ciência cidadã. 3 – Devolução: O ato final consiste em entregar a cartografia aos vizinhos e as redes de apoio. Fizemos um ato público celebrado no centro comunitário da Vila em setembro.

Figura: Mapeamento e cartografias comunitárias



Fonte: Foto de Vito Ribeiro / RioOnWatch

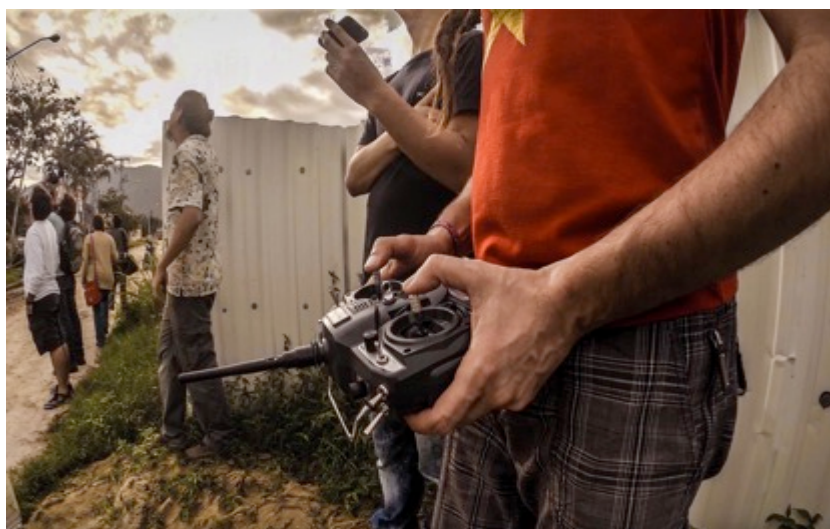
Vitor: Quais conclusões tiraram da cartografia?

Pablo: A primeira que fomos capazes de realizá-la! Porque não foi fácil. Tivemos uma aterrissagem forçada no primeiro dia que fomos e tivemos que voltar um segundo dia para acabar o trabalho. A segunda conclusão é que é possível fazer fotos aéreas em alta resolução e compor uma cartografia aérea, tudo isso em um período de 10-12 horas de intensa dedicação.

Vitor: Que ações práticas podem ser apoiadas por esse material realizado?

Pablo: Nossa ideia é que a fotografia aérea possa ser usada nos processos de advocacia popular e defesa do direito a cidade e a comunidade. E depois oferecendo o mapa na internet, surgirão respostas surpresas que não podemos prever. Uma estudante de antropologia da UFF – RJ que está realizando uma etnografia da Vila Autódromo foi a primeira pessoa que demonstrou interesse direto em usar a cartografia para acompanhar sua investigação.

Figura: Controlando o Vôo



Fonte: Foto de Vito Ribeiro

Vitor: Onde obter mais informações sobre drones ativistas e sobre a própria cartografia?

Pablo: No link <http://dronehackademy.net> pode também baixar a cartografia aérea. Esse é o link direto para ela – <http://medialabufrj.net/download/vila-autodromo-cartografia-dronehackademy.jpg> E, **para** compartilhar com vocês uma informação que pode ser útil, se no futuro uma aeronave sobrevoa sua cabeça de maneira intimidatória. É um guia de autodefesa frente aos veículos aéreos não tripulados que Lot Amorós criou e que publicamos em 3 idiomas na página de #DroneHackademy. O manual propõe uma série de métodos de desativação, muito diversos entre si – psicológicos, balísticos, eletromagnéticos – e que vão depender de que tipo de UAV queremos nos proteger. Disponível em: <http://dronehackademy.net/pt/como-e-por-que-proteger-se-dos-veiculos-aereos-nao-tripulados/>

Figura: Cartografia final do plano aéreo da Vila Autódromo



Fonte: Pablo de Soto/ Drone Hackademy

Mapa disponível no site do MediaLab (ECO/UFRJ-RJ): <http://medialabufrj.net/download/arquivos/vila-autodromo-cartografia-dronehackademy.jpg> Acesso em: 18 nov, 2016.

3.3 Tecnoxamanismo e os Pataxós - Encontro de culturas na costa do Descobrimento

A rede brasileira “Tecnoxamanismo” se desenvolveu a partir de encontros vituais e presentes que discutiam, junto a movimentos de cultura e software livre, a pensar em formas políticas de criar e usar tecnologias para comunicação em diferentes culturas. Uma forma de estender o projeto dos pontos de cultura desenvolvidos pelo Ministro Gilberto Gil no governo federal de Luís Inácio ‘Lula’ da Silva aos quilombolas, às aldeias e outras localidades não contempladas pela centralidade urbana e cultura urbana e ocidental. A proposta desse ativismo de encontros e trocas culturais se desenvolve com o intuito de misturar técnicas modernas e saberes tradicionais, propondo iniciativas coletivas de projetos sociais que a partir dessa rede, produziram o segundo “Festival Internacional de Tecnoxamanismo”, bem ali, onde chegou o ‘descobrimento’ no Monte Pascoal.

Figura: Aldeia Pará dos Pataxós, Monte Pascoal



Fonte: Rafael Frazão, 21 de Novembro de 2016.

O segundo festival ocorreu dentro da reserva indígena dos Pataxós no sul da Bahia com articulação interna da comunidade que convidou e também participou do encontro de culturas com alimentação, alojamentos, rituais, jogos olímpicos indígenas, etc... O tecnoxamanismo prioriza conteúdos que conversem com o desenvolvimento tecnológico (cultura maker, faça você mesmo, conserto de equipamento eletrônico, desenvolvimento de circuitos, instalação de rádio, hackerismo, etc) e nas práticas da Terra (medicina alternativa, horta, rituais indígenas e tecnoxamânicos, permacultura, agrofloresta, experimentações corporais e/ou terapêuticas, etc).

No festival, houve a convocação para grupos indígenas de diversas Aldeias Pataxós afim de criar um espaço de discussão de temas pertinentes aos seus atuais processos, projetos, lutas, rituais, e também para que haja interação e troca com os demais participantes do Festival. Um dos objetivos desse encontro era convergir os trabalhos de indígenas e não indígenas a partir

do tema resistência e rede no antropoceno, articulando uma vivência de trocas culturais e trabalhos conjuntos em oficinas, apresentações de cinema e performances, jogos e conversas. Um projeto de agrofloresta está sendo desenvolvido junto aos indígenas pataxós e a for a feito a construção de banheiros secos, juntamente com uma cozinha, uma estrutura de arena para encontros e a própria casinha de cultura, com ponto de internet wi-fi e três computadores, ao qual foram produzidos uma página no facebook do ponto de cultura chamada “KIJEME Cultural e Digital da Aldeia Pará” e uma Web-Radio indígena Pataxó chamada “Aratu”: <http://radioaratu.eco.br/#ouca>

Figura: Ponto de Cultura construído no Festival com acesso a computadores e internet para a produção e divulgação cultural e digital



Fonte: Rafael Frazão - 27 de Novembro de 2016.

Figura: Encontros e discussões coletivas sobre a construção da cozinha comunitária e o ponto de cultura com web-rádio pataxó.



Fonte: Rafael Frazão - 24 de novembro de 2016.

O caso deste encontro de trocas culturais em um projeto colaborativo que reúne outros projetos em rede para produzir vivências é importante para exemplificarmos como a potencia

de um devir-hacker também perpassa por outros (entre) mundos, culturas, tecnologias, tecnologias de êxtase (xamanismo), etc. Podemos já diretamente identificarmos com uma ética intercultural que Rafael Capurro (2008a, 2008b, 2014) conceitua mas o que nos é mais importante é analisar como esse hibridismo da troca entre humanos e tecnologias múltiplas se dá e se produz em diferentes formas organizativas e produtivas de vida. Quanto a essa junção de conceitos entre Tecnologia e Xamanismo, a ativista Fabiane Borges define assim:

Uns consideram o termo fruto de um profundo exotismo, outros criticam o termo acusando-o de apropriação indevida das culturas tradicionais. Outros questionam a falta de “poder espiritual” de tais procedimentos, mas outros, os que nos interessam, vêem na conexão entre as duas formas de conhecimento indícios de uma nova ética, uma ética ecológica, ou ainda uma ética transformadora que conceba a tecnologia não como um projeto evolucionário mas como um organismo vivo, interdependente do seu meio e, assim como o próprio planeta Terra, capaz de auto-regulação. É uma tentativa de juntar duas formas de conhecimentos que são constantemente separadas. A bruxa e o cientista. O curandeiro e o médico. A feiticeira e o robô. A convergência entre técnica e xamanismo é um investimento de reparação de erros antigos de má distribuição de saberes e julgamentos deterministas precipitados a respeito das formas de conhecimento. O tecnoxamanismo apela ao animismo, às religiões da natureza, as visões de mundo mais tradicionais, ou ainda ancestrais, a fim de trazer à tona suas sincronicidades, fazê-las interpenetrarem-se. Por outro lado investe em um futuro mais equilibrado, onde o projeto de super desenvolvimento das máquinas não acabe por criar uma fissura irremediável entre humanos e máquinas, fabricando assim robos escravizados, hackeados em toda sua expressão, dessubjetivados. O uso do nome então pode ser visto como um ativismo da matéria, um investimento na subjetividade da matéria, no atravessamento de diferentes naturezas comunicantes entre si, tirando o foco das fronteiras entre orgânico e inorgânico. Também pode ser pensado como uma forma bem humorada de lidar com catástrofes iminentes, ou ainda, como uma utopia contemporânea. De qualquer modo, a idéia da fusão desses conhecimentos vem da vontade de fortalecer seus atributos mais vigorosos: a performance técnica do xamã e a magia da máquina. (Disponível em: <https://catahistorias.files.wordpress.com/2012/07/nanopolitics-texto23.pdf> . Acesso em: 28 jul, 2016).

O caso de um dos rapazes guerreiros da tribo, “Allawê”, já morou na Favela da Maré no Rio de Janeiro e viajou por diversas aldeias pataxós ao longo da costa, explicita uma dinâmica capaz de um devir-hacker entre-mundos. Um Pajé é reconhecido e geralmente formado a partir do seu contato cosmológico com o inominável, seja na floresta sozinho onde conjura suas experiências ou em seu trânsito por entre as aldeias e muitas vezes também pelo ‘mundo-branco’. Essa dinâmica de ir e voltar, entre-mundos, acaba por configurar experiências diferentes ao qual o Pajé irá conjurar e comunicar ao restante da aldeia suas impressões e contatos. Confabulam formas de conexão em que os xamãs estabelecem uma ligação entre seres humanos e espíritos, almas de mortos e de animais em um mundo cósmico e permeável, em uma cosmologia aberta e que não separa natureza de cultura. Ao invés de se ter um símbolo ou ferramenta que os conecte, os xamãs e pajés vão pessoalmente encontrar e se conectar com entidades ontológicas.

Figura: Encontros e trocas rituais entre índio e não-índios.



Fonte: Rafael Frazão - 25 de novembro de 2016.

Podemos vislumbrar um devir-hacker nesta dinâmica de vida pois ele atravessa mundos, se adaptando e ocupando espaços das sociedades e recriando em sua prática, novas formas de se viver o pós-apocalipse civilizatório, como afirma Viveiro de Castro:

Diante disso... nos restará pouco além de aprender com aqueles que, sem sonhos produtivos e consumistas, são o oposto dos pobres: os índios. No Brasil, eles experimentam o apocalipse desde 1500. Se há algo que conhecem bem, é como tentar “viver melhor num mundo pior”, num presente/futuro que foi “roubado por nós mesmos de nós”. Disponível em: <https://umaincertaantropologia.org/2014/10/26/suando-no-apocalipse-folha-de-s-paulo/> Acesso em: 15 ago, 2015.

Figura: Pajé Djalma, Mãe Roxa e Pajé Caruncho Dendê, e Mãe Coruja respectivamente.



Fonte: Rafael Frazão - 21-27 de Novembro de 2016.

Partimos de um contexto tecnológico-comunicativo marcado pela comunicação das coisas, por eventos e existências que “transcorrem em meta-territorialidades informativas” (DI FELICE, 2012). Tal situação tecnológica aponta para a possibilidade de qualquer entidade, humana ou não (clima, animais, árvores, alimentos, embalagens etc.), de ser reconhecida por qualidades informativas e digitais, a metalinguagem do código, experienciando perspectivas outras e atravessando agenciamentos que a transformam ontologicamente, em uma constituição reticular dos seres e ambientes que permeiam e abrem fronteiras. Em uma globalização cada vez mais complexa e interconectada, a política precisa ser pensada como cosmos, um mundo onde, no dizer dos zapatistas, caibam muitos mundos.

A pesquisa de pós-doutorado da Eliete Pereira “Ciborgues Indígen@s .br: entre a atuação nativa no ciberespaço e as (re)elaborações étnicas indígenas digitais” (2007), no campo da comunicação, vem a corroborar com esta questão tecnológica e intercultural em que conceitos como o virtual, conexão e rede, já são há muito tempo usados e praticados no “Pensamento Selvagem” (LÉVI-STRAUSS, 1976) e em formas de “xamanismo transversal”³⁴ (VIVEIROS DE CASTRO, 2009). Essa imbricação tecnológica, social e cultural e a produção de fluxos interculturais começam a se misturar em territórios de encontro mas também de disputas e conflitos. A presença indígena ‘brasileira’ no ciberespaço, evocada por Eliete Pereira na imagem dos “ciborgues indígenas”, entende nesta expressão uma nova condição nativa contemporânea atravessada por softwares e hardwares, sistemas informativos e fluxos comunicativos. “Com a apropriação das novas tecnologias comunicativas, organizações e

³⁴ “O xamanismo amazônico... é a continuação da guerra por outros meios. Isso porém nada tem a ver com a violência em si mesma, mas com a comunicação – uma comunicação transversal entre incomunicáveis, uma comparação perigosa e delicada entre perspectivas onde a posição de humano está em perpétua disputa. A quem cabe a posição de humano aqui? – essa é sempre a questão que se põe quando um indivíduo confronta um emissor estranho de afetos e de agentividade...” (VIVEIROS DE CASTRO, 2009, p. 171-172).

sujeitos indígenas inauguram no novo contexto de uma sociabilidade tecnológica, distintas formas de atuação e auto-representação, delineadas pela visibilidade e pela tomada da palavra eletrônica” (PEREIRA, 2007).

O perspectivismo ameríndio, alternativa teórica e conceitual desenvolvida a partir de cruzamentos entre o pensamento nativo e o europeu, além de provocar torções nas categorias antropológicas derivadas da clássica distinção entre Natureza e Cultura (universal e particular, necessidade e liberdade, etc.), parece ainda contribuir de forma significativa para a chamada “virada ontológica” que emerge especialmente na filosofia e na teoria social ocidentais, ao questionar seus pressupostos no que tange à relação entre o pensamento e a realidade... A aliança com o xamanismo e um sistema de pensamento cujo regime de verdade implica a ideia de múltiplas naturezas parece ser uma chave possível para a construção de uma noção de comunicação perspectivista e ecológica que escape aos dilemas da representação versus realidade, sujeito/objeto, que há algum tempo vêm sendo confrontados pela filosofia da ciência e pela antropologia. (MOREIRA, 2014, p. 139).

Como já mostrou Pereira (2013), o processo de hibridação com as tecnologias comunicativas digitais não apenas coloca os indígenas em uma posição de abertura para negociação no contexto ocidental, como abre novos espaços de fortalecimento de seus “modos de devir”, construídos no entre ocidente e não-ocidente, “ao distribuir, entre os indígenas e neo-xamãs, arco e flecha digitais” (PANKARARU apud PEREIRA, 2012, p. 103) e, entre os não-humanos, “novas formas de expressão e capacidades info-comunicativas” (LE MOS, 2005).

A velha questão epistemológica que visava responder à pergunta “como conhecemos a realidade?” cede, aos poucos, lugar a um crescente interesse pelas múltiplas ontologias³⁵ (o que vamos aprofundar no próximo capítulo 4). Associações que constroem o vir-a-ser de entidades e que se distinguem da ontologia clássica³⁶ ocidental no que concerne ao empenho dessa última em desvelar a natureza do ser ou dos distintos modos de ser do mundo, novamente criando categorias para apreendê-los (ou aprisioná-los)³⁷.

³⁵ Cf.: CARRITHERS. *Ontology Is Just Another Word for Culture?*. *Critique of Anthropology*, n. 30, v.2, 2010, p. 158.

³⁶ “A principal contribuição do pensamento heideggeriano... estaria na rejeição das construções ontológicas ocidentais que pensavam o ser como universal, abstrato e a-temporal, e no desenvolvimento de uma ideia de ser como habitar, como resultado da comunicação entre diversos elementos e não de uma essência pré-determinada. Nesse sentido, Di Felice recupera-o para pensar as condições tecno-midiáticas que reconfiguram o habitar contemporâneo como um dinamismo simbiótico que superaria a separação entre homem e ambiente. Nessa reelaboração do ser-aí, o habitar é pensado como prática comunicativa e o projeto do “ser no mundo” passa a estar vinculado também à dimensão tecnológica que o informa e o define. O habitar não é mais apenas aquilo que relaciona homem e mundo e se inscreve na coisa, mas o que resulta da simbiose entre homem, tecnologias comunicativas e ambiente.” (MOREIRA, 2014, p. 279)

³⁷ “Não é de se espantar, enfim e sobretudo, que a chamada “virada ontológica” que vem acontecendo na “nossa” filosofia (por isso falei que a metafísica tornara-se novamente uma ocupação respeitável), e que equivale a um certo “dar as costas” para a linguística, ou pelo menos ao abandono da linguagem como paradigma do fenômeno humano, venha cada vez mais mostrando interesse por alternativas ao correlacionismo antropocêntrico derivado da revolução copernicana de Kant, e que as metafísicas indígenas ofereçam aqui um tesouro de idéias para esse projeto de reontologização do que havia sido reduzido ao epistêmico e ao categorial. Trata-se de repor

Maffesoli (apud DI FELICE, 2011, p. 145) sugere que “o nomadismo e a internet estão indo cada vez mais em acordo”. O nomadismo digital forja novos “imigrantes da subjetividade” (LÉVY, 1998). Sem sairmos fisicamente do lugar, transitamos por paisagens informativas diversas e experimentamos transformações ontológicas profundas quando confrontamo-nos com referências, condições e outras possibilidades de existência. A multiplicação contemporânea dos espaços produz nômades de um novo estilo: em vez de seguir linhas de voo, de errância e de migração dentro de uma extensão dada, saltamos de uma rede à outra, de um sistema de proximidade (atratores estranhos) ao seguinte. “Os espaços se metamorfoseiam e se bifurcam aos nossos pés, forçando-nos à heterogênesse” (LÉVY, 1996, p. 77).

A digitalização, tradução, remixagem e disseminação de uma enorme quantidade de dados provenientes dos ambientes participam da invenção de trajetórias de conhecimento (LATOUR, 2006) e são desenvolvidas no seio da própria sociedade, fora dos laboratórios e da academia. Não apenas porque as palavras, os textos, sons e imagens que circulam pelas redes digitais se acrescem e transformam as ideias sobre o mundo, mas porque o código binário, manipulável de forma (ainda) descentralizada, produz um modo de existência específico, por meio do qual os existentes passam a se comunicar (conectar) instantaneamente, alterando a própria estrutura do mundo, em um devir-hacker constituinte. “As transformações ultrapassam as ideias e atingem a carne” (HARAWAY apud MOREIRA, 2014, p. 303).

Ao lado da invenção de uma nova linguagem e de novas ideias, o complexo científico-tecnológico produz também as transformações fundamentais da estrutura do mundo a partir de “uma relação íntima entre mente, corpo e instrumento” (HARAWAY, 2009, p. 66-67). Dessa forma, a situação tecnológica contemporânea, caracterizada pelo transbordamento perverso, insere a comunicação em uma problemática que extrapola a esfera da interpretação ou da significação sobre o mundo e alcança a dimensão da conexão e experimentação com mundos como também indica Latour em seu “Modos de Existências” (2013).

As árvores falam agora em algoritmos, em linguagem binária, uma metalinguagem que emerge como potência cosmopolítica (STENGERS, 2010), porque acessível ao dissidente, às singularidades múltiplas, às diferenças que nela se constroem e desconstroem. Aumentam, portanto, “as chances de afetação recíproca entre heterogêneos, de experiência íntima das fronteiras” (HARAWAY, 2009). “No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo;

somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política (HARAWAY, 2009, p. 37).

Um conceito que o festival de Tecnoxamanismo se baseia é o de “Ancestrofuturismo”, referindo-se à processos de resgate do passado para se construir um futuro. Processos de hibridismos interculturais que permitam a transferência de suas linhas de produção para um devir-futurista, onde suas ancestralidades passam a sobreviver mediando novas reincorporações extensivas (tecnológicas) e intensivas (míticas). Os indígenas, assim como os aborígenes, e os "anormais" possuem corpos mutantes onde suas linhas de virtualidade, ao passar pelo devir, despreendem diferenciadas coordenadas mutantes advindas de suas ancestralidades. O índio não está preso ao passado como um objeto a ser estudado por antropólogos ávidos e dependentes da cultura pura e intocável. As etnias minoritárias se encontram em territórios que também sofrem as zonas de sacrifício do capitalismo global: crise ambiental, precarização do trabalho, especulação imobiliária, turismo, drogas, diabetes, prostituição, etc. Os índios Pataxós sobrevivem a imperialização capitalista há mais tempo que os recentes precarizados, podendo fornecer um campo de troca e resistência conjunta. A relação psicológica e criativa com as tecnologias pode ser fundamental na medida em que operam uma tradução de mundos - entre-mundos - virtuais e afetivos dos ensinamentos espirituais e xamânicos que esse encontro tecnoxamânico possa vir a reverberar, como os Maias que operavam e pensavam a partir de cosmo-políticas celestes³⁸.

Figura: Awê (ritual) de abertura dos encontros no picadeiro construído pelo festival na Aldeia Pará.



Fonte: Rafael Frazão

Figura: Ritual de fechamentos do festival em um ‘duelo’ de rituais e músicas entre pataxós e indihis (os não-índios).

³⁸ LIMA, Tânia. *Por uma cartografia do poder e da diferença nas cosmopolíticas ameríndias*. UFF, XXX ANPOCS, Caxambú – MG, 2006.



Fonte: Rafael Frazão

CAPÍTULO 4 – ‘HACKEANDO’ A MÁQUINA

Isso funciona por toda a parte: umas vezes sem parar, outras descontinuamente. Isto respira, isto aquece, isto come. Isto caga, isto fode. Mas que asneira ter dito o isto*. O que há por toda a parte são mais máquinas, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com as suas ligações e conexões. Uma máquina-órgão está ligada a uma máquina-origem: uma emite o fluxo que a outra corta. O seio é uma máquina de produzir leite e a boca uma máquina que se liga com ela. A boca do anorético hesita entre uma máquina de comer, uma máquina de falar, uma máquina de respirar (ataque de asma). É assim que todos somos ‘bricoleurs’**, cada um com as suas pequenas máquinas. Uma máquina-órgão para uma máquina-energia, e sempre fluxos e cortes... Algo se produz: efeitos de máquinas e não metáforas. (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p.1)³⁹

O caminho ontológico de subversão e mutação de um Devir-hacker se dá tanto através das máquinas da inteligência quanto nos processos de subjetivação, analisados nesse estudo através de duas transversais (Social e Material) que influenciam na formação e criação (“Entwendung”***) de extratos sociais: produtivos, organizacionais, semióticos, tecnológicos, ideológicos, etc. Por um lado, a sujeição que molda o processo social de individuação na cultura e por outro, através do caráter servo-maquínico dos dispositivos de organização da produção, engendrados em um capitalismo tardio informacional como sistema global de produção de territórios, físicos e existenciais, nas sociedades de controle.

Não mais uma mera ferramenta para a representação do processo econômico, a linguagem se torna a principal fonte de acumulação, constantemente desterritorializando o campo de troca. Especulação e Espetáculo entremeados, devido a natureza inflacionária e intrínseca (metafórica) da linguagem. A teia linguística da semio-produção é um jogo de espelhos que inevitavelmente é perturbada por crises de sobre-produção, bolhas e explosões (BERARDI, 2014, p. 94).

O capitalismo neoliberal é caracterizado, portanto, por um regime de processos de subjetividade, a sujeição – centrada no agenciamento de subjetividades no sujeito individual – e a servidão – que envolve a produção de mecanismos e dispositivos, de execução e controle do encadeamento produtivo/organizacional das multiplicidades subjetivas produtivas humanas e também não-humanas (porosidade constituinte entre sujeito e objeto). Por um lado, agenciamento coletivo de enunciação e por outro agenciamento maquínico de desejo produtivo (D; G, 1977, p. 18). Apesar de heterogêneos, esses dois processos ou tratamentos da subjetividade são complementares, interdependentes e contribuem para o funcionamento no capitalismo em um conjunto essencialmente de maquinismos, embora as subjetivações e

³⁹ * [Ça no original. Em francês é possível fazer um jogo polissêmico entre o ça (isto) e o ça freudiano (id), jogo que é impossível manter em português.]

** Bricolage, é uma palavra intraduzível em português que designa o aproveitamento de partes, coisas usadas, partidas, ou cuja utilização se modifica adaptando-as à outras funções.

*** “Furto sem Aquisição” - Roubo, plágio, assemblages, bricolagem, (des)apropriação, malversação, abstração, defraudação. Trad.: <http://www.dict.cc/german-english/Entwendung.html>

personificações que promovem nunca possam ser reduzidas a simples cópias mecanicamente derivadas das condições desses dispositivos. Ao contrário, os maquinismos implicam redes junto à órgãos sociais de tomada de decisões, gestão e reação, uma tecnocracia e burocracia que não podem ser simplesmente deduzidos do funcionamento das máquinas técnicas, há sempre pontas soltas, algo que escapa, renovando o devir dos acontecimentos constitutivos (multiplicidade que conecta, multiplicidade que escapa, desterritorialização e reterritorialização, descodificação e codificação).

A cada tipo de sociedade, evidentemente, pode-se fazer corresponder um tipo de máquina: as máquinas simples ou dinâmicas para as sociedades de soberania, as máquinas energéticas para as de disciplina, as cibernéticas e os computadores para as sociedades de controle. Mas as máquinas não explicam nada, é preciso analisar os agenciamentos coletivos dos quais elas são apenas uma parte (DELEUZE, 1990, p. 237).

As sujeições não apenas geram “pessoas” (máquinas-desejantes) do capitalista e do trabalhador, como também ferramentas cognitivas que fazem a máquina social funcionar (homem/mulher, professor/estudante, burocrata/funcionário, etc.). Ao dividir o agenciamento maquinico entre sujeitos e objetos, os últimos (natureza, animal, incluindo aí o animismo, ferramentas, objetos, signos, símbolos, etc.) são esvaziados de toda sua criatividade, da capacidade de agir e produzir em apenas ter, sendo atribuídas somente ao sujeito individuado, proprietário de si mesmo (ou não proprietário/individuo). A propriedade não é apenas um dispositivo para a apropriação econômica mas também para captura e exploração de subjetividades não humanas – táticas necrotróficas e parasitárias (Cf.: Capítulo 4.4). Ao afirmar que a criação e a produção são apenas façanhas do homem, usa-se o mundo esvaziando-o de sua alma, a natureza com objeto, como objeto ferramental, um instrumento de atividade, uma terra para exploração, um meio para seus fins. O intelectual e professor Peter Pal Pelbart narra um encontro na exposição de arte indígena da Oca do Ibirapuera, onde:

tive o triste privilégio de visitar ao lado dos índios “vivos”. Na saída o cacique Xavante me desabafou, num diagnóstico de inspiração fortemente nietzschiana: “tudo isso é para mostrar a vaidade de conhecimento do homem branco, não a vida dos índios”. Nunca ficou tão claro o quanto a assepsia de um museu encobre de violência e genocídio – tema benjaminiano por excelência. O domo branco de Niemeyer, a superfície lisa, as curvas sensuais dos corrimãos metálicos, a luminosidade cuidada – tudo ali ajudava a ocultar que cada objeto exposto era espólio de uma guerra. Não havia uma gota de sangue em toda a exposição. A morte fôra expurgada dali, mas também a vida. Não reencontramos, nessa museologização da cultura indígena, nosso vampirismo insaciável? (PELBART, 2003, p.59)

A sujeição servil que estamos falando se dá justamente nesta interseção entre o molecular maquinico e o molar social que D&G desenvolvem, ao traduzir, converter e reduzir a

multiplicidade à uma série de dualismos (sujeito/objeto, natureza/cultura, proprietário/não-proprietário). A proposta de se pensar em um Devir-Hacker é caracterizar ações tecnopolíticas entre o molar e o molecular como linhas de fuga que atravessam, hackeando por dentro e contra, os maquinismos de servo-controle, social e produtivo, considerando também os atravessamentos cognitivos e simbólicos em sua competência tecno-informacional.

A capacidade de converter a dimensão maquínica em modalidades experimentais de subjetivação, criticando, reconfigurando e redistribuindo os papéis e funções dentro e além da divisão do trabalho, é identificada na potência hacker, em um cognitariado desterritorializado e criativo de tecnologias e políticas na era informacional. Da gambiarra aos sistemas complexos de códigos híbridos, um hacker possui a competência informacional de articular diferentes sistemas em uma potência tecno-fágica de agenciamentos de linguagem, técnica, informação e inventividade - indicam uma potência criativa de desvio como abertura processual ao fora – Alquimia Caósmica (informacional). (No Capítulo 5 irei aprofundar essa questão ‘caósmica’ indentificando-a ao informacional).

No início desse capitalismo cognitivo, a experimentação que vinha se fazendo coletivamente para emacipar-se do padrão da subjetividade dominante, torna-se indistinguível de sua incorporação pelo regime. Muitos dos protagonistas de movimentos sociais das décadas anteriores caíram nessa armadilha: deslumbrados com a celebração de sua força de criação e de sua postura transgressora e experimental, até então estigmatizados e confiadas na marginalidade, fascinados com o prestígio de sua imagem na mídia e seus altos salários, se entregaram voluntariamente à sua cafetinagem, tornando-se em sua maioria, os próprios criadores dos mundos fabricados para e pelo capitalismo em sua nova roupagem. (ROLNIK, 2014, p. 18).

Uma política de criação de territórios é o que vemos na produção e propaganda contemporânea de estilos e modos de vida, em uma subjetividade pós-fordista, desterritorializada em esferas e bolhas de gosto, interação e interesse individuais. A identificação com as imagens de mundo veiculadas pela publicidade e cultura de massa em visões do paraíso ou da vida perfeita é acessível agora neste mundo para alguns privilegiados caso depositem toda sua energia libidinal em adentrar ao programa do consumo de objetos e serviços. A constituição de regimes de signo, de valor e desejos informacionais, inventadas por esse ‘cognitariado’ cultural, se tornam realidades da produção contemporânea de nossa existência.

Ainda que necessitem utilizar-se da linguagem institucional e de mecanismos retóricos para levar a cabo seus desígnios, devires e projetos, devem ao mesmo tempo ‘sabotar’ conscientemente estes mecanismos de agenciamento e servidão, sendo na linguagem ou no código, em uma pragmática ou dialética ‘hacker’, de frente aos maquinismos totalitários,

tanto ideológicos como produtivos, pondo em prática um ‘habitus’ ético-político, intrínseco à suas expressões constituintes tecnológicas e subjetivas.

Como indica Deleuze em seu livro “Empirismo e Subjetividade” (1953), a grande questão trazida do empirismo inglês de Hume é justamente em como na experiência se constitui um sujeito capaz de ultrapassar sua própria parcialidade. Isto é possível porque as relações são exteriores aos termos relacionados, o que eleva esse empirismo a um nível superior, em um empirismo transcendental, “por isso tornam-se possíveis o artifício e a invenção. É esta a dupla potência da subjetividade: crer e inventar; presumir os poderes secretos, supor poderes abstratos, distintos” (DELEUZE, 1953, p. 100). Como aquela ultrapassagem e essa exterioridade são também dados, a fórmula da grande questão de Hume vem a ser esta: “como o sujeito se constitui no dado?” A partir desta hipótese é que esta dissertação engendra em sua busca diagramática da produção e criação de máquinas, técnicas e subjetividades no capitalismo info-contemporâneo mas também como potência de criação de outras tecnologias e linguagens, estruturas e políticas.

Tais considerações são uma abordagem para desenvolvermos um plano de compreensão da mutação antropológica que está em andamento na contemporaneidade tecno-informacional. Através da abordagem de Franco ‘Bifo’ Berardi (2014), o plano de composição e mutação se constitui essencialmente em uma transição da predominância do modo conjuntivo à predominância do modo conectivo na esfera da comunicação humana. A mudança tecnocultural segundo Bifo é centrada sobre o parâmetro conectivo como paradigma de intercâmbio comunicacional da sociedade. O principal fator dessa mudança é a inserção de segmentos eletrônicos no continuum orgânico produtivo, a proliferação de dispositivos digitais no universo biológico de comunicação e no próprio corpo. O efeito dessa mudança é uma transformação da relação entre consciência e sensibilidade, e a crescente des-sensibilização (diminuição da potência afetiva) na troca de sinais/signos. ‘Bifo’ delimita a conjunção como o encontro comunicacional entre sujeitos (“fusão de corpos redondos e irregulares”) que continuamente reformulam sua morfologia e significado sem precisão, repetição ou perfeição. A conexão seria a interação pontual e repetível de funções algorítmicas, linhas retas e pontos que se sobrepõem perfeitamente ligando-se de acordo com modos distintos de interação, tornando as diferentes partes compatíveis com um padrão pré-estabelecido, inputs e outputs (BERARDI, 2014, p. 19).

A intensificação cambiante e mutante para o conjunto de conexão como o modo predominante de interação consciente entre os organismos é uma consequência da digitalização de sinais e a crescente mediatização das relações. A digitalização dos processos

comunicativos induz uma espécie de des-sensibilização em curva: o processo contínuo de lentamente tornar-se, devir-se; em uma espécie de sensibilização ao código, em mudanças bruscas de estado (Ibid), ao qual o devir-hacker irá surgir. A tradução gradual de interpretações “semânticas” em diferenças “sintáticas” é o processo que vai do racionalismo científico moderno à cibernética e aos programas de inteligência artificial desde os anos sessenta (1960), e onde também um devir-hacker da linguagem se desenvolve, hackeando significantes, códigos e valores produtivos. Em artigo sobre a relação da linguagem com o pós-fordismo, Marazzi (1997) deixa claro que, na era pós-industrial a comunicação não se separa da produção, mas, ao contrário, se coincidem em complexidades produtivas que diversificam e ‘inovam’ o desenvolvimento econômico. É portanto necessário definir qual é a natureza das “máquinas linguísticas” em jogo na comunicação produtiva:

A linguagem de que falamos é a linguagem que produz organização no interior da esfera do trabalho, no interior da empresa. Para ligar melhor a produção às oscilações do mercado, o processo de trabalho é estruturado de modo a fluidificar ao máximo a circulação de informações, graças às quais poderá responder, em tempo real, às demandas do mercado. A comunicação de informações usará, portanto, uma linguagem ágil, funcional, uma linguagem lógico-formal feita de símbolos, signos, códigos abstratos, condição indispensável para permitir, a todos aqueles que colaboram no interior da empresa, interpretá-los de imediato, sem hesitação”. (MARAZZI 1997, p. 44).

O processo de intensificação das ‘Tecnologias de Informação e Comunicação’ (TIC) opera uma nova camada de experiências estéticas, simbólicas, semióticas e ideológicas, além de novas formas de experimentação, produção e organização. Cabos, canais e tubos estruturados para vias de informação se abrem em novos territórios de criação e conquista do virtual comunicacional, como rodovias para automóveis ou shoppings ‘culturais’ para a ‘revitalização’ urbana. Uma re-vida representada, monolítica na planificação do modo de vida ontológica (colonização molar do ‘Ontos’, do ‘Nomos’ e do ‘Logos’) e do ‘desenvolvimento e progresso’ da organização produtiva e econômica que se sobrepõe pela lógica do capital.

Para Lev Manovich (2001), a computação impõe uma estrutura particular caracterizada por listas, arquivos, vetores, variáveis e algoritmos separados de bancos de dados e por outro lado, preserva as condições necessárias para que seja entendida e reapropriada. Por isso, conforme Galloway (2004), a capacidade de resistência do hackeamento e da reflexão a seu respeito serão decorrentes do tratamento dado aos ritmos políticos de especificação, programação, desenvolvimento e desinfecção (debugging) da tecnologia, em suas dimensões informacionais e sóciológicas. O hackeamento é uma excentricidade, um transbordamento, uma ciência nômade que opera em termos de marginalidade, no sentido de que sua posição do lado de fora

acompanha e ajuda a delimitar os contornos do poder vetorial. Tanto pode desenvolver aparatos e usos dissidentes, quanto romper a caixa-preta indecifrável de cada artefato projetado para operar como “mecanismo de controle estratificado” – “Qualquer código que hackeamos, seja programando linguagem, poética, matemática ou música, curvas ou colorações, nós criamos a possibilidade de novas coisas entrarem no mundo” (WARK, 2004,)

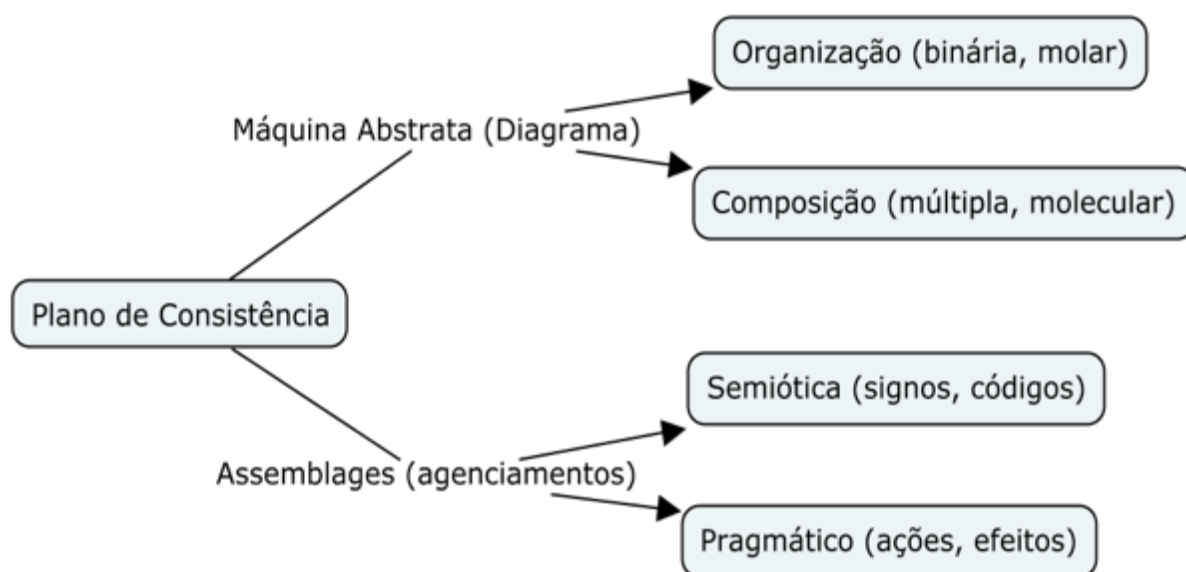
É possível neste ponto, analisar por que a forma política da democracia clássica representativa herdada do fordismo entra em nova crise na contemporaneidade. A comunicação é pluridimensional, é múltipla, passa por muitos discursos; e os discursos, como demonstrou Derrida (2008), são ilhas de sentido próprio (‘atratores estranhos’) que não podem simplesmente se traduzir em uma linguagem lógico-formal comum, como queria Habermas (1990), operando com uma pretensa racionalidade universal. Logo, a superposição entre produção e comunicação torna complexa a passagem institucional dos interesses individuais aos interesses coletivos: “Cada um tende a representar-se por si mesmo; a aprendizagem das técnicas comunicativas no interior do processo trabalhista-produtivo parece bastar para salvaguardar os próprios interesses” (MARAZZI 1997, p. 50).

A servidão “molar” também trabalha sobre a desterritorialização ou descodificação dos sujeitos e objetos com componentes “moleculares”, potencialidades não individuadas e intensivas da subjetividade, assim como com componentes não individuados, intensivos, moleculares da matéria e das máquinas. A ciência transforma a matéria em fluxos descodificados ao tratar as moléculas e átomos como ‘forças’, assim como estratifica e organiza forças em segmentos, extratos, em máquinas técnicas e produtivas, mobilizando elementos nucleares e químicos em outros novos extratos em fluxo. Assim como dinheiro e as finanças são perfeitamente capazes de desterritorializar a ‘matéria’ social, minando e burlando leis, principalmente as trabalhistas e da previdência social, a servidão trabalha com tais fluxos postos em movimento, cada vez mais velozes, focados e articulados não no indivíduo, mas sobre os maquinismos sociais que operam suas interseções, como empresas, equipamentos coletivos do Estado de bem-estar social, sistemas de comunicação e mídia, etc. (LAZZARATO, 2014, p. 30).

Uma máquina organiza fluxos diversos, desenha os meandros de circuitos em uma espécie de atrator que recurva o mundo em sua volta, mas que não são nem puramente objetivas nem puramente subjetivas. Enquanto dobra, dobrando ativamente outras dobras, a máquina está no cerne do retorno do empírico sobre o transcendental (DELEUZE, 1991). Uma máquina pode ser considerada em uma primeira aproximação, como pertencendo a tal estrato físico, biológico, social, técnico, semiótico, psíquico, etc., mas ela é geralmente trans-estrática,

heterogênea e cosmopolita. As máquinas são “aquilo através do que” há, produzindo e misturando estratos morfológicos (Idem).

Não somente uma máquina produz algo em um mundo, mas ela contribui para produzir, reproduzir e para transformar o mundo no qual ela funciona. Uma máquina é um agenciamento agenciante, articulativo e diagramático, que tende a se voltar e a retornar sobre suas próprias condições de existência para reproduzi-las. A composição das máquinas não é conjuntista, nem mecânica, nem sistêmica, mas constituída, operada e animada por subjetividades processuais ou por uma proto-subjetividade elementar. A subjetividade não pode, portanto, ser restringida ou reduzida ao “ponto de vista” ou à “representação”, ela é processualmente instituinte e realizante. Por outro lado, a subjetividade não toma forma fixa e só se sustenta com agenciamentos maquínicos diversos, entre os quais, na escala humana, os agenciamentos biológicos, simbólicos, mediáticos, sócio-técnicos ocupam um lugar capital, como podemos visualizar através do diagrama deleuziano acerca dos desdobramentos organizativos, combinantes e constituintes.



O modo comunicativo de conjunção avaliada por ‘Bifo’ (2014) é a abertura de corpos para a compreensão dos sinais e eventos em sua capacidade de formar rizomas⁴⁰ orgânicos: “o

⁴⁰ O rizoma de Deleuze e Guattari se constitui a partir da terminação botânica que indica uma parte subterrânea da planta em um tipo específico de sub-raiz que tem a função de troca não-específica com o meio-ambiente. ‘D&G’ fazem uma analogia à essa potência do abrir-se ao fora, constituindo-se em multiplicidades sempre em mudança, em devir, em novos fins e novos começos, trabalhando sempre em rede, em atalhos e desvios mas nunca por vias diretas ou arborescentes, onde cria-se um ponto ou nódulo de junção imprevista, sem ordem ou causa específica, uma maneira diferente de se navegar ou se orientar através de pontos de contato emergentes e não causais. São princípios de conexão e heterogeneidade: “qualquer ponto do rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo”; o princípio de cartografia e de decalcomania: “Diferente é o rizoma, mapa e não decalque. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível [...] O decalque já traduziu o mapa em imagem, já transformou o rizoma em raízes e radículas. Organizou, estabilizou, neutralizou

concreto, concatenação carnal de cada fragmento do corpo vibratório pulsando com o outro fragmento do corpo vibratório pulsante”. Em um ambiente digital apenas o que ou quem cumpre a compatibilidade normativa pode se conectar: “nem toda coisa pode se conectar com qualquer outra coisa, e a fim de permitir a conexão de agentes comunicativos distantes, devemos fornecer-lhes ferramentas que lhes permitam aceder, codificar e processar o fluxo de informação digital” (BERARDI, 2014, p 22).

A conjunção, como uma concatenação de corpos e máquinas, pode gerar significados sem seguir um design pré-ordenado, nem obedecer a qualquer lei interna ou finalidade. Na esfera da conjunção, o agente de significado é um organismo vibracional, sendo a oscilação incerta e não resolvida em torno de um ponto central “assíncrono” de “isomorfismo”. A produção de sentido é o efeito do processo de singularização de uma série de sinais (traços, memórias, imagens, palavras, etc.). A conjunção seria, então, a sintonia provisória e precária de organismos vibratórios que trocam significados, baseados na simpatia, na partilha de um pathos do sensível. O modo conjugativo pode ser visto como uma forma de tornar-se outro (outrem). Singularidades que mudam quando se unem se tornam algo diferente do que eram antes de sua conjunção. “O amor muda o amante e a composição conjuntiva de sinais a-significantes dá origem ao surgimento de um significado anteriormente inexistente” (Ibid).

A conexão, por outro lado, é uma concatenação de corpos e máquinas que podem gerar significado apenas seguindo um design intrínseco, apenas a obedecer regras precisas de comportamento e funcionamento. A conexão não é singular, não intencional, não vibracional e é mais uma concatenação operativa entre agentes previamente formatadas de significado (corpos e/ou máquinas) que foram codificadas ou formatados de acordo com um código base. Geram-se mensagens cujo significado pode ser decifrado apenas por um agente (corpo/máquina) que compartilha o código sintático formal que gera a mensagem (Idem, p. 27). O potencial hacker se encontra justo aí, em uma competência (tecno) informacional de operar e subverter os códigos e linguagens da forma conectiva da era informacional, produzindo diferença e devindo corpos e mentes hackers.

O agir instrumental portanto, que coordena os cálculos racionais de produção para o mercado, funde-se no regime de produção pós-fordista ao agir comunicativo, que por sua vez, não funciona na mesma lógica linear e unidirecional que liga meios e fins no agir instrumental. Aqui, nesse “curto-circuito” entre o agir instrumental e o agir comunicativo, se encontra a raiz

as multiplicidades segundo eixos de significância e de subjetivação que são seus. Ele gerou, estruturalizou o rizoma, e o decalque já não reproduz senão ele mesmo quando crê reproduzir outra coisa. Por isso ele é tão perigoso. Ele injeta redundâncias e as propaga.” (D; G, 1995, p. 11-37).

da dificuldade de se construir uma forma de governo organizativa que pretenda representar um interesse produtivo mais abrangente e diversificado, mas também onde uma sabotagem por dentro, ‘hackeada’, pode inferir e gerar outras formas de organização e produção.

Nessa imagem do pensamento apontada por Deleuze (1991), a diferença deve poder ser pensada em si fora das amarras impostas pelo primado da identidade e de modo que o pensamento seja a expressão da potência afirmativa da vida. A discussão a ser desenvolvida portanto, se pergunta: até que ponto as pessoas se veem capaz de operar transformações tecno-políticas? Que tipos de afetos nos impulsionam e bloqueiam essas criações? Encontros que aumentam a potencia ou a diminuem em uma flutuação de estados e afetos ilimitados na capacidade de ser, existir e criar, no momento em que nos vemos cada vez mais pressionados pelo estado de exceção da história, como podemos inventar outro movimento histórico que denuncie e enfrente a servidão e a exceção?

A tradição dos oprimidos nos ensina que o "estado de exceção" em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade. Nesse momento, perceberemos que nossa tarefa é originar um verdadeiro estado de exceção; com isso, nossa posição ficará mais forte na luta contra o fascismo. Este se beneficia da circunstância de que seus adversários o enfrentam em nome do progresso, considerado como uma norma histórica. O assombro com o fato de que os episódios que vivemos no séculos XX "ainda" sejam possíveis, não é um assombro filosófico. Ele não gera nenhum conhecimento, a não ser o conhecimento de que a concepção de história da qual emana semelhante assombro é insustentável (BENJAMIN, 1940, p. 226).

Muitos anos depois da obra-de-arte de Benjamin, o artista de massa entra também na era da sua reprodutibilidade social em sua habilidade de reprogramação tecno-cultural e a “criatividade” é vendida como um símbolo de status. A hipótese de transição do problema modernista da reprodutibilidade técnica para o da reprogramabilidade tecnológica contemporânea é um dos enfoques a ser explorado junto a processos e práticas de hackeamento. A infinita reprodutibilidade da informação digital acaba por significar também um trabalho infinito e redundante com possibilidades e remixes de ‘copia e cola’, tornando usuários fontes renováveis e inovativas de mais-valia capital. Isso porque, com a etapa de esquematização do conhecimento tecnocientífico pela telemática, as formas sensoriais de expressão pela linguagem, automatizadas na fotografia, fonografia, telefonia, indústria gráfica, rádio, televisão e vídeo, convergem na estrutura cerebral, sistêmica e maleável de mídias processuais (SANTAELLA, 2013).

Se, como sustentam Negri e Hardt, a modernidade sempre operou com essa crise de representação e autoridade (Hardt & Negri, 2010, p. 88), em uma releitura do pensamento maquiavélico sobre a fundação democrática do poder do príncipe, a descoberta do plano de

imanência da multidão no pós-moderno (informatização da produção) descarta a solução temporária e parcial dessa crise na formação do Estado como *locus* de soberania, e o Império⁴¹ se abre como novo momento crítico para a manutenção do ideal representativo transcendental. Em um manifesto político, os autores tocam o ponto da questão:

Persiste no príncipe de Maquiavel uma condição utópica que distancia o projeto do sujeito e que, apesar da imanência radical do método, confia a função política a um plano mais elevado. Em contraste, qualquer libertação pós-moderna deve ser adquirida dentro deste mundo, no plano de imanência, sem possibilidade de qualquer lado de fora utópico. (...) Talvez devêssemos reconhecer junto com Spinoza o desejo profético como irresistível, e tanto mais poderoso quanto mais identificado com a multidão. (...) Enquanto Maquiavel propõe que o projeto de construção de uma nova sociedade a partir de baixo requer ‘armas’ e ‘dinheiro’ e insiste que devemos procurá-los fora, Spinoza responde: Já não os possuímos? (...) A espécie de dinheiro que, insiste Maquiavel, é necessária e pode, de fato, residir na produtividade da multidão, o ator imediato de produção e reprodução biopolítica. A espécie de armas em questão pode estar contida no potencial da multidão para sabotar e destruir, com sua própria força produtiva, a ordem parasitária de comando pós-moderno (HARDT; NEGRI, 2010, p. 84).

Em ‘Commonwealth’ (2009), Negri e Hardt insistem no duplo sentido do poder dentro do pensamento foucaultiano. A biopolítica é a potência da vida governar-se, os espaços nos quais se desenvolvem lutas, relações e produções de poder; e o biopoder, um poder contra a autonomia heterodoxa da vida, procurando fazê-la submeter-se a centros transcendentais de governo. À medida que a multidão comporta-se como uma “máquina de guerra” nômade (D; G, 1997), vai se expandindo em um plano liso de consistência (ou composição) produtiva, visto nessa pesquisa na constituição hacker do território técnico atual e virtual.

Conhece-se os problemas que os Estados sempre tiveram com as ‘confrarias’, os corpos nômades ou itinerantes do tipo pedreiros, carpinteiros, ferreiros etc. Fixar, sedentarizar a força de trabalho, reger o movimento do fluxo de trabalho, determinar-lhe canais e condutos, criar corporações no sentido de organismos -, essa foi sempre uma das principais funções do Estado, que se propunha ao mesmo tempo vencer uma vagabundagem de bando, e um nomadismo de corpo. (D; G, 1997, p. 34).

O papel do Hacker é visto aqui como um trabalho desterritorializado da era informacional⁴² de uma função produtiva dentro dos desenvolvimentos tecnológicos e intensivos de cada camada histórica produtiva. No processo produtivo, os humanos são transformados em

⁴¹ Pretendo partir do conceito de “Império” desenvolvido por Negri e Hardt (2000) frisando mais o lado hegemônico do complexo militar e econômico financeiro do que por uma categoria teleológica que toma a multidão como necessariamente oposta e positiva na luta de contra-hegemonia. “Aqui é quando começa o drama ontológico...no qual o desenvolvimento do Império se torna seu próprio crítico e seu processo de construção se volta ao processo de sua derrubada.” (NEGRI, HARDT, 2000, p. 43).

⁴² Assim como os judeus no Egito, os cavaleiros (templários) nas Cruzadas, pedreiros na Maçonaria, piratas nas grandes navegações ou operários proletários da revolução industrial, etc..., ainda que fossem sobrecodificadas por Deus, Rei, Papa ou pelo Partido, em objetivos de identificação e reterritorialização organizativa e produtiva social.

elaboradores conectados nos fluxos de informação e o aumento de produtividade é baseada na aceleração de tais info-fluxos. O Devir-Hacker trabalha nesse “nomadismo de corpo que surfa por vagabundagens de bando”, levantando linhas territorializadas de códigos conectados, linguagens, símbolos e cultura estratificada, mas também nas percepções cognitivas, afetivas, sensoriais, etc. - em qual galáxia esse fluxo hacker desterritorializado irá se reterritorializar?

O essencial é notar que as lutas de resistência precedem as mutações do poder e são delas a condição constituinte da diferença (HARDT; NEGRI, 2005). O capital tem capacidade de dominar a mais-valia e sua distribuição mas não de definir os parâmetros e fluxos aos quais ela será produzida. Substituam-se os Estados-nação em crise pelo império financeiro global, as leis e punições estatais pelo controle biopolítico e encontra-se a mesma operação, a mesma vontade de captura dos movimentos auto-produtivos da multidão. Ontologicamente, a invenção criativa é primeira pois “O capital tem capacidade de reação, mas não de invenção. (...) É preciso evitar, na medida do possível, as lutas de resistência. É preciso escapar delas, fugir, traçar linhas de fuga e ao mesmo tempo desenvolver a capacidade de inventar coisas positivas, que estejam do lado de fora” (COCCO; LAZZARATO, 2002, p. 56).

As lutas anticapitalistas, de dentro da sociedade de controle, para além da soberania nacional e imperial, devem tomar como ponto de partida o abandono da noção representativa dos desejos e dos interesses ‘gerais’ e passar a entendê-los como princípios imanentes à produção socioeconômica de uma multidão de grupos e indivíduos diferentes, com formas e processos diferentes de produção e invenção da vida. Há uma longa linha de pensadores que, desde Spinoza, no século XVII, e de Nietzsche, no final do XIX, procuram inverter a fórmula do platonismo que apela à transcendência como fonte das formas e dos poderes inscritos no plano dos homens.

A pesquisa identifica, no próprio ato de interação tecnológica, um devir-hacker em que a própria sensibilidade e percepção do objeto tecnológico e seus mecanismos já formam e abrem possibilidades para criação de outras produções, tecnologias e formas de se experimentar a vida e o conhecimento, em um devir-hacker sensível e criativo. A visão idealista aqui é virada ao contrário: enquanto para Hegel a arte (a atividade morfogenética da criação) é um momento de um processo em direção ao conhecimento, buscamos o contrário, em que o pensamento e a sensibilidade são o próprio momento da arte e do conhecimento: “a sintonia do atman e do prana (ritmo cósmico singular)” (BERARDI, 2014, p.33). Deleuze fala do plano de consistência como a instância imanente onde se processam os agenciamentos rizomáticos entre corpos, afetos e enunciados múltiplos, onde os acontecimentos se dão e

produzem sentidos e territórios, onde os conceitos são gerados e fabricam teias constituintes, entre o virtual e o atual, entre redes, nódulos e ruas:

Há que começar a pensar esta nova classe trabalhadora como aqueles que já começam a rechaçar a representação, aqueles que elegem a expressão contra a representação, aqueles que recusam todo tipo de comando direto sobre o trabalho, os que se deslocam continuamente e começam a construir tribos verdadeiramente exteriores... (BERARDI, 2014, p.33).

Para recortar as malhas cada vez mais cerradas das sociedades de controle, encurraladas, recodificadas e domesticadas pelo capitalismo, as saídas não podem ser em uma expectativa *ex-machina* transcendental ou moral. Para Negri e Hardt, os movimentos de libertação já trabalham na construção do comum, em um fazer da multidão baseado em redes colaborativas transnacionais, no trabalho imaterial e na militância glocal (global + local). Partem de dentro para inventarem um fora, libertando o trabalho do capital, a atividade criativa da produtividade do comum (HARDT; NEGRI, 2009).

Embora haja muitas iniciativas interessantes a respeito da articulação política e econômica produtiva da multidão (como as propostas de economia solidária, políticas públicas e cidadãos da sociedade civil), este trabalho se focará especificamente na potência hacker de insurgência e subversões (da linguagem, símbolo, valor, desejo, produção). Posta pelo desenvolvimento fronteiro dos novos meios de comunicação e informação dispostos em redes - em especial, pela internet - uma sensibilidade hacker têm conseguido desenvolver outras formas de produção e criação social. Em uma fronteira cada vez mais intensa e em disputa, cada vez mais, os movimentos de atuação social, a mobilização e o engajamento viram um valor de rede, contatos em minutos de atenção, conexão e interatividade (BERARDI, 2006).

A governança de tais ‘dividuais’ se processa através da existência estatística controlada por dispositivos, gerenciadas por fluxos, redes e máquinas. Não apenas desempenham papel nas representações do indivíduo, do funcionamento da ‘economia’, da crise, mas também no comportamento consciente, nos desejos e crenças da auto-representação individual da subjetividade (modos de vida). Tal servidão não opera simplesmente através de repressão ou da ideologia mas em construir parâmetros axiomáticos e sistêmicos de liberdade e felicidade. Empregam-se técnicas de modulação e modelização que incidem sobre o que seria exatamente o “espírito da vida e da atividade humana”. Projeta-se o controle dos seres por dentro, no nível pré-pessoal, pré-cognitivo, pré-verbal e por fora no nível “suprapessoal”, ao atribuir-lhes modos de existência e realidade em um senso comum inconsciente. A formatação exercida pela servidão maquínica intervém, portanto, no funcionamento básico do

comportamento perceptivo, sensitivo, afetivo, cognitivo e linguístico (LAZZARATO, 2010, p. 14).

Nas políticas neoliberais a lógica de atuação do Estado não é mais a da intervenção centralizadora e de fato planificadora como a do Estado de Bem-Estar Social, da esquematização centralizada, mas sim a assunção desta lógica empresarial de gestão de micro-partes, que nada mais é que a pulverização e difusão generalizada em micropartes das lógicas gerenciais, esquematizações flexíveis e externalizações irresponsáveis. Muda-se a relação Estado-sociedade; não que o Estado se faça menos presente, mas que sua intervenção serve à universalização da gestão empresarial, algo que o Adorno já indicava como no caminho para a sociedade totalmente administrada e, mais tarde levantada por Marcuse em ‘O Homem unidimensional’ (1964). Não porque seria totalitariamente organizada por uma centralização no Estado, mas pela universalização da lógica gerencial pulverizada dessas micropartes, ou seja, pela hegemonia de certa racionalidade produtiva⁴³.

Com a intensificação da lógica de desterritorialização neoliberal, não surge nenhuma nova produção de subjetividade mais hegemônica no campo produtivo e valorativo, destruindo as relações anteriores e suas formas de subjetivação (subjetivação operária, comunista, social-democrata, nacionalista, burguesa, etc.). Se nos anos 1960 (de onde Guattari e Deleuze estão pensando novas percepções à esquerda) o problema era criticar o partido e o sindicato, que impediam toda inovação política e bloqueavam a emergência de novos sujeitos, hoje, com o partido e os sindicatos muitas vezes incorporados à lógica capitalista ‘desenvolvimentista’, a ação micro-política e suas formas de organização macro-política, apesar de partirem de uma irreduzível multiplicidade de processos de subjetivação, são o objeto de nossa urgente indagação: ‘O que há de ser feito?’

4.1 CRISE E MODERNIDADE

⁴³ “Caracterizações recentes da virada neoliberal apontam que há algo cada vez mais específico do “neo” que não estava presente no liberalismo. A atual dinâmica neoliberal é um modo de funcionamento, uma nova racionalidade, como sugerido por Foucault e retomado por Wendy Brown, ou por Pierre Dardot e Christian Laval. Insiste-se, nessas abordagens, sobre o esvaziamento do poder de decisão, que faz tudo aparecer como uma dinâmica naturalizada, sem centro de decisão. É o que leva à afirmação de que “não há alternativas” (Referência à célebre expressão de Margaret Thatcher: *There Is No Alternative* (TINA). Esse funcionamento sem intenção, sem consciência e sem vontade – logo, sem saída – pode receber outras definições. São esses os traços ressaltados pela noção de axiomática, proposta por Deleuze e Guattari e retomada por Maurizio Lazzarato, ao indicar novos axiomas capitalistas na transição para o período neoliberal. O Estado de bem-estar social foi um axioma do pós-guerra, base para a instalação da socialdemocracia, particularmente na Europa. Agora, diversos axiomas do *welfare* estão sendo brutalmente retirados e a violência do processo chega a surpreender diante da antiga imagem de que a democracia europeia funcionava (ao menos internamente)” (ROQUE apud FREIXO, TEIXEIRA, 2016).

“Se quiserem impor uma mudança, desencadeie uma crise” - Milton Friedman
 “E Pluribus Unum. Annuit coeptis. Novus Ordo Seclorum” - Grande Selo Oficial dos Estados Unidos

Figura: “A Nova Ordem Mundial é inimiga da Humanidade”



Fonte: ‘Occupy LA’, Artista Mear One, 2012.

No acirramento da crise na modernidade contemporânea, a maioria da população acredita que um “trabalho sobre si” não significa mais que uma gestão empresarial de desemprego, dívidas, salários e custos de receita, reduções nos serviços sociais e impostos crescentes. No capitalismo dos dias de hoje, encontra-se um valor de trabalho que procura, não no conhecimento, mas na implicação subjetiva que todo “trabalhador imaterial” deve demonstrar, tal como o imigrante, os usuários dos serviços sociais e os consumidores, uma quantidade enorme de trabalho gratuito em um tempo intensivo de ‘atividades’ – base produtiva da precarização do trabalho em formas de cognitariado e info-proletários.

Intensifica-se a “Sociedade de Risco” de Ulrich Beck, em que a sociedade industrial, que era caracterizada pela produção e distribuição de bens, agora é deslocada pela sociedade de risco, na qual a distribuição dos riscos não corresponde às diferenças sociais, econômicas e geográficas da típica primeira modernidade. Entre esses riscos, Beck inclui os riscos ecológicos, químicos, nucleares e genéticos, produzidos industrialmente, externalizados economicamente, individualizados juridicamente, legitimados cientificamente e minimizados politicamente. Mais recentemente, incorporou também os riscos econômicos, como as quedas nos mercados financeiros internacionais. Este conjunto de riscos geraria “uma nova forma de

capitalismo, uma nova forma de economia, uma nova forma de ordem global, uma nova forma de sociedade e uma nova forma de vida pessoal” (BECK, 1999, p. 2-7).

De Nova Orleães ao Iraque, o que foi designado de forma justa como “estratégia de choque” permite obter, zona a zona, uma fragmentação rentável do mundo. Nesta demolição-renovação controlada da “sociedade”, a desolação mais ostensiva e a riqueza mais insolente não são mais do que dois aspectos de um mesmo método de governação (Comitê Invisível, 2015, p. 214).

Em um discurso para uma sessão conjunta do Congresso americano, o presidente George W. Bush⁴⁴ em seu investimento global da crise, usa essa modernidade (ocidental) como legitimação de uma guerra contra um sistema feudal, atrasado e perigoso:

Nós já vimos sua espécie antes. Eles são os herdeiros de todas as ideologias assassinas do século 20. Ao sacrificar a vida humana para servir suas visões radicais, abandonando todos os valores, exceto a vontade de poder, eles seguem no caminho do fascismo, nazismo e do totalitarismo. E eles vão seguir esse caminho todo até o fim onde termina em sua cova sem marcação da história de mentiras descartadas (BUSH, 2009).

De modo mais incisivo, esse capitalismo cultural ou hiper-industrial (STIEGLER, 2007) reside justamente no controle sistemático da cultura para orientar os comportamentos de consumo na intensificação da modernidade. A produção do conhecimento a partir do conhecimento que sustenta o capitalismo pós-industrial e informacional contemporâneo (LAZZARATO, 2001) também abre novas rachaduras nesse tecno-cosmos em intensidades e transversalidades de fluxos (SANTOS, 1994). Stuart Hall desenvolve mais essa relação:

Há uma luta contínua e necessariamente irregular e desigual, por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular; para cercá-la e confinar suas definições e formas dentro de uma gama mais abrangente de formas dominantes. Há pontos de resistência e também momentos de superação. Esta é a dialética da luta cultural. Na atualidade, essa luta é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas e perdidas (Hall, 2003, p. 254).

A atual crise (representação, produção e subjetividade) produz sujeições negativas e regressivas (“o homem endividado”) incapazes de articular a produção com a produção de subjetividade de outra maneira que não pela reafirmação da necessidade de proteger os proprietários do capital. Na crise econômica, taxas financeiras a-significantes (como os

⁴⁴ Cf.: LUONGO, Ben. “*The neoconservative war on modernity: The Bush Doctrine and its Resistance to Legitimation*”. University of South Florida. 2009, p. 67. Tese de Graduação. Disponível em: <http://scholarcommons.usf.edu/etd/2074> Acesso: em 05 mai, 2016.

algoritmos de indexação de valor financeiro) agem diretamente sobre fluxos materiais além da divisão entre produção, representação e funcionamento, em índices de ações de mercado dominantes. No livro “*Symbolic exchange and Death*”(1983), Baudrillard assinala:

O princípio da realidade coincidiu com uma determinada fase da lei do valor. Hoje, o sistema inteiro está flutuando em indeterminação, toda realidade absorvida pela hiperrealidade do código e da simulação. É agora um princípio da simulação, e não da realidade, que regula a vida social (BAUDRILLARD apud BERARDI, 2014, p. 104).

As semióticas significantes da mídia, dos políticos e dos especialistas são mobilizadas a fim de legitimar e justificar, diante dos sujeitos individuados – com suas consciências e representações – “que não há alternativa”. Em seu artigo, “*Control, Computer and Execute: Debt and New Media, The First Two Centuries*”⁴⁵, Nicholas Mirzoeff observa a ponte em desenvolvimento da globalização nos mecanismos computacionais de débito e dos de mídia que se intensificam desde 1970, o chamado por Guattari de “Capitalismo Mundial Integrado”, diferentemente dos outros ciclos capitalistas intensifica a globalização e a divisão de classes ao mesmo tempo que a invisibiliza e a desregula (a única classe que parece permanecer é a própria classe financeira). A financeirização no capitalismo tardio é simplesmente uma intensificação dos sistemas de indexação e transmissão que permitem avaliar e direcionar os diferenciais de valores e investimentos em qualquer área econômica, e principalmente, entre cada domínio, legal ou não, em flutuações transnacionais de “persuasão, saque e abandono” (MIRZOEFF, 2015). O consumo e as mídias de massa constituem esse complemento de sistemas semióticos de avaliação e direcionamento, que tornam possível integrar e re-centralizar as diferenças de comportamento, opinião e sentido de acordo com a lógica econômica.⁴⁶

O controle real do tempo maquínico, da servidão dos órgãos humanos nos agenciamentos produtivos, não pode ser efetivamente mensurado com base em um equivalente geral. Podemos mensurar um tempo de presença, um tempo de alienação, uma duração de encarceramento na fábrica ou na prisão; não podemos mensurar suas consequências sobre um indivíduo. Podemos quantificar o trabalho aparente de um físico no laboratório, mas não o valor produtivo das fórmulas que ele cria. (GUATTARI, 1977, p.74.)

Como desenvolve Lazzarato, a lei do valor apresentada por Marx no *Capital* (1867) é ainda muito antropomórfica e antropocêntrica da produção da mais-valia, que é, assim como o

⁴⁵ Cf.: CHUN, Wendy; FISHER, Anna. “*You are not a Loan: Debt and New Media*”. In.: “*New Media, Old Media*”, Nova York: Routledge, 2015.

⁴⁶ CF.: HUDSON. “*J is for Junk Economics: A Guide to Reality in the Age of Deception*”. Alemanha : ISLET-Verlag, 2017.

tempo de trabalho, humana. O trabalho humano produz mais-valia em um capital variável enquanto as máquinas nada mais fazem do que transmitir o valor do capital fixo que resulta do tempo de trabalho necessário para sua fabricação. Atentos ao tremendo aumento do ‘capital fixo constante’ (ou maquinaria), Deleuze e Guattari introduzem o conceito de mais-valia maquínica e tempo maquínico. Essas temporalidades são as da servidão, pelas quais sujeito e objeto, humano e não-humano, natural e artificial não podem mais ser distinguidos (LAZZARATO, 2014, p.43). “A máquina capitalista opera em duas frentes, exercendo uma “pressão seletiva” forte sobre inovações maquínicas e introduzindo não só a falta no seio do excessivo, mas também a imbecilidade no conhecimento e na ciência” (D; G, 2010, p. 313)

A inovação e o conhecimento por si só como tais não produzem valor. O fluxo de mercado, que inclui inovação e através do qual, a inovação se transforma em lucro, é de um tipo completamente diferente de poder, não mensurável, da forma do dinheiro que paga pela inovação e que por outro lado, determina a funcionalidade e a lucratividade da inovação. A criação da mais-valia maquínica não depende diretamente da ciência e da técnica, mas antes do próprio capital, onde se acresce à mais-valia humana e com ela corrige decréscimos nos lucros. “O conhecimento, a informação e a formação qualificada são partes do capital, capital de conhecimento, tanto quanto o trabalho mais elementar do operário.” (D; G, 2010, p. 312).

Da mesma maneira, nunca é o indivíduo que pensa ou que cria, mas um indivíduo dentro de uma rede de instituições (escolas, teatros, museus, bibliotecas, etc.), de tecnologias (livros, redes eletrônicas, computadores, etc.), de fontes de financiamento público e privado, imerso em tradições de pensamento e práticas estéticas, engolfado em uma circulação de signos ideias e obras que o forçam à articular e à produzir (LAZZARATO, 2014, p. 44). Um dos preceitos de Marx era que quanto mais o proletário for explorado, mais as condições de exploração se tornariam evidentes e conformaria um ethos para a revolução. Porém, podemos também pensar que com a melhoria da condição de vida e trabalho através do séc. XX (ainda que acompanhem novas formas de exploração), propiciaram-se também novas formas de disputa, reivindicações e lutas para que não se voltasse atrás em direitos sociais e humanos. Estamos em uma modernidade muito mais weberiana com o desenvolvimento e a permeabilidade da organização produtiva com a cultura, a linguagem e o valor do capital do que em uma sociedade diretamente combativa em sua disputa política e dialética de classes.

O Capital não mais recruta pessoas, mas compra pacotes de tempo, separados em sua importância ocasional e interligada. Na economia de rede, a flexibilidade do trabalho evoluiu em uma forma de fractalização do trabalho. A Fractalização significa a modulação e recombinação da fragmentação do tempo de atividade. O trabalhador não mais existe como pessoa. Ele ou ela é apenas um produtor

intercambiável de micro-fragmentos de semioses recombinantes que entram no fluxo contínuo da Rede. O capital não mais paga pela disponibilidade do trabalhador de ser explorado por um longo período de tempo; não mais paga o salário que cobre todo o escopo das necessidades econômicas de uma pessoa que trabalha (BERARDI, 2014, p.160).

A máquina linguística recombina e conecta os fragmentos de tempo necessários para produzir “info-goods” - commodities informacionais. A máquina humana está lá, pulsando e disponível, como um cérebro esperando em hibernação. A extensão do tempo pode ser mobilizada pontualmente em proximidades de rede, casualmente, em formas fragmentadas de acordo com vantagens comparativas. A recombinação destes fragmentos é automatizada e atualizada na rede de trabalho (“network”) ao qual o telefone celular é a ferramenta que torna possível a conexão entre as necessidade do semiocapital e a mobilização do trabalho vivo no ciberespaço independente da localização física do trabalhador. “O toque do celular chama o trabalhador à reconectar seu tempo abstrato de vida ao tempo reticular produtivo em fluxo informacional” (BERARDI, 2014, p. 161).

Outras características da meta-tecnologia também distinguem a modernidade da era pós-moderna. A crença que o desenvolvimento tecnológico é sempre progresso foi o lema da modernidade, enquanto que no mundo pós-moderno uma crescente preocupação acerca do risco tecnológico... Tecnologias eram vistas como objetos em si, enquanto hoje é entendida como cada parte intrínseca de um sistema. Costumávamos aplicar o termo tecnologia apenas à objetos materiais, mas agora nos referimos à ideias de como fazer as coisas também. Apesar da teimosia moderna que tecnologia e cultura possuem pouco a ver entre elas, está claro que cada uma informa e de fato cria uma a outra (BRAMAN, 2004b).

Na empresa privada, o empregado deve agir e se identificar como produtor, subjugado às máquinas que permanecem exteriores a ele, mas das quais ele faz uso. No entanto, não é nunca o empregado (subjetividade individuada) nem as simples ações cooperativas de empregados (intersubjetividade) que a produzem. A produtividade do capital depende, assim, da mobilização e do agenciamento de órgãos (cérebro, mãos, músculos, etc.) e também das faculdades humanas (memória, percepção, cognição etc.) e por outro o desempenho intelectual e físico das máquinas, protocolos, organizacional, do software, dos sistemas de signos, da ciência e assim por diante. Isto quer dizer que produtividade depende em grande parte da servidão (de seu funcionamento diagramático e reticular que não passa pela representação, a consciência e a linguagem) na qual é preciso enfatizar que as relações não são apenas intersubjetivas, os agentes não são simplesmente pessoas e as semióticas estão longe de serem unicamente significantes.

O capital não apenas extorque uma extensão de tempo de trabalho, mas instaura um processo que explora também a diferença entre sujeição e servidão, depreciando a singularização para

revalorizá-la, deslocando limites de valor. Se a sujeição subjetiva, a alienação social inerente a um emprego em particular ou a alguma função social é sempre assinalável e mensurável em seu salário correspondente, a parte da servidão maquínica que constitui a produção real em si nunca é assinalável, tampouco quantificável quanto tal. Guattari irá identificar que a produção de subjetividades não se refere a uma superestrutura ideológica; ela produz antes, realidade, em particular realidade econômica, definindo o capitalismo atual onde o “trabalho sobre si” (práxis) e o “trabalho produtivo” se combinam. Se a produção e o social se sobrepõem, então o campo do desejo e o campo do trabalho, a economia e a produção de subjetividade, a infraestrutura e a superestrutura não podem mais ser separados da análise. A questão da produção é inseparável da questão do desejo, de tal modo que a economia política não é outra coisa senão uma – economia subjetiva (LAZZARATO, 2014, p. 46-48).

Devido a tecnofobia comumente associada com o “Ludismo”, não é claro se o ludismo poderia ser um ancestral dos hackers tecno-experientes. Mesmo assim, o que eles tem em comum é que ambos são capturados não rede das mesmas forças sociais e estão lutando no mesmo terreno contestado, o terreno do desenvolvimento tecnológico. A principal diferença entre os Ludistas e os hackers é que o último possui uma tecnologia própria para se aprimorar. Os computadores universalmente aplicados no funcionamento de software livres e conectados em uma rede aberta, todas conquistadas pela luta contínua disputada pelo movimento hacker, têm nivelado o campo de jogo. Através da rede de comunicação global, os hackers estão equiparando as capacidades de coordenação e de logística do Estado e do Capital. A convivialidade com ferramentas de software livre desenvolvidas por hackers não é acidental. Resume-se à modelos alternativos para se organizar relações de trabalho. No hackeamento, uma nova subjetividade está formando a cerca de um voluntarismo, a atividade coletiva do trabalho. Quando hackers são perguntados por seus motivos que os levam a escrever códigos livres ou a entender sistemas de computador, as respostas são variadas e diversas. Um tema recorrente, porém, é a própria emoção que ganham ao fazer (SÖDERBERG, 2008, p. 2).

Quando alguém cria, não cria apesar de seu passado, mas por causa dele. Por isso a experimentação é essencial, ela abre o *conatus*, ela permite que um corpo cresça em potência e intensidade. O novo emerge de uma potência singular que se afirma. Um empirista, tanto quanto um espinosista, não segue cartilhas, ele se coloca em experimentação, segue fluxos, procura fendas e trilhas na estrutura fechada, ‘hackeia’ sistemas. Uma criatividade imanente, como próprio movimento da existência perceptiva e interativa com seu mundo, é produtora, criadora, e revolucionária. Não há receita pura, há apenas encontros, uns reforçam positiva ou negativamente, outros punem positiva ou negativamente.

O capitalismo por sua vez, é um processo de encefalização, isto é, o processo também criativo de acumulação da inteligência humana. Este processo já começara desde a fábrica industrial, quando Charles Babbage vislumbrou sua “Máquina Analítica” em 1833 com a ideia de absorver e automatizar a divisão do trabalho mental. Esta idéia desse pan-computacionalismo

em sua natureza mistifica outra realidade básica: a computação é um processo econômico que mira a extração de informações e dados valiosos enquanto descarta outras informações que sejam inúteis, excedentes ou interferentes. Neste sentido, a computação também é um processo de capitalização. Simondon também foi um dos primeiros a reconhecer que a máquina industrial já era um dispositivo info-mecânico, com seus relés (interruptores) que separam a fonte de energia da informação de comando – isto é, da inteligência do trabalhador ou do trabalho vivo. A palavra “inteligência” refere-se ao envio e recebimento de sinais e a capacidade de registrá-los e interpretá-los em uma produção qualquer. O “General Intellect” de Marx, a “infra-racionalidade” de Hayek ou as mãos invisíveis de um Mercado livre, próprio de Adam Smith (1776), identificam essa inteligência comum como aparatus cognitivos da produção social. O trabalho maquínico para ser tomado como ‘eficiente’ deve tornar o trabalho de sua própria fonte que o cerca e que fazem sua manutenção, invisível (PASQUINELLI, 2016, p.8).

A computação secularizou a mente humana, só para industrializar e venerar, imediatamente depois, a automação do trabalho mental como inteligência artificial (de acordo com a oscilação clássica entra a desubjetificação e resubjetificação). A Supercomputação deslocou o tema do humanismo ocidental ainda mais longe do centro do pensamento, mas apenas para que o capital possa pensar em seu lugar. À medida que a raiz da palavra sugere (“caput” em latim significa “cabeça”), o capital é um vasto processo de encefalização: ele retorna continuamente para destruir e reconstruir novamente a sua própria cabeça. (PASQUINELLI, 2016, p. 8).

Ao longo do eixo de seu surgimento, a produção da exploração virtual proclama o programa de Inteligência Artificial (IA) que é ao mesmo tempo anti-formalista e ultra-rígido - neoconservador e financeiro. Longe de exhibir-se ao esforço acadêmico humano como um objeto científico, a IA é um meta-sistema científico de controle e também um invasor que insidia outros sistemas à todo tecno-capital planetário. “Ao invés de nos visitar em algum laboratório experimental e aberto de engenharia de software, estamos sendo atraídos cegamente para a promessa de uma tecno-utopia, onde já nos espera à espreita, o futuro” LAND, 2011, p. 474).

Em “*Heteromação e seus (dis)contentes: a invisível divisão do trabalho entre humanos e máquinas*” (2014), busca-se a análise sobre a divisão do trabalho entre humanos e os sistemas de computação que mudaram ao longo das dimensões técnicas e humanas. Tecnicamente, houve uma troca das tecnologias de automação, cujo âmago era desabilitar a intervenção humana em quase todos os pontos do sistema, para as tecnologias de “heteromação”, que empurram as tarefas críticas para o usuário final, transformado em um indispensável mediador, consumidor telespectador, terceirizado e precarizado. “Quando isto aconteceu, a

maior parte da população de seres humanos que havia sido expulsa do sistema pelo primeiro tipo de tecnologia, fora trazida para dentro da dobra computacional pelo segundo tipo” (Ibid), trazendo um devir-hacker ‘selvagem’ e ainda mais desterritorializado em suas competências informacionais. Uma tecnologia preenche o vazio criado por outra, mas com um atraso desigual que desterritorializa os mecanismos estabelecidos previamente de recompensa, preenchimento e compensação. Tal ilusão de progresso cultural e posteriormente, sua des-utopia, provoca acirramentos e contrações do desejo fascista, reacionárias em um retorno à ordem - ainda que seja um movimento ‘*Neo-reacionário*’, o retorno avesso em um “Iluminismo Sombrio” (*Dark Enlightenment* de Nick Land⁴⁷, 2011), ou do “*O Ódio à Democracia*” de Rancière (2014). Talvez estejamos vivendo em uma ‘Dark Age’ da internet e da produção em rede, desfazendo-se dos estados de produção nacionais através de uma revolução furtiva do neoliberalismo mundial integrado como desenvolvido pela cientista política Wendy Brown em seu último livro “Desmocratização” (2015). Dessa maneira, a inserção e adaptação dos seres humanos para os sistemas tecnológicos passam pela produção de registros do próprio desenvolvimento social e dão lugar à novos “modos de engajamento” com remarcadas implicações sociais, ideológicas, éticas e principalmente histórico-temporais. A contingência do que é ético, político e produtivo em uma economia do possível sempre é levado em um ideal de unificação da ordem e da nação, centrada em um conceito clássico de soberania e autonomia. Se pensamos em outras formas de produção e organização do trabalho, da técnica e da ética, do desejo, etc, podemos levar em conta o conceito de heteronomia como em um abrir-se à des-posseção. Abandonar uma certa ideia de liberdade ligada à autonomia, onde ser livre é dar à si mesmo a própria lei, a jurisdição de si mesmo, essa ideia parte da crença que toda experiência de heteronomia é sujeição, se colocando a partir de uma causa externa, ou de ser afetado, como uma forma de ser dominado. “Um dos grandes fantasmas da filosofia política e moral da modernidade é a ideia que só há liberdade

⁴⁷ “*Remix cyberdark* - Nick Land (1962) é uma figura única entre únicos. Misturando filosofia, cibernética, euforia gótica pelo abstrato e ficção cataclísmica, o professor de Warwick catalisou ao seu redor um coletivo de aceleracionistas, o CCRU (Unidade de Pesquisa de Cultura Cyberpunk), formado em 1995, que exalou uma aura de vanguarda ontológica e atrai espíritos dissidentes sui generis até hoje, por exemplo, em meio aos neomaterialistas do realismo especulativo. Com títulos indefectíveis para os seus livros, como “Sede de aniquilação: Georges Bataille e niilismo virulento” (1992) ou “Númenos com presas” (coletânea publicada em 2011), Land retoma conceitos de Deleuze e Guattari, como a desterritorialização e aqueles derivados da virada maquínica, para propor um aceleracionismo fundamentalista estritamente construído sobre a linha dos anjos exterminadores do niilismo ocidental, como Nietzsche, Bataille e o próprio trecho aceleracionista do Anti-Édipo (D; G, 1972). Isso, contrasta, sem dúvida, com toda a fauna de deleuzianos cantores de devires, fluxos e linhas de fuga por todo lado.” CAVA, Disponível em: <https://medium.com/mil-brechas/sede-de-extin%C3%A7%C3%A3o-28158280350d#.qx4b6q3oy> Acesso: 16 fev, 2017.

na autonomia, guardando um peso da filosofia da consciência e do sujeito”⁴⁸. Para que possamos nos abrir à experiência, ao caráter transformador da experiência, há de se encarar uma certa contingência da des-posseção e ir além do temor de uma desagregação social, reconhecendo uma desmesura que funda o sujeito, como fundamento em devir. Mais do que realidades políticas impensáveis, precisamos de um novo corpo. “Não há nova política com os corpos antigos e adormecidos, com os velhos sentimentos de sempre - que afetos nos impulsionam à criar?” (PELBART, 2011).

4.2 CRISE E DESEJO

*O homem não é mais o enclausurado
e sim o homem endividado* (DELEUZE, 1992a, p.6)

Figura: “Feliz Crise e Feliz Medo Novo” – Atenas, Dezembro de 2008
Fonte: Desconhecida



Para a maioria da população trabalhadora, tornar-se um sujeito econômico (capital humano, empresário de si), significa ser compelido a gerenciar salários e rendas, precariedade e desemprego, do mesmo modo que uma balança orçamentária de uma empresa. O sistema de defesa da propriedade privada, e financeira, se torna baluarte da defesa do credor - proprietário de “valores mobiliários”. O homem endividado é culpado então por seu destino, carregando seus fracassos econômicos, sociais e políticos despejados pelo Estado e o mundo de negócios sobre a sociedade.

Não é apenas uma questão apenas de inovação, de criatividade, de capitalismo cognitivo, de informação ou sociedade de conhecimento, mas da “secessão” dos proprietários do capital, cujo “êxodo” consiste na pilhagem do Estado de bem-estar social através da recusa em pagar

⁴⁸ SAFATLE. “Somos livres quando somos capazes de nos abrir ao que não controlamos?” Disponível em: <http://m.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2017/01/1853295-somos-livres-quando-somos-capazes-de-nos-abrir-ao-que-nao-controlamos.shtml> Acesso em: 27 jan, 2017.

impostos e evasão de divisas (disputa pelo controle legal e técnico da produção da divisão e controle do ‘socius’) (LAZZARATO, 2014, p. 51). Antes de um chamado capitalismo cognitivo, é crucial perceber a constituição da própria cognição-capitalista que se reifica historicamente em axiomas cambiantes, sinuosos e adaptáveis. É antes o trabalhador e o trabalho que pode ser chamado de “cognitivo” e não o capitalismo. O capitalista não é o sujeito da atividade cognitiva, e sim seu explorador e agenciador, assim como o cognitariado não é detentor dos padrões de vida que inventam na produção semiótica do marketing e dos estilos de vida de ‘sucesso’.

A formação produtiva e disciplinar do gerenciamento de risco, de populações, das semióticas, etc., tem como objetivo produzir indivíduos com padrões de comportamento (consciente ou inconsciente) incentivando-os a se submeterem aos ‘ritos de passagem’ e de ‘iniciação’ das empresas, do Estado, da sociedade de consumo, da mídia - intimidando a assumirem ‘superegos’ necessários para preencher papéis e funções hierárquicas, não importando se são desempregados, operários, aposentados, consumidores ou trabalhadores – ‘cognitivizados’ e ‘precarizados’. A integração desses papéis e funções passa pela dívida como plano de fundo por um lado e pela expressão subjetiva da produção de modos de vida.

O que está no coração do capitalismo dos dias de hoje é menos conhecimento do que um processo de produção de subjetividade centrado no desejo, do qual mesmo o conhecimento, a segurança, a informação e a produção cultural e capital dependem. Não é tampouco uma questão de subjetividade cognitiva, mas de técnicas de poder (sujeição e servidão) que agem de modo transversal em uma multiplicidade de formas de atividades, e ao qual, o desejo de hackear e construir tecnologias ou sistemas alternativos se põe como potência hacker anti-hegemônico.

As lutas por um mundo outro não estão necessariamente em sincronia com as de uma vida outra. Esses níveis diversos da ação política não devem ser homogeneizados, mas ao contrário, é preciso engajá-los em um processo de heterogênesse (síntese disjuntiva), sem apelar para nenhuma instância transcendental (o partido, a igreja ou o Estado) os governe e controle, o que Berardi irá chamar como o “Comunismo está de volta, mas deveríamos chama-lo de terapia da singularização” (2009). As formas coletivas de mobilização política contemporânea, sejam manifestações de rua ou lutas sindicais, estão ao mesmo tempo em continuidade e ruptura/bifurcação com a história do movimento operário técnico e o trabalho produtivo, na qual desde sempre, a questão da organização da produção, centrada no desejo de produzir e criar eficiência, mas também diferença, fora central.

A produção apreende e explora algo profundo e transversal à sociedade tomada em seu conjunto, o processo de singularização e produção de novos modos de subjetivação centrados no desejo, emergindo do agenciamento de fluxos humanos e não humanos e de uma multiplicidade de máquinas técnicas e sociais. O desejo desterritorializado relaciona o possível à criação de novas potências - à emergência do que parece ser impossível dentro do quadro da dominação capitalista. O desejo só emerge quando, seguindo a ruptura de equilíbrios prévios, faz aparecer relações que, de outro modo, não teriam sido possíveis. O desejo é sempre identificado pela impossibilidade que ele transpõe e das novas possibilidades que ele cria. É o fato de que um processo surge e secreta outros sistemas de referência em um mundo que anteriormente estava fechado ou reduzido. Para registrar claramente a ruptura com a concepção clássica de desejo, Guattari enfatiza sua ‘natureza’ artificial. O desejo – artificial, desterritorializado e maquínico – não é uma força “natural” ou “espontânea”. “só há desejo agenciado, maquinado” (D; G, 1997, p. 78).

O desejo, não é da ordem da fantasia, do sonho ou da representação, mas da produção, e é nessa sensibilidade desejante em recombinações tecnológicas e subjetivas que um devir-hacker se desenvolve. Desejar sempre significa construir um agenciamento, sempre significa agir em e para um coletivo ou multiplicidade. Não é uma questão de indivíduos e não resulta da simples interação de pulsões individuais ou de conatus (intersubjetividade). O desejo não vem de dentro do sujeito, ele é produzido como “uma peça adjacente a máquina”, “sujeito nômade e vagabundo” (D; G, 2010). Ele sempre emana de um fora, de um encontro, de um acoplamento, de um agenciamento. A concepção clássica do desejo é reacionária porque identifica um sujeito de desejo e um objeto supostamente desejado, em falta de necessidade, enquanto nunca se deseja alguém ou algo, mas sempre uma pessoa ou uma coisa no interior de um conjunto constituído de uma multiplicidade de objetos, relações, máquinas, pessoas, signos, etc. Desejar significa construir um agenciamento que desdobra os possíveis e mundos que uma coisa ou pessoa contém. “Pessoas e coisas apenas intervêm como pontos de conexão, de disjunção, de conjunção de fluxos cujo teor libidinal de investimento propriamente inconsciente elas traduzem” (D; G, 1977, p. 387).

Entre as teorias críticas contemporâneas (Badiou, capitalismo cognitivo, Butler, Žižek, Rancière, etc) são trabalhadas amplamente as questões de subjetividade, sujeito e subjetivação, mas o que negligenciam essencialmente é em como o capitalismo funciona e constrói esses maquinismos de modulação e servidão (LAZZARATO, 2014, p. 34). Parecem afastar-se do *Gundrisse* (Fragmentos sobre Máquinas) de Marx onde: “a maquinaria surge como a mais adequada forma do capital fixo; e este último, na medida que o capital pode ser

considerado como relacionado a si próprio, é a mais adequada forma do capital em geral.” (MARX, 2000, p. 410.).

Compreendemos, então, que os processos maquínicos são estabelecidos diretamente nas estruturas sociais e na sua própria organização, de tal modo que as relações entre máquina e humanidade abrangem as mais variadas dinâmicas subjetivas (etologia, ecologia, linguagem, etc.), intrínsecas ao gerenciamento das engrenagens econômicas e, sobretudo, das suas redes de formação de desejo.

O desejo maquínico pode parecer um pouco desumano, conforme ele rasga culturas políticas, deleta tradições, dissolve subjetividades e hackeia através de aparatos de segurança, traçando um tropismo desalmado até o controle zero. Isto é porque o que aparece para a humanidade como a história do capitalismo é uma invasão, vinda do futuro, de um espaço inteligente artificial que tem que se montar inteiramente a partir dos recursos de seu inimigo. A digitomercantilização é o índice de um tecnovírus escalando ciberpositivamente: um traumatismo insidioso auto-organizante, que guia virtualmente todo o complexo-desejante biológico em direção à usurpação replicadora pós-carbono (LAND, 2011, p.325).

Dados a esta perspectiva, ‘D&G’ (1972) apresentam o conceito nomeado por máquinas desejantes que estabelece uma conexão entre o sujeito e a organização da produção industrial que agora se desdobra em tecnologias informacionais de comunicação e produção de vida, e onde uma competência hacker pode ser levada às brechas dos sistemas. As máquinas desejantes em sua composição funcionam a partir de processos binários, os quais ora conectam, ora cortam os fluxos articulados pelo circuito de sua territorialidade capitalista. Esta relação de corte/assimilação/fluxo/conexão ordena-se basicamente no individual edificado pelo sujeito e sua subjetivação, que atualiza sua subjetividade numa experiência construtiva pelas redes territoriais (escola, praça pública, a rua, o trabalho, etc.). O decodificam enquanto máquina produtora, máquina controlada, máquina assimiladora, máquina que estabelece uma conexão que atualiza o organismo produtivo das indústrias e dos bens de consumo. Neste aspecto, Guattari e Suely Rolnik explicitam em seu ‘Cartografias do Desejo’:

Tudo o que é produzido pela subjetivação capitalística - tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de ideia [...]. Tampouco se reduz a modelos de identidade ou a identificações com polos maternos e paternos. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.34).

De acordo com a lógica da multiplicidade desenvolvida por ‘D&G’ em “Mil platôs”, o capitalismo é relativo à esquizofrenia, onde o desejo, além de fazer parte intensiva da

produção, também torna o sujeito produtivo desajustado de seu corpo que deseja e devém. O foco à subjetividade está vinculado ao conceito das máquinas desejantes, pois o desejo não só fantasia sobre as relações familiares edipianas ou em neoplatonismos; antes, está agenciado ao contexto histórico e político vivido e experimentado. Por outro lado, o desejo também se refere à multiplicidade das experiências, às ações políticas, à criação (tecnológica), ao desenvolvimento sócio técnico em seu contexto histórico, etc... Tal como nos dirá Deleuze:

O desejo é o sistema de signos a-significantes com os quais se produz fluxos de inconsciente no campo social. Não há eclosão de desejo, seja qual for o lugar em que aconteça, pequena família ou escolinha de bairro, que não coloque em xeque as estruturas estabelecidas. O desejo é revolucionário, porque sempre quer mais conexões, mais agenciamentos (DELEUZE; PARNET, 1992, p. 94).

A produção ininterrupta em todas as direções move-se conectando, construindo e hackeando máquinas que operam cortes em outras máquinas - fluxos passando e se desconectando, fluxo contínuo de movimento em encontros e atravessamentos, diferença e repetição, entre cosmos e caos - “O desejo não para de efetuar o acoplamento de fluxos contínuos e de objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados. O desejo faz correr, flui e corta” (D; G, 1977, p. 16). ‘D&G’ desenvolvem como o inconsciente opera de maneira caótica, rizomática, sem começo nem fim, em uma produção universal primária, não representativa, princípio de um empirismo transcendental. Eis aqui a mecosfera, a mega-máquina mundo-mundo, o anel de Moebius cósmico onde empírico e transcendental trocam perpetuamente seus lugares ao longo de uma dobra ontológica e infinitamente complicada - como entre-hackear?

Figura: “Já me cansei do Medo” – México, Movimento Ayotzinapa, setembro de 2014.



Fonte: Desconhecida

Figura: “Tomar o seu desejo para as realidades” - Sorbonne, França em maio de 1968.



Fonte: Desconhecida

4.3 Vigilância - Gerência e Guerra

Agora somos um império e, quando agimos, criamos nossa própria realidade. E enquanto vocês estão estudando essa realidade – judiciosamente, como o farão – nós iremos agir novamente, criando outras novas realidades, as quais vocês podem estudar, e isso é como as coisas irão se desenrolar. Somos atores da história (...) e vocês, todos vocês, vão limitar-se a estudar o que fazemos (SUSKIND, 2004).⁴⁹

⁴⁹ (Suskind, Ron. "Faith, Certainty and the Presidency of George W. Bush", 17/10/2004). (Embora não seja atribuída, muitos acreditam que elas foram ditas no verão de 2002 por Karl Rove, um importante assessor do presidente George W. Bush.) Disponível em: http://www.nytimes.com/2004/10/17/magazine/faith-certainty-and-the-presidency-of-george-w-bush.html?_r=0 Acesso 25 fev, 2017.

Figura: Nova York, 11 de setembro, 2001.



Fonte: Fotografia de Thomas Hoepker

Desde os primeiros dias que se seguiram ao atentado de 11 de setembro, Bush prevenira: “os Estados Unidos irão se lançar em um novo tipo de guerra, uma guerra que requer de nossa parte uma caça ao homem internacional”⁵⁰. O que a princípio soava simplesmente como um slogan pitoresco de um caubói texano fora depois convertido em doutrina oficial e internacional de Estado, com especialistas, planos e armas bélicas junto ao desenvolvimento de sistemas info-digitais de vigilância aprovando o Patriot Act⁵¹. Em uma década constitui-se uma forma não convencional de violência de Estado, que combina as características disparees da guerra e de operação policial, que encontra sua unidade conceitual e prática na noção de caça militarizada ao homem globalizado que, agora, após dez anos, ainda se intensificam em projetos de lei que investem e institucionalizam os mecanismos info-digitais de uma soberania informacional, programas de sistemas e leis como o Cyber Patriot Act (CISA), o PRISMA da NSA (Agência Nacional de Vigilância) e o FISA (Foreign Intelligence Surveillance Act). A primeira tarefa não é mais imobilizar ou aniquilar o inimigo e sim identificá-lo e localizá-lo. Isso envolve todo um trabalho de detecção generalizada com o uso intensivo das novas tecnologias que combinam vigilância aérea, informacional, vídeos e gravações, interceptando sinais e traçados sócio-cartográficos. A topografia das conexões é uma extensão da prática

⁵⁰ “President Speaks at FBI on New Terrorist Threat Integration Center”, 14 fev, 2003. In: CHAMAYOU, G. *Teoria do Drone*. 2014. p. 30.

⁵¹ USA PATRIOT Act é o acrônimo “Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism Act” de 2001 (em português algo como “Ato de Unir e Fortalecer a América Providenciando Ferramentas Apropriadas e Necessárias para Interceptar e Obstruir o Terrorismo”).

generalizada da análise de redes sociais utilizadas para desenvolver os perfis dos indivíduos de grande interesse ou valor traçando fóruns sociais e ambientes que ligam os indivíduos uns aos outros em “nódulos-chaves” estratégicos. A expansão da “nuvem” como campo de agenciamento conectivo e virtual.

Os “dotcoms” no começo da internet global pela década de 1990 foram laboratórios para a formação de novos modelos de produção e mercado, mas no final, o mercado estava sufocado por monopólios e exércitos de auto-empresendedores e pequenas iniciativas dispersas que finalmente foram sujeitados à precárias formas de emprego em um tipo de cognitariado e info-proletariado como indicamos na dissertação. As corporações acabaram por tomar a liderança na nova economia de rede (“net-economy”) e aliaram-se com os grupos dominantes da velha oligarquia, bloqueando e pervertendo o próprio projeto de globalização.

O neoliberalismo produziu sua própria negação: a dominação de monopólios econômicos e a ditadura de Estados-policiais e vigilantes. A promessa ao qual estava implícita a nova economia virtual oferecia grandes recompensas e participação nas fortunas econômicas do novo sistema. Mas aí veio o “bug do milênio”, o “data-crash”, o colapso do novo milênio 2000, iniciando novas condições de terror e controle na intensiva modernidade tardia. A imaginação social estava carregada de expectativas apocalípticas no mito do tecno-colapso global que levou ondas midiáticas e especulativas aterrorizantes por todo o globo. “Nada aconteceu naquela noite de ‘millennium’, mas a psique global tremeu e fraquejou à beira do abismo” (BERARDI, 2014, p. 160).

A profusão cotidiana de informações – alarmantes para uns, apenas escandalosas para outros – molda nossa apreensão de um mundo globalmente não inteligível. Seu aspecto caótica é a névoa de Guerra por trás da qual ele se torna inatacável. É por meio de seu aspecto ingovernável que ele é realmente governável. É aí que está a malícia. Ao adotar a gestão da crise como técnica de governo, o capital não se limitou apenas a substituir o culto do progresso pela chantagem da catástrofe, ele quis reservar para si a inteligência estratégica do presente, a visão de conjunto sobre as operações em curso. E é isso que é importante disputar com ele. Trata-se, em material de estratégia, de voltarmos a estar dois passos à frente em relação à governança global. Não há uma “crise” da qual é preciso sair, há uma Guerra que precisamos ganhar! (Comitê Invisível, 2016, p.19).

Com a autonomização dos grandes meios (de comunicação e tecnologia) em relação aos meios políticos no meio do século XX, a questão da relação entre mídia e política (e cada vez mais a polícia e a guerra) se retorce à seu duplo em alianças transnacionais de gestão e controle em todos âmbitos: estética, política, ideologia e belicosidade. Um outro fenômeno introduzido na chamada globalização neoliberal em que a mídia tem o papel de domesticar e

normalizar a população para aceitação da estratégia de aprofundamento e aceleração neoliberal.

a partir dos anos 1980, o consumo, a comunicação e a cultura de massa vem se tornando parte de um processo de integração e cooptação de “singularidades” de tal modo que o problema, desde então, tem sido o seguinte: como integrar as singularidades, as diferenças, as minorias no sistema uniformizante e nivelador de valorização e acumulação capitalista? Os empresários estão tentando criar as condições para alguma singularização pelo menos nos vetores de produção. Isso significa, que nessas estruturas estratificadas, uma tentativa esta sendo feita no sentido de criar margens suficientes que permitam que esses processos se deem, desde que o sistema capaz de cooptá-los permaneça absoluto. (GUATTARI, 1992, p.183).

Com o avanço da propaganda e posteriormente, com o advento da televisão, uma máquina valorativa cada vez mais bem-organizada se desenvolveu, da qual Google, Apple e Facebook podem ser considerados a nova fronteira de interesse. Em 2014, a Comissão Federal de Comunicação dos EUA propôs o fim da neutralidade da rede dando aos grandes pagadores (Amazon, Google, Facebook e Netflix) o acesso rápido de uso, enquanto que usuários ordinários ficam para trás no jogo mercadológico financeiro (MIRZOEFF, 2015, p. 7). Isso mostra o deslocamento constante da fronteira do capital, buscando e criando outros territórios de expansão e imperialização arbórea do capital de investimento. O novo ‘celeiro do mundo’ é o mercado informacional emergente em uma “economia de Mercado informacional” e transborda na vigilância gerenciadora de toda uma diplomacia internacional.

Criam-se bolhas de valoração e exploração para aliviar e compensar as despesas investidas em outras bolhas financeiras, predando, assim, toda a especulação ativa de áreas da economia real, não-financeiras e de desenvolvimento estrutural. Com isso, marcam a intensificação e uso de um tipo de corrupção ideológico e totalitário que mobilizam governos, infraestruturas e ideologias a corresponderem à uma forma organizacional, supranacional e trans-estatal de produção e valoração financeira/econômico, (principalmente depois da quebra da bolha do mercado imobiliário nos Estados Unidos em 2008), transferindo investimentos para o setor tecnológico do “Vale do Silicône”⁵². Tal escalonamento emergente levou às denúncias feitas por vazamentos de documentos e registros desde o caso do Wikileaks junto ao soldado Manning ao “Vault 7”, lançado em março de 2017 (evidenciando o sistema global de hackers

⁵² Por exemplo a biografia de Ruth Porta: vice-presidente do banco Morgan Stanley durante a crise de 2008, mudando para a presidência da Alphabet In., subsidiária da Apple onde produz material interativo e didático educativo. Ela é membra do Comitê de Consulta de Empréstimos do Tesouro dos Estados Unidos, na banca do Fundo de Investimentos da Universidade de Stanford, na banca dos diretores do Conselho de Relações Exteriores, na banca do Clube de Seguros Econômicos de Nova York e do Comitê de Bretton Woods assim como membra do Conselho de Consulta do Centro Fiscal Hutchins e da Instituição de Política Monetária e Fiscal. Cf.: *Financial Oligarchy and the Crisis* – Entrevista do Professor do MIT Simon Johnson com Harvey Stephenson. Grand Cayman, Ilhas Cayman, 20 Janeiro, 2010.

da CIA⁵³), quanto ao analista de sistemas ex-contratado pela CIA/NSA, Edward Snowden⁵⁴ e que não sabemos ainda todos os desdobramentos de tais operações.

As revelações de Snowden comprovam-no amplamente: serviços secretos, multinacionais e redes políticas cooperam sem vergonha, mesmo para além do nível estatal, para o qual todo mundo agora está reclamando. E não há, nestas circunstâncias, nem centro nem periferia, segurança interna e operações exteriores. O que se experimenta sobre povos longínquos é, mais tarde ou mais cedo, o destino reservado ao seu próprio povo: as tropas que massacraram o proletariado parisiense em Junho de 1848 tinham adquirido prática na “guerra das ruas”, nas razias e nas enfumadas na Argélia em processo de colonização... Por todo o lado se treinam combates urbanos, a “pacificação” e a “estabilização pós-conflito”: está tudo pronto para as próximas insurreições.(COMITÊ INVISÍVEL, 2015, p. 105).

A ideia desse arquivo-geral que garantisse antecipadamente a rastreabilidade retrospectiva de todos os itinerários e de todas as gêneses busca a capacidade de estocagem, indexação e análise que os sistemas atuais não possuem: O princípio de arquivamento total ou de um filme de todos eventos e vidas (CHAMAYOU. 2014. p. 33). A vigilância info-óptica não se limita à vigília em tempo real. Ela se redobra como uma função de gravação e arquivamento produzindo uma cartografia temporal dos acontecimentos para que se possa rastrear em uma topografia cronológica, rastreando sua genealogia de ameaças e seus possíveis desdobramentos – “Se uma cidade pudesse ser vigiada de uma só vez, os carros-bombas poderiam ser rastreados até seu ponto de origem” (Idem).

Comparando com o sistema de vigilância operacional dos drones, Chamayou reporta que só no ano de 2009 essas tecnologias geraram o equivalente a 24 anos de gravação em vídeo. Em um novo sistema que promete gerar vários terabytes por minuto, desenvolvido inicialmente para jogos de futebol americano, um sistema de software que indexa cada momento filmado em diversas câmeras e reúne suas informações em um código temporal e interativo. Encontramos aí justamente o problema onipresente da contemporaneidade, o “data overload” – sobrecarga ou avalanche de dados que acaba por tornar a informação altamente profusa e inexplorável. Os locutores esportivos querem coletar e catalogar vídeos sobre um jogador específico ou um bom arremesso, os militares querem dispor da capacidade semelhante para

⁵³ Disponível em: wikileaks.org/ciav7p1 Acesso 08 mar, 2017.

⁵⁴ Em 2013, Snowden divulgou uma série de documentos aos quais, em referência ao caso brasileiro, haviam provas de espionagem ao ‘hackear’ a Petrobras e telefones da presidência federal de Dilma Rousseff, que decretou às agências do governo a contratarem apenas empresas estatais em seus serviços de tecnologia. Isso poderia significar que as companhias norte-americanas perderiam até US\$ 35 bilhões de receita em dois anos, ao ser excluídos de negociar na 7ª maior economia do mundo (Brasil) – como descobriu o grupo de pesquisa “Information Technology & Innovation Foundation”. Documentos divulgados também revelam que a agência de inteligência brasileira possui grande parte de sua estrutura tecnológica, como modens e manutenção de satélites, ligada a empresas de consultoria de inteligência americanas e privadas, como a Stratford no Texas. Disponível: <https://search.wikileaks.org/?q=> e cf.: <http://rogeriocerqueiraite.com.br/o-brasil-no-epicentro-da-guerra-hibrida/> Acesso em: 26 nov, 2016.

seguir alvos. A guerra futura, prevenia há muito tempo Walter Benjamin, apresentaria esse aspecto esportivo que superaria as categorias militares e colocaria as ações guerreiras sob o signo do recorde. A etapa seguinte seria a de automatizar a indexação dos dados: confiar à máquina a tarefa fastidiosa de indexar as etiquetas (tags) de referência nos meta-dados, construindo sistemas cognitivos integrados para a vigilância automatizada, fundindo as diferentes camadas de informação e combiná-las em interfaces de visualização e gerenciamento (é o conceito de “data-fusion”) (Ibid, p. 43). Segundo um analista da Air Force:

Hoje, analisar imagens capturadas pelos drones é uma atividade entre trabalho social e ciências sociais. O foco está na compreensão dos ‘esquemas de vida’ e nos desvios desses esquemas. Por exemplo, se uma ponte normalmente cheia de gente se esvazia de repente, isso pode significar que a população sabe de uma bomba ali. Agora vocês estão começando a fazer um trabalho de estudo cultural, estão observando a vida das pessoas. (In.:????? CHAMAYOU, 2015, p. 37)

Um desses órgãos de apoio à estratégias info-tecnológicas de controle, trata-se de um órgão ultra-secreto, ligado à NSA, chamado *Sinio Council*, que estuda as dinâmicas de cada país, com objetivo de promover interferências que atendam os interesses econômicos e políticos dos Estados Unidos, em especial do governo e das corporações norte-americanas. Uma lei promulgada neste ano de 2016, o “*Countering Information Warfare Act of 2016*”⁵⁵ afirma esta tendência acirrada da militarização da diplomacia e da globalização para “*contrariar propaganda e desinformação estrangeira, e para outros propósitos*”.

Observamos aqui mais uma vez esse caráter do duplo negativo da informação representacional que sequestra e reutiliza termos de resistência (contra-informação) para suplantar uma estratégia de poder e controle (informacional e ideológico) contra-insurgente. Vemos uma abordagem hacker sendo apropriada às estratégias de poder, onde a vigilância toma o lugar do hacker como invasor de sistemas e informações pessoais, agora traficadas em grandes *E-Commerces*. Justamente o oposto negativo é apropriado e constituído em uma Necro-Ética de vida, em mais uma das camadas complexas de guerra distribuída e controle contemporâneo, entre medo e segurança:

É preciso então ler as doutrinas contrainsurrecionais enquanto teorias da guerra que nos é dirigida, e que tecem, entre outras coisas, a nossa situação comum nesta época. Há que lê-las quer como um salto qualitativo no conceito de guerra, sob o qual nos podemos posicionar, quer como espelho enganador. Se as doutrinas da guerra contrar-revolucionária se modelaram a partir das doutrinas revolucionárias sucessivas, não podemos contudo deduzir negativamente nenhuma teoria da

⁵⁵ Disponível em: <https://www.congress.gov/bill/114th-congress/senate-bill/2692/all-info> Acesso em: 5 maio 2016.

insurreição a partir das teorias contrainsurrecionais. É esta a armadilha lógica. Já não nos basta manter uma guerra latente, atacar de surpresa, derrubar todos os alvos do adversário. Até essa assimetria foi reabsorvida. Em matéria de guerra, como de estratégia, não basta recuperar o atraso: é necessário tomar a dianteira. Precisamos de uma estratégia que vise não o adversário, mas a sua estratégia, que a volte contra si próprio. Que faça da sua crença no êxito o caminho para a derrota (COMITÊ INVISÍVEL, 2015, p. 106).

“Um Ataque oculto às Instituições” de Hakim Bey e um devir-hacker se contrapõem à um devir-midiático, economicista e bélico ou em uma estratégia “Bunker” se ligarmos ao que Eugenio Trivinho denomina de fenômeno da bunkerização da vida, uma bunkerização da existência e da experiência cotidiana. Aproximam-se a comunicação e a produção de vida do campo bélico, sistemas sociais “*Apocalípticos e Integrados*” (ECO, 1968), onde a “lógica” do poder contemporâneo não consiste em enfrentarmos a crise, mas em gerirmos suas consequências.

Figura: ‘Destrua as câmeras’



Um pôster chamando para a destruição das câmeras CCTV de vigilância israelense, colado em uma coluna na Mesquita de Al-Aqsa em Jerusalém, na frente do Domo da Pedra, 8 de Abril 2016. Fonte: Foto: Ahmad Gharabli/AFP.

Essa matrix, ou matriz, campo constitutivo de rede, conecta os fluxos neuronais de corpos dispersados no espaço e em territórios diversos. O tempo em distância e em espaço se conecta em um enquadramento operacional de códigos, submetendo fluxos cognitivos e coletivos à padrões regulares de algoritmo, transformando ou ativando a nuvem em um enxame (“swarm effect”) – linha estratégica de qualquer ‘media warfare’ (BERARDI, 2014, p. 165). “O que quer que a ultramodernidade coloque sob o domínio dos signos a pós-modernidade subverte com vírus. Conforme a cultura migra para dentro de máquinas-parciais (que carecem de um sistema reprodutivo autônomo), a semiótica desaparece em virotécnica” (LAND, 2011, p.8). A racionalidade política subjacente a esse tipo de prática é a da medida de segurança para o social que não é destinada a punir mas somente preservar a sociedade contra o risco que ela

corre em seu seio na presença desses seres perigosos⁵⁶. Daí o imperativo categórico ou uma razão de Estado para que potências globais desenvolvam e disputem um sistema de “global information dominance” (MATTELART, 2005). Se a “guerra é a política por outros meios” como Clausewitz postulava no início da modernidade, com certeza a ciber-guerra se constitui em mais uma ferramenta e campo de atuação, dando condições também à atores menores a se equipararem em recursos e dispositivos de inserção.

A violência é, doravante, parte essencial da instalação do projeto econômico global, ou melhor, da “representação do mundo” (shaping the world). Seu instrumento comum: o domínio do tempo eletrônico, a observação e a escolha do público alvo em tempo real. Timely knowledge flow: a divisa da nova doutrina militar sobre o network-centric war desde a guerra do Afeganistão é também a dos estrategistas da economia (MATTELART, 2005, p.12).

A hegemonia cultural se confunde com o exercício do softpower, o poder de sedução e o recuo das estratégias que recorrem à força e à coesão às periferias globais, às zonas de sacrifício e fronteiras (Idem, p.9). Neste Estado Informacional, como tratado por Sandra Braman (2006), o sistema pan-óptico fora trocado, ou evoluído, para um sistema pan-espectral com a adição de dispositivos que podem manejar muitos sujeitos ao mesmo tempo e sem que eles saibam que estão sendo vigiados, como ou porque estão sendo vigiados e quando eles se tornarão visíveis na tela interface pan-espectral.

O Estado informacional tem muito mais conhecimento sobre as forças simultâneas interagindo através do globo no presente do que sobre a história. A memória desse Estado Informacional – conhecimento genético, em termos da teoria de sistemas, é fragmentada, incoerente e comumente não-existente. A consciência das condições atuais – mudanças epigenéticas – é muito maior. As consequências políticas disso são significantes, porque o conhecimento do passado fornece ‘insights’ sobre as forças causais que criaram as circunstâncias atuais, fornecendo informações valiosas para o planejamento futuro. O conhecimento do presente serve para fins de controle mas ao menos que sejam arquivados e tornados acessíveis, não suporta a função de planejamento. Enquanto a combinação do conhecimento do passado e do presente seria o ideal, o conhecimento do passado analisado através de uma variedade de lentes teóricas é de valor inestimável para os ‘decisores’. O conhecimento do presente por si só cria o ambiente de planejamento sujeito aos caprichos

⁵⁶ No Brasil, a primeira iniciativa desenvolvida fora a criação do ‘Centro de Defesa Cibernética’ (CDCiber) onde teve como primeira missão o monitoramento de rede da Rio+20, a conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, que aconteceu no mês de Junho de 2012 e foi um ambiente comum para ataques vindo de hacktivistas. O evento fora a prova de fogo para a estrutura de defesa contra ataques cibernéticos do país que reunia cerca de cem chefes de Estado e de governo.

daqueles em posição de controle do conhecimento diagramático temporal, podendo assim manipular as realidades interessadas (Idem, p.11).

A autora define três tipos de poder que são manipulados em diferentes formas: o poder sobre a força física, sob o poder estrutural, ou seja, a manipulação do mundo social por regras leis e instituições e um outro tipo simbólico, como a manipulação de ideias, palavras e imagens, o que levaria à terceira forma, um tipo informacional, a manipulação das bases informacionais que concernem os procedimentos de tais operações – o controle sobre o sistema produtivo material e imaterial: o informacional (BRAMAN, 2006, p.25). O Estado cria mecanismos regulatórios dos sistemas informacionais em ordem de manter o poder sobre os vastos grupos econômicos, sociais, culturais e atividades militares. Por exemplo, manter a normalização da cultura social como através dos jornais e publicações midiáticas e a imposição de vocabulários e jargões pré-definidos de marketing e sensacionalistas, tendo a corrupção como exemplo de apelo histórico em acusações políticas, principalmente pela direita corporativa. “Em algumas décadas o governo do Estados Unidos tem provocado uma grande mudança no acesso da internet à informações governamentais e tem simultaneamente aumenta o controle sobre a informação transmitida e quais são coletadas por agencias ‘independentes’” (BRAMAN, 2006, p.317)

Uma manipulação política em um revisionismo histórico se torna muito mais fácil na era da informação globalizada. O conceito de fronteira pode ser substituído com a noção de zonas de fronteira variantes, onde as fronteiras virtuais constituem uma dinâmica totalmente cambiante, não geográficas em mapas de sistemas tecnológicos e informacionais. Esta expansão das fronteiras através desse ‘Estado informacional’ além de suas fronteiras geopolíticas vem sido usada pelos Estados Unidos para justificar intervenções em qualquer lugar do mundo. No plano internacional, o sistema informacional tem um papel central, principalmente desde a guerra fria e que agora se desdobra e se concentra, após a ‘guerra às drogas’, na chamada ‘guerra ao terror’ com seus desdobramentos em um marketing do terrorismo⁵⁷. Sua função é também fundamental no controle econômico e competitivo dos mecanismos aplicados através dos mercados internacionais, principalmente o veloz tecno-mercado financeiro.

O ambiente ao qual essa pratica política é feita inclui o mundo natural assim como os mundos maquínicos e sociais, emergindo no aumento de políticas em varias formas de inteligência

57 Estratégia usada desde o financiamento dos guerrilheiros Mujahidins no Afeganistão com Osama Bin Laden em 1987 contra a União Soviética até a articulação do Estado Islâmico contra a Síria atualmente. Discurso feito por Hillary Clinton onde afirma essa estratégia de marketing terrorista ao fundar o Al-Qaeda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dqn0bm4E9yw> Acesso em: 10 set, 2016.

eletrônica e embora continuemos a usar a linguagem de fatos, seu papel na produção de políticas e leis esta fadada a pertencer ao processo retorico de tomada de decisão mais do que na produção de seu conteúdo tecno-político. A tese de Virílio (1989) sobre as tecnologias de guerra, como instrumentos de percepção, é valiosa para pensar as guerras contemporâneas e os processos de subjetivação forjados nas mesmas. Essas práticas de guerrilha do próprio poder, agora midiático e veloz, modulam as existências pelo medo, pelo inesperado do ataque, pela proporção midiática que ganha em suas consequências ‘administráveis’ e pela sensação de insegurança que seus efeitos forjaram, ao conseguir “furar” os bloqueios de proteção.

As grandes empresas de Tecnologia da Informação (TI) estão cada vez mais a frente dos poderes estatais de coordenação e controle do tráfego informacional global. A supervia informacional junto ao portal da web estão enquadrando uma nova hierarquia na data-esfera e pavimentando um caminho para uma cartografia específica da internet de redes. Essa cartografia se forma no registro dos processos em movimento e em suas diferenciações e singularizações, e não apenas em representar objetos fixos e constituídos (KASTRUP, 2009). O processo de (des) mapear nos convida a uma nova relação espacial na era das redes globais das altas frequências de comércio, cabos submarinos e rotas automatizadas que, contra esse fundo constitutivo, uma nova medida de crítica e produção se faz ao ‘hackear’ as velocidades de conexão e controle, tão ínfimo como o atraso latente da transmissão entre servidores e terminais (o ‘lag’ ou o tempo de ‘Ping’) (CHAMAYOU, 2014).

O trânsito digital reposiciona países em um mapa onde se projeta as melhores conexões e exclui ou limita outros, em uma constante compressão, ejetando os mais lentos e fracos às periferias informacionais - os novos guetos do mundo conectado. Baseado em um “comando de Ping”, esse projeção faz a manutenção dos 193 países da ONU de acordo com o tempo de resposta em relação à seus ‘sites’ governamentais, definindo suas distâncias e presenças virtuais na rede, engenharia de fluxos, como traçado geopoliticamente em 2013:

Figura: “A era dos impérios da internet”

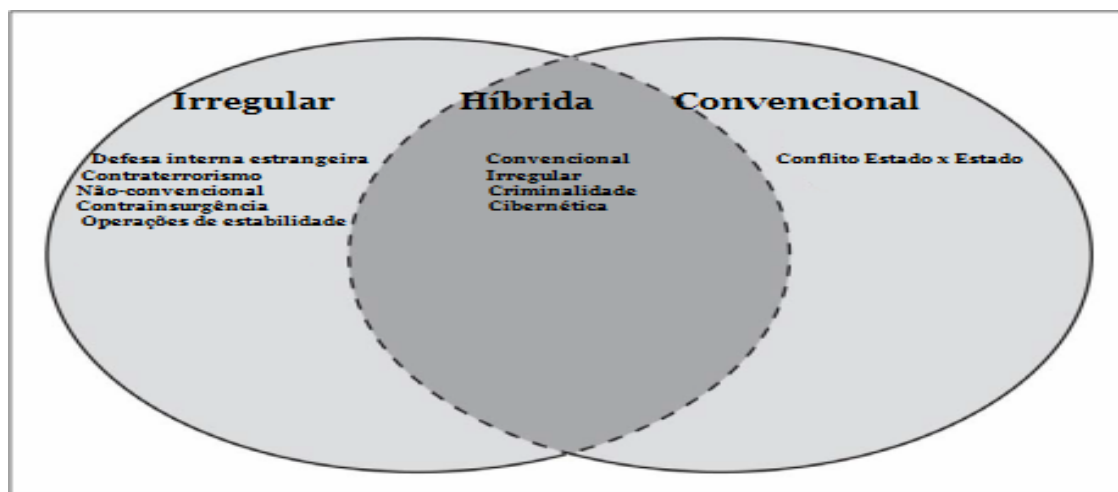


Fonte: Mark Graham e Stefano De Sabbata, feito com “Natural Earth” - Oxford Internet Institute, Agosto de 2013.

A guerra sem fronteiras está finalmente refinada e institucionalizada. Seja através do uso de drones, mísseis, incursões noturnas, manipulação midiática dos fatos ou novas plataformas e estratégias ainda não totalmente relevadas, o que temos vendo através de vazamentos, ‘hacks’ e até por pesquisas mais específicas na questão, é que a normalização do assassinato sigiloso é um componente central na geopolítica contemporânea, principalmente na política de contra-terrorismo dos Estados Unidos⁵⁸. A estratégia macro-geo-bio-política das “Guerras Híbridas” surgiu em 2010, derivado do “Manual para Guerras Não-Convencionais” das Forças Especiais Americanas. Onde: “O objetivo dos esforços dos EUA nesse tipo de guerra é explorar as vulnerabilidades políticas, militares, econômicas e psicológicas de potências hostis, desenvolvendo e apoiando forças de resistência para atingir os objetivos estratégicos dos Estados Unidos. [...] Num futuro previsível, as forças dos EUA se engajarão predominantemente em operações de guerras irregulares (como indica o “GAO analysis”):

Figura: “Guerras Híbridas”

⁵⁸ Em setembro de 2009, o Gen. David Petraeus publicou uma ordem executiva chamada “Joint Unconventional Warfare Task Force” que habilita bases para forças militares conduzirem ações clandestinas e expandidas no Iêmen e também em outros países. Permite forças especiais ‘americanas’ a entrar em qualquer país, aliado ou inimigo, para “construir redes que podem penetrar, atrapalhar, derrotar e destruir a Al’ Qaeda e qualquer grupo militante, assim como preparar o ambiente para futuros ataques por forças militares americanas ou locais. Disponível em NY Times, 24 de Maio, 2010: http://www.nytimes.com/2010/05/25/world/25military.html?_r=0 Acesso em: 22 mai, 2016.

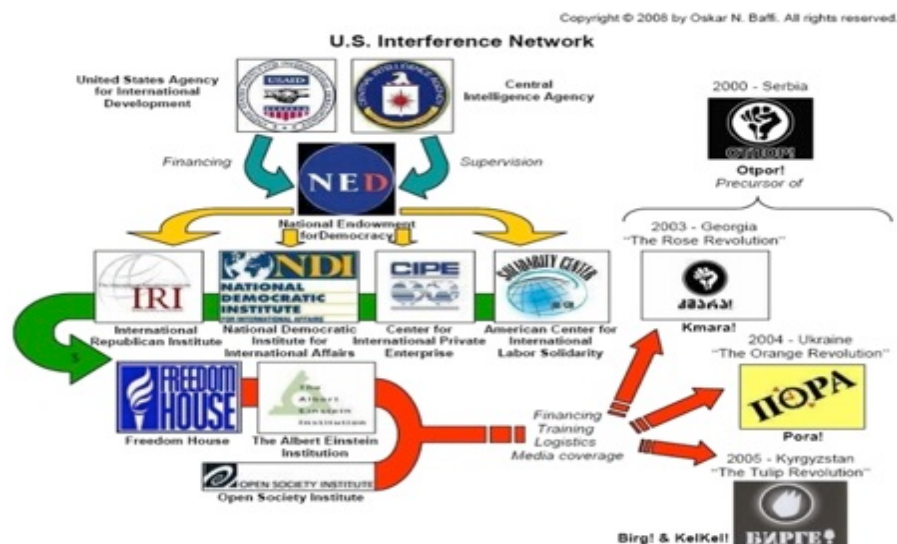


Source: GAO analysis of DOD military concept and briefing documents and academic writings.

Fonte: GAO análises do conceito DOD militar

Políticas de desestabilização (muitas vezes através das redes sociais) implementam diversos “Mecanismos de Saques” que são engendrados a partir de uma estratégia de “reustaração neoliberal” da elite e da “lumpen burguesia” global, como indica Beinstein (2008)⁵⁹, e no gráfico a baixo, junto ao investimento cultural e estratégico de influenciar mudança de regimes:

Figura: Rede de financiamento cultural e criação de ‘líderes’ de oposição em diferentes países



Fonte: Oskar N. Baffi, 2008.

⁵⁹ <http://cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FPolitica%2FOrigem-e-augue-das-lumpen-burguesias-latino-americanas%2F4%2F36155>

O aspecto central da doutrina da “global information dominance” (dominância global informacional) é justamente a segurança e a defesa. Conceitos como “netwar” e “cyberwar”⁶⁰, exprimem os componentes da dita “sociedade do conhecimento”, a “noopolítica” como fronteira da “nooguerra”. Trata-se aqui de controlar agendas de prioridades de tal forma que se imponham naturalmente à outros países, conduzindo-as a aceitar as normas e instituições conforme os interesses hegemônicos de produção. Nessa lógica de segurança baseada na interceptação preventiva de indivíduos perigosos, a guerra toma forma de vastas campanhas de execuções e perseguições extrajudiciais. O ‘Predator’ ou ‘Reaper’ – (aves de rapina e ceifador da morte) são nomes de veículos não tripulados (VANTS ou DRONES) e indicam literalmente a representação de suas funções e propósitos: as tecnologias biopolíticas dos drones matam em nome de uma ‘vida segura’ e distante.

Figura: “Porque você matou minha família?”



Fonte: Desconhecida - Iêmen, 2014.

O controle, portanto, é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado. “O homem não é mais o homem confinado em instituições” e sim o homem endividado e rastreado por sistemas info-vigilantes de indexação e cobrança em ‘extituições’ de gerência e controle - “Pobres demais para pagar a dívida, numerosos demais para o confinamento” (DELEUZE, 1992a, p. 220). O controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão dos guetos e favelas em seus movimentos de contra-ação e resistência⁶¹. Se na sociedade disciplinar a normalização constituinte era muito pautada pela

60 A netwar é feita contra os novos inimigos que recorrem às redes: os cartéis da droga, os ativistas, os terroristas, etc. A cyberwar aplica-se às novas formas da guerra tornadas possíveis graças ao domínio das tecnologias da inteligência, da vigilância e do reconhecimento. (MATTELART, 2005, p.10). Disponível em: <http://www.gepicc.ufba.br/enlepicc/> Acesso em: 27 jun, 2016.

61 “MEGACITIES AND THE UNITED STATES ARMY - Preparing for a complex and uncertain future” -

palavra de ordem, na sociedade de controle torna-se o algoritmo, a cifra, o código ou a senha de passagem, entre o controle e a fluidez de circulação (bens, pessoas, informação, etc): “A Matrix está por toda parte. É o que você vê quando vai ao trabalho, à igreja e quando paga seus impostos. É o mundo que fora posto em frente à seus olhos para esconder a verdade” (WACHOWSKI, 1999). A pergunta que temos que fazer, ao tratar-se de economia política (marxista) é: à quem essa ‘falsa’ matrix (ideologia) beneficia, onde há rachaduras ‘hackeáveis’ e quais valores estas fendas possam reverberar na construção de outras tecnologias, linguagens e éticas de vida mais livre?

Como o performer confrontado uma vez por indecifráveis gráficos e pontuações, o ativista é similarmente confrontado por essas condições indecifráveis da entidade política sem esperanças para mudança. No final, ambos precisam traduzir um texto que não é um texto ou performar uma pontuação que não é uma pontuação através de um aprofundamento interno neles mesmos, mergulhar em sua fonte autônoma para encontrar novos meios de entender e – uma vez atingidos – encontrar formas de comunicar à outros (BERARDI, 2011)

Nós damos nossos dados manipulados e agenciados dentro de nossa meta-máquina computacional e, em troca, ganhamos um acesso relativo à cultura, tida em uma utopia interativa auto-didática, distante e segura em bolhas de gosto ou interesse. O usuário se torna produto e não mais cliente, automaticamente se produzindo em uma servidão maquínica em que o sujeito paga (se endivida) duplamente: em seu trabalho de movimentação de dados em rede com seus hábitos e interesses, ao qual a área de marketing adora ‘trackear’ em ‘targets’ de jargões da área, e por outro, em pagar o serviço das grandes operadoras que cada vez mais restringem acesso e cobram preços mais elevados. Está aí o duplo agenciamento maquínico ao qual um devir-hacker, cripto-punk se torna urgente para podermos pensar, evidenciar, denunciar e ir além dessa estrutura totalizante. Não é uma questão de vanguarda política e sim de construir através do sistema tecno-político, essa nova capacidade de expressar e produzir, participando do processo de compartilhamento de ideias sem precisar estar centralizado ou submetido em alguma única instituição, ou que perpassse e extrapole em ‘extituições’, partidárias, midiáticas, políticas, produtivas, etc.

A maquinaria midiática busca sempre por absorver e inferir um valor normativo, adaptável e mais fixo, como uma ‘prótese’ imaterial do imaginário (simulacro) individual e coletivo. Destinada à realização maquínica ampliada da subjetivação e condicionada segundo as

necessidades de preservação do sujeito típico (radio-ouvinte, telespectador, internauta), os valores da mídia empresarial sustentam o real mediático - fluxo informacional e apropriação social, projeção sócio-técnica instituída e reificada como parâmetro cultural. A reverberação tecnocultural da mixagem sociotécnica engendra um processo social de agenciamento integral do sujeito, de seu corpo e de sua subjetividade para fazê-lo compreender o social, o outro e o si-próprio consoantes às necessidade (estruturais ou conjunturais) de autoprodução e reprodução civilizatória desse capital ‘glocal’, intensivo e tido como chave para outros mundos de existência (TRIVINHO, 2007).

A ‘inclusão’ compartimentalizada em bolhas de acesso e auto-ilusão interativa, é hierarquizada e excluída pelo capital controle, invisível em suas fronteiras de vigilância e dominação. O acesso integral como ilusão produzida pela colonização e controle dos territórios de produção e agenciamento i(materiais). A exposição midiática (semiótica audiovisual intensiva), como ferramenta desse poder de ilusão e controle, se desdobra precisamente como forma de aculturação midiática integral em sua modalidade de agenciamento antropológico e civilizatório, permanente e ampliado (TRIVINHO, 2007, p.33). Propaganda e noise são mixados em fragmentos de verdade e desinformação por todos os lados e de todos os tipos, a maioria apelando para fetichismos nacionalistas ou desenvolvimentistas, em um ‘soft-porn’ geopolítico.

“Ao mesmo tempo, vemos um repentino lançamento de um aplicativo de celular que nos convida a caçar monstros metafísicos superpoderosos pela cidade” (BERARDI, 2016)⁶². O entretenimento desviante da mobilização e produção da sociedade e da luta de classe agora chega como jogo virtual e presente no “Pokémon Go”. Um jogo para celulares que fora lançado através da campanha presidencial americana em que uma das candidatas comenta “Não sei quem criou esse jogo mas com certeza estou pensando em como fazer o “pokemon Go” ir às eleições”⁶³. Este caso marca justamente a fronteira das estratégias de tecno/biopolítica de agenciamento que evidenciamos nesta pesquisa, entre a vigilância e a imaginação criativa constituinte, há estratégias sólidas, velozes e ‘espertas’ em jogo – bem vindos à geo-biopolítica.

Primeiramente podemos indicar de cara a infantilização revelada e agenciada através da psico-esfera global em uma recusa de participar da barbarização da vida real, levando grupos e comunidades a se isolarem em portais de simulação, seguras e assistidas, interagindo com

⁶² BERARDI, Franco. The summer of Pokemon Go. 12 set, 2016. Disponível em: <https://diem25.org/the-summer-of-pokemon-go/>. Acesso em 22 marc, 2016.

⁶³ Hillary Clinton em sua campanha presidencial, 14 de julho de 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jt6riM2aDLk>. Acesso 25 fev, 2016.

personagens fictícios. Empatia e anestesia jogam junto nas dimensões das tecnológicas imersivas. Ligando a fronteira do virtual como forma de inserção, gerência e vigilância ao território físico, usaram justamente os usuários em rede para ‘atraí-los’ à locais turísticos de investimento ou em áreas ainda não ‘codificadas’. A linguagem e afeição foram reduzidas à um alfabeto ‘psicométrico’ formatado de ícones que substituem emoções e pensamentos: emoticons, likes, amizades formatadas, indicadas e sugeridas, emoção memética no exame de rede e a despolitização afetiva – “não vote, clique”.

A evolução da tecnologia, assim como de seus usos e estratégias de criação e controle, assim como as novas guerras, não é linear. “Aqueles envolvidos na rede produtiva (programers, designers, hackers e todos cognitariados do mundo) sempre criam novas recombinações” (BERARDI, 2016). Novos caminhos e cabos se bifurcam em multiplicidades inesperadas que se inventam ao longo dos processos e disputam linhas de escape e construção de hegemonias.

Podemos imaginar pequenas comunidades migrando ao espaço de uma imaginação compartilhada, crescendo em números e finalmente se livrando de um planeta pós-apocalíptico? ...Quem ou o que irá criar os mitos, místicas, softwares e interfaces deste segundo planeta e desta expansão à segunda vida, desta expansão dimensional da experiência? ...Não podemos prever exatamente o futuro da globalização ou dos controles hegemônicos tecno-políticos, neuro-totalitarismo ou linhas de fuga e criação? Provavelmente ambos. (BERARDI, 2016).

É um jogo de fumaça e espelhos, um labirinto de paranoias como conclusão do campo da espionagem e das guerras secretas, como no expressivo filme “Inception” (NOLAN, 2010). Operam como se flexionasse, por suavíssima persuasão pré-simbólica, a-racional, o desejo dos sujeitos (em especial, as novas gerações) na direção de sua projeção social (povoamento e colonização) mediante uso de tecnologias comunicacionais. “Não foram as máquinas que fizeram o capitalismo, mas, ao contrário, o capitalismo é que fez as máquinas e não para de introduzir novos cortes graças aos quais ele revoluciona os seus modos técnicos de produção” (D; G, 2010, p. 16).

Atualmente, a Gestão da Informação é uma arma estratégica para a competitividade global. A informatização como reengenharia cada vez mais se aproxima de conceitos estratégicos ao poder do Império, como visto no capítulo anterior no trabalho de Negri e Hardt (1999), mas também como prática e estratégia real. O emergente regime global de informação engendra e disputa tecno-políticas de controle de fluxo e captação de dados, em fronteiras virtuais e físicas com cabos conectivos e geopolíticos. A confluência das redes globalizadas engendra regimes de informação que competem pelo controle e poder ao desenvolver o complexo de informação estratégica (equiparando o de tecnologia militar). Bolhas informacionais atuam

como regimes de valoração e manipulação utilizando filtros invisíveis (PARISER, 2012) em táticas de mídia e visibilidade.

A incerteza geral que o agravamento veloz da crise engendra levanta a névoa da guerra como condição perene de estado de exceção. A limitação acirrada do movimento de fluxos na internet com pacotes de dados, assim como a construção de tais bolhas informacionais, financiadas e gerenciadas por regimes informacionais de capital transnacional, investe em grandes manobras semióticas, semânticas e axiomáticas que tramam junto a todo um conjunto de ofensivas teóricas que buscam se apropriar, distorcer e redefinir os conceitos que permitam a legitimação de novas formas de violência e controle.

Essa tese busca levantar ferramentas discursivas, intelectuais, acadêmicas, filosóficas, tecnológicas e políticas ao se opor à política da técnica como instrumento de controle e de morte. Se essa ‘guerra técnica, digital e semiótica’ não é exatamente uma guerra, a qual estado de violência esta corresponde? Em discursos proferidos em campanhas eleitorais, em diplomacias internacionais e até políticas públicas de urbanização, legitima-se elementos de linguagem, próprios de comerciantes de armas e porta-vozes de forças armadas, reciclando, por meios grosseiros, processos de alquimia discursiva, em princípios norteadores de um novo tipo de filosofia ética – uma ‘necro-ética’ (CHAMAYOU, 2015), cuja crítica se faz urgente e aprofundaremos abaixo no próximo sub-capítulo. Adaptando a hipótese de “O que implica à uma população tornar-se sujeita de um Estado-Telequírico⁶⁴?” e em como podemos operar essa conversão moral, essa transmutação dos valores é a tarefa a qual se atrelam hoje devires-hackers, de cidadãos comuns à pesquisadores da contemporaneidade, ao qual lidam com o pequeno campo ainda existente da ética, e mais limitada ainda, a ética militar.

Quando a máquina’ torna-se planetária ou cósmica, os agenciamentos têm uma tendência cada vez maior a se miniaturizar e a tornar-se microagenciamentos⁶⁵. Com efeito, quanto mais a organização molar é forte, mais ela própria suscita uma molecularização de seus elementos, suas relações e seus aparelhos elementares. Segundo a fórmula de Andre Gorz, o capitalismo mundial integrado não tem mais como elemento de trabalho senão um indivíduo molecular, ou molecularizado, isto é, de "massa". A administração de uma grande segurança molar organizada tem por correlato toda uma microgestão de pequenos medos, toda uma

⁶⁴ Definição a partir de antigas raízes gregas, máquinas telequíricas – para “tecnologia de manipulação a distância” (CHAMAYOU, 2015, p. 29).

⁶⁵ Sobre essa complementaridade da gerência da micro-organização de um "stress" permanente e gerenciado, cf.: *"Micropolítica da segurança - micropolítica do terror"*, Virilio, 1993, p. 96, 228-235. Conferir também a entrevista de Suely Rolnik “A hora da micropolítica”, 2015. Disponível em: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/rul/20790860.html> Acesso: 20 out, 2016.

insegurança molecular permanente, a tal ponto que a fórmula dos ministérios do interior poderia ser: uma macropolítica da sociedade para e por uma micropolítica da insegurança. É o que dizia o presidente Giscard d'Estaing em sua lição de geografia política e militar: quanto mais se equilibra entre leste e oeste, numa máquina dual, sobre-codificante e super-armada, mais se "desestabiliza" numa outra linha, do norte ao sul. "Há sempre um Palestino mas também um Basco, um Corso, para fazer uma desestabilização regional da segurança"⁶⁶ (DELEUZE, 1996, p.86).

Figura: "Hoje Líbia, Amanhã Wall Street"



Fonte: Desconhecida - Líbia após o assassinato de Muammar al-Gaddafi, 20 de outubro de 2011.

4.4 Necro-Ética e Tanatotáticas

⁶⁶ V. Giscard d'Estaing, discurso de 1 de junho de 1976 no Institut des Hautes Études de Défense Nationale (texto integral no Le Monde, 4 de junho de 1976). In: DELEUZE. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.

Se o fosse de todo, a ontologia seria possível sob um ponto de vista irónico, como o suprasumo da negatividade... Se quiséssemos esboçar uma ontologia e, ao fazê-lo, ater-nos ao facto fundamental, cuja repetição faz dele uma invariante, o resultado seria o horror... bom é tão-só o que escapou à ontologia (Theodor W. Adorno, *Dialética Negativa*.)

Uma das intenções da pesquisa é aprofundar o aspecto ontológico negativo da constituição da diferença como motor gerador das antinomias nas quais o entendimento e o pensamento, mas também a criação e a experimentação sempre se enredam. Uma abordagem ontológica que reconhece a irredutibilidade da negação também se constitui nesse Devir-Hacker, pois é através do espaço emergente e pelas rachaduras, pelos espaços abertos que se pode movimentar e devir o múltiplo - hackear – atravessando, articulando e constituindo movimentos através das ausências e desvios, entre percepções e extratos, entre códigos e dados, sistemas constituintes. A negatividade não como falta, mas como campo não relevado de forças, que atravessam e perpassam qualquer evento, em intensidades além do perceptível. “Estamos, pois, em condições de abordar o núcleo da questão: o que permanece fora do conceito, além dele. Ou então, para o que o conceito aponta e que, não sendo ele mesmo, o constitui? ...Auschwitz torna-se o signo da dialética.” (PERIUS, 2006, p. 78).

Sendo assim, a elaboração lacaniana a respeito da centralidade da pulsão de morte como dispositivo de direção do tratamento depende de uma noção de objeto que não reduza a figura da autonegação da identidade ao estatuto de um objeto vazio desprovido de conceito. Tal noção determina a essencialidade do objeto como o que é marcado por uma negatividade cuja aparição é sempre fonte de angústia por implicar na fragilização das imagens ordenadas do mundo e de si. Questão profundamente hegeliana, nos parece. (SAFATLE, 2007, p. 183)

No âmbito do conceito, a negatividade impregna muitos prefixos da diferença, do devir multiplicidade, da articulação dialética, da concatenação, da transformação: o “e-e-e” da “fenomenologia do fim” como vimos em Berardi (2014). A diferença entre a criação ‘positiva’ e alegre de se criar conceitos se evidencia em sua potencialidade juntamente com a destruição apocalíptica de mundos. Renascimento após destruição, o conceito de apocalipse também pode significar “revelação” ou “exposição”. No aspecto alegre da criação, o mundo e os cosmos são uma complexa coleção imanente de ‘assemblages’, agenciamentos e atravessamentos produzidos através dos processos de diferenciação e individuação (Como exemplo os trabalhos de Stengers, 2011 e DeLanda, 2006/2011).

Com o acirramento conflitivo das tecnologias modernas herdadas do extrativismo e as disputas de poder na acelerada corrida tecnológica, “É tempo de se mudar da capela da felicidade para a escuridão da Cripta”, pois apesar de ser as estrelas que brilham e inspiram, é

a energia negra ou matéria escura (que não pode ser avaliada, calculada ou vista) que molda as forças gravitacionais em cosmos e multi-versos. Ao invés das altas torres da Babilônia (ou como no conto de J. G. Ballard, o filme “High-Rise”) onde brilha o signo, o símbolo e o valor de um futuro salvador e transcendente, é nas catacumbas que se agitam as revoluções. Ao invés de como no filme “Metrópolis” de Fritz Lang, em cujo desfecho e síntese há toda uma grande mediação Hegeliana, seria melhor “baixar a prostituta da Babilônia que diz: Vamos ver esse mundo todo ir para o inferno!” (CULP, 2016). Tal descida escatológica desse estudo do fim começa com um protesto: “a luz por muito tempo foi o modelo dominante de pensamento e esse caminho desce da capela à cripta.” (Idem).

A morte – se assim quisermos chamar esta inefetividade – é a coisa mais terrível; e sustém o que está morto requer a força máxima. A beleza sem-força detesta o entendimento porque lhe cobra o que não tem condições de cumprir. Porém, a vida do espírito não é a que se atemoriza ante a morte e se conserva intacta da devastação, mas é a vida que suporta a morte e nela se conserva. O espírito só alcança sua verdade à medida que se encontra a si mesmo no dilaceramento absoluto. Ele não é essa potência como o positivo que se afasta do negativo – como ao dizer de alguma coisa que é nula ou falsa, liquidamos com ela e passamos a outro assunto. Ao contrário, o espírito só é essa potência enquanto encara diretamente o negativo e se demora junto dele. Ele demorar-se é o poder mágico que converte o negativo em ser (HEGEL, 1992, p. 38).

“Faça o pensamento uma máquina de guerra”, ‘D&G’ insistem, “ponham o pensamento em uma relação imediata com o fora, com as forças do fora” (D; G, 1977, p. 37). A partir disso, duas grandes intensidades seguem: velocidade e segredo. Quando uma operação intensiva e extensiva se dá contra o poder, seja insubordinação, protesto, guerrilha, sabotagem ou revolução, pode-se dizer que uma máquina de guerra foi reavivada, dependendo da sua duração de potência e efeitos produzidos. Com a constante tentativa de apropriação do Estado da máquina de guerra que a subordina à seus objetivos de guerra: a loucura da máquina de guerra comercial, a paranoia da máquina de guerra fascista ou terrorista (“desviando” atenção do controle e violência do estado militar totalitário) e, principalmente, a apropriação da máquina de guerra global do capitalismo ao qual sua organização excede o aparatos do Estado em energia, militar-industrial, de complexos multinacionais que travam guerra e paz por todo o mundo. “A conspiração contra este mundo será conhecida através de suas máquinas de guerra” (D; G, 1977, p. 33-36) em um “Status Ontológico da teoria da Conspiração” de Hakim Bey. Estes são os efeitos da máquina de guerra, suas armas de guerra, ao qual “penetram corpos como flechas” (Idem, p.39).

O resultado dessa violência não é apenas para encorajar o derramamento de sangue de uma vez por todas, mas sim para instituir uma economia da violência na qual o ódio é ilimitado e

portanto durável. A máquina de guerra se engaja na guerra através de dois polos: um formando a linha de destruição do front de guerra em “limites prolongáveis do universo”, enquanto que por outro polo, traça uma linha de fuga para a “composição de um espaço liso e de movimento”.

O terrorista e o turista são talvez os mais alienados de todos os produtos do capitalismo pós-imperial. Um abismo de imagens os separa dos objetos de seu desejo. De uma forma estranha, eles são gêmeos. (BEY, Superando o Turismo) In.: <http://revistacarbono.com/artigos/08-hakimbey-michaelhughes/>

A guerra só é travada na condição que simultaneamente se cria outra coisa, a “destruição criativa”. Isto é algo que certamente não está esquecido no Vale do Silicóne que espalha interruptamente o mantra “inovação disruptiva” com todo conluio de uma pretensa economia criativa. ‘D&G’ avisam sobre as ameaças onde possíveis termos ou anúncios conclamam veemente por um desejo irresistivelmente revolucionário. O teatro da representação semiótica se produz apenas como alimento à fábrica de produção. Um ‘Império da Diferença’ do espetáculo se expande proveniente dos ajustes no modo de agenciamento capitalista às novas produções mistas de corpos e estilos de vida produzidas pelo cognitariado conectado e global. Está ansiosamente coordenando uma ampla disposição das diferenças, ao mesmo tempo produzindo muito mais dos seus próprios produtos ou formas de vida pelas vitrines.

Essa imanentização do mercado é uma experiência inexorável e exponencial no desenvolvimento de cada vez mais toda a superfície da terra – o serviço digital sobre a infraestrutura física. Para cada problema há uma ‘solução’ de um mercado virtual: o esquema para uma erradicação de elementos transcendentais e sua substituição por circuitos economicamente programados e controlados. Qualquer coisa que passa de forma diferente da do mercado é constantemente cruzada pela axiomática do capital, “holograficamente incrustado nas marcas estigmatizantes da sua obsolescência” (LAND, 1993, 148). “A definição de Lacan para a decepção ilusória humana: Nós iludimos o Outro por meio da própria verdade; em um universo em qual todos estão procurando pela verdadeira face atrás da máscara, o melhor jeito de levá-los ao extravio é usar a própria máscara da verdade” (ZIZEK, 1989.)

Os padrões de controle e de produção dos sistemas globais são modelados como fluxo em devir, sistemas digitais e virtuais em máquinas desejantes, guiados por circuitos de controle atravessando resultados ainda por vir: projeção e especulação. Os circuitos direcionais dependentes da dialética real/virtual, do passado/futuro, só são acessíveis com a intervenção cibernética, frustrando tanto a interpretação meramente mecânica como a de uma teleologia transcendental. É por isso que o referencial teórico utilizado na pesquisa busca a abordagem

do Anti-Édipo que é menos um livro de filosofia do que um manual de engenharia; um pacote de software implementado para invadir (hackear) o maquínico inconsciente, abrindo canais de invasão e fluxo. Mas ainda além do Anti-Édipo, que é acerca de uma “teoria esquizo da libertação do bom funcionamento do desejo, a intrincada rede borgiana de multiplicidades dos “Mil Platôs”” (CAVA, 2016).

O desejo maquínico é o funcionamento do virtual, a aplicação em si do real, revirtualizando-se e produzindo a realidade em circuitos, aí analisados por suas zonas de passagem e recorte de fluxo. O desejo maquínico registra sobre a psicanálise tendências para além do princípio do prazer, isto é, tendências mais primitivas e independentes da noção clássica do desejo. A força de Tânatos produzida atualmente imita o ciclo antropomórfico do desejo, antecipando ciclos, envolvendo e simulando a força arquetípica do Eros, mas se encaminha a outros lugares, em reações tânatrópicas (entropia tanática). Produz eventos traumáticos, invasores e destruturalizantes, não como a visão clássica do evento mas sim como produção a partir da relação dentro do próprio evento.

A história é assim: A terra é capturada pela singularidade do tecnocapital como racionalização de um renascimento e da navegação oceânica focada na decolagem da comoditização. Logisticamente acelerando a interatividade técnico-econômica, desmorona a ordem social em auto-sofisticação máquinicas e fugitivas. Como os mercados aprendem a fabricar inteligência, a política moderniza, atualiza a paranóia e tenta obter uma aderência... Desregulação e Estados em armas correm entre si ao ciberespaço. (LAND, 2011, p.441)

Como então criar processos políticos, éticos e estéticos atuais que ajudem a enfrentar a lama tóxica, o imaginário carbônico da modernidade e do desejo? Almejando à uma tecno-política do futuro: “a geo-engenharia do corpo”? Um devir criador para fugir do modelo programado de civilização e sua rota apocalíptica, na urgência do campo das ficções e da produção de cosmogonias livres, criam-se dispositivos de resistência ao sequestro do futuro, assim como fortalece o imaginário produtivo dos sonhos. Com a desterritorialização expoente do capital internacional e a aceleração intensiva do complexo tecnológico, o autor Nick Land aborda os ímpetus psicológicos desta complexificação sistemática na humanidade:

A modernidade inventou o futuro, mas isso tudo acabou. Na versão atual, a "história progressiva" camufla táticas filogenéticas de pulsão de morte, ondas-Kali: Logisticamente acelerando a condensação da extinção virtual das espécies. Bem-vindo ao laboratório do matricídio. Você quer isso tanto que é como um grito lento em sua cabeça, apagando-se em êxtase. (LAND, 2011, p. 442)

Nick Land, ao retrabalhar a noção freudiana de pulsão à morte, discute essa matriz do ciberespaço como uma ‘morte artificial’ – *‘Sintanatos’* – ao qual constitui um conceito síntese de todo terminal produtivo da história humana em um processo maquínico e externo (LAND, 1993, p. 474). A diferença significativa entre a concepção de Land do capital da de Deleuze e Guattari é o foco de um impulso negativo, ou anti-vitalista dentro do mecanismo do próprio capital. Ao invés da re-afirmação de uma espécie de sujeito capitalista hegeliano, o impulso de Land é avançar para mais e mais des-subjetivação longe de um élan do capital como uma força construtiva. O Tânatos de Freud, como pulsão à morte, fora proposto como um processo biológico ao qual todos os organismos, em seu excesso de busca pela vida por Eros, seguem um destino mortal mas ao mesmo tempo evolucionário.

O ‘Sintanatos’ inscreve o fato da morte dentro de um processo maquínico na extensão da vida e da morte, em um sentido orgânico limitado, tornando-se pouco irrelevante no aspecto da imanência e sim em um processo fluído da evolução atribuída aos sistemas sócio-maquínicos. A desilusão histórica humana é perfurada pelo sujeito-máquina e que se mostra sendo apenas como um efeito dos códigos maquínicos, como o DNA ou as cadeias complexas de binarismos ‘um’ e ‘zeros’. Esta prospecção se torna causa de grande gozo: “a humanidade recua à um repugnante sonho”. A morte artificial implica mais que uma simples aniquilação física: ela simultaneamente afirma uma impulsão à liberação, à liberdade de uma ilusão opressiva e uma estranheza transcendência na imanência do processo maquínico (BOTTING, 1999, p. 146).

Sob as superfícies organizadas da vida, trancadas em células, celas, sociedades e em miríades fractais de ‘eus’ *‘micro’* e *‘macropods’* (termo usado por Nick Land referente às dimensões micro e macrosociais), ainda se emerge e rompe espasmodicamente à impulsionar a história terrestre através de uma série de limiares intensivos e convergentes ao trauma e colapso. Agentes exclusivos da revolução, o Anticristo não é um, mas muitos, em um enxame de infiltrados mascarados do futuro, “prestes a comer a sua TV”, infectar sua conta bancária, cortar as mitocôndrias do seu DNA”; hackear seus sistema íntimo, ligando e aditivando o sublimado Eros à sintetizar o Tânatos em processo de acelerar a obsolescência da humanidade (LAND, 2011).

Com o surgimento de uma tecno-ciência integrada e orientada para o mercado de controle, os sistemas de comunicações reproduzem a difusão das interfaces de realidades sintetizadas eletronicamente em toda a superfície aferente do corpo. Saturando libidinalmente os canais realmente existentes de consumo, o capital está transbordando em cibersexo – (sexo com e através de computadores) - em uma passagem implacável para a desorganização traumática da

ordem biológica. O Eros se dissolve definitivamente em sua função como um subprograma de Tânatos no ponto em que se faz a interface investida em excitações digitalmente sintetizadas. A máscara do capital se exibiu para seduzir Eros em uma pretensão de resolver sua última instância, as questões em relação à estimulação ou desprazer, exibindo clinicamente seus programas para replicação e modulação negociáveis do (des)prazer, marcando assim, o seu insuperável jogo de vício em excitações traumáticas e cambiantes.

Os impulsos são as funções dos sistemas nômades cibernéticos, não instintos, mas instintos simulados, instintos artificiais. Eles são substitutos plásticos para respostas instintivas ‘hard-wired’, organicamente/fisicamente instaladas, encaminhamento de uma via sensório-motora através da máquina virtual do inconsciente. Há dois diagramas básicos para tais processos: o de regulação por feedback negativo que suprime a diferença e busca o equilíbrio, ou o de orientação de feedback positivo que reforça a diferença e escapa o equilíbrio (LAND, 1993, p. 475). Processos maquínicos podem ser ou ciberpositivos e nômades, com um resultado de desterritorialização acirrada, ou em escala contrária, cibernegativos e sedentários, com um resultado de reterritorialização reativa. O Tânatos inorgânico destrói a ordem, o Eros orgânico a preserva, e como o domínio do carbono é suavizado pela “peste da máquina”, os “replicantes desterritorializantes da ciber-revolução nômade” (Hackers) se debruçam sobre os reprodutores da reterritorialização do sistema de segurança humana, securitária, reativa e sedentária, hackeando o socius constituinte (macropod na linguagem de Land).

A matriz, o corpo sem órgãos ou a matéria abstrata é uma morte artificial em escala planetária – *Sintanatos*, o resultado produtivo terminal da história humana como um processo maquínico, ainda virtualmente eficiente durante este processo, funcionando dentro de circuitos de duração maquínica em si, auto-produtivos em escalas complexas. Desta forma, a virtualidade empresta sua temporalidade para o inconsciente, escapando especificações de dentro da série de tempo prolongado - a dos órgãos maquínicos orgânicos. Em uma época de sofisticada invasão ciber-viral e distribuída, este pressuposto não é mais convincente. Em vez disso, o diagrama psicanalítico para o trauma delineia um parasita implacável no caminho autoreplicator da desterritorialização futura: “Kali rastejando” (LAND, 1993, p. 477).

Entre o privado e o público já não há concorrência séria. Em vez disso, há uma área social de evaporação investido exclusivamente pela derrota e controle afetivo da insegurança e da inércia social. O desejo esta irrevogavelmente abandonando o desenvolvimento social a fim de explorar essa brecha libidinizada entre um egoísmo pessoal desintegrando e um dilúvio de esquizofrenia pós-humano. A tensão real não está mais entre individualidade e coletividade, mas entre a privacidade pessoal e o anonimato impessoal, entre os restos de uma presunçosa

civilidade burguesa e os duros desertos da realidade entre becos e vielas. Um ponto onde a terra se torna tão artificial que o movimento de desterritorialização cria por necessidade e por si mesmo uma nova terra (LAND, 1993, p. 321).

Por meio da aceleração do capitalismo global, o humano será dissolvido em uma apoteose tecnológica, experimentando efetivamente um suicídio em toda a espécie como um estimulante 'head-rush' final. A visão desumana da ficção científica da Terra, repleta de inovações sonoras exóticas, contorcidas em uma euforia paranóica apocalíptica. Esta foi a "extinção humana iminente tornando-se acessível como uma pista de dança", uma forma privilegiada (juntamente com a produção de teoria e a ingestão de narcóticos aceleradores) que a velocidade irrepresentável do capitalismo desumano poderia ser experimentado por indivíduos humanos. Esta foi uma alienação que foi agradável e perversamente desejada." (WILLIAMS, Alex. 2013, p. 4)

O problema do império intensificado, veloz e secreto se reacende na vigilância e no policiamento moral a partir dessas necro-éticas e tanatotáticas. Projetam em seu ricocheteio reverberante a urgente e insurgente necessidade de conspiração, o poder do ódio, e a tarefa de destruir mundos. O novo milênio da civilização burguesa está se aproximando de seu fim enquanto uma nova barbaridade está visível a distância⁶⁷. “Levou mil anos para se fazer de um bárbaro um burguês, mas apenas algumas décadas para fazer um burguês se tornar um bárbaro” (BERARDI, 2014: 91). A invocação nietzschiana de se “filosofar com um martelo”, entregue aqui às forças crepusculares na voz do avatar de Krishna: ‘Eu me tornei o Tempo, o destruidor de mundos’ (também repetido em discurso pelo criador da bomba atômica, Robert Oppenheimer⁶⁸ após a detonação), desenvolvendo forças na e para a destruição que vão além de um minimalismo abolicionista da destruição. Destruir mundos também se constitui em processos de se “esmagar o capitalismo, de redefinir socialismos, de constituir uma máquina de guerra capaz de contrariar a máquina de guerra mundial por outros meios” (D; G, 1977, p. 37-45).

-Tortura: Necro-Hackeamento do sujeito

O trauma no corpo e na pele, na fronteira osmótica pelicular do sujeito, se constitui como evento marcante e/ou mutante na membrana vibracional entre dentro e fora. A epiderme é o ponto de contato, a interface sensitiva entre o “eu” da consciência e a infinita emissão de sinais do mundo exterior. A epiderme é o extrato onde a ordem organizada do organismo é

⁶⁷ Cf.: GOODMAN, Steve. *SONIC WARFARE Sound, Affect, and the Ecology of Fear*. The MIT Press. 2010.

⁶⁸ Discurso disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=P0eaMvAHI_4

aberta às constelações adversas do ambiente cósmico, criando coordenadas de prazer e dor. Entre os infinitos signos vindos dos cosmos e da info-esfera artificial, constelações múltiplas emergem, governadas e designadas pela intuição epidérmica e o desejo que cria, compõe, escolhe, esconde e faz mundos. A epiderme porém, não é apenas um extrato biológico ou natural, a pele é formada pelo toque, carinho, sofrimento e também cicatrizes. A info-esfera modula os sensores que criam constelações de mundo na própria info-esfera e também na psico-esfera. A epiderme é a memória do afeto, é a interface do social e sua sensibilidade é o espaço da mais intensa mutação.

O laboratório da exploração colonial se dá através da tortura como arma de guerra mas também como gestão ordinária da governabilidade, onde se tortura o sujeito para extrair informações estratégicas em confissões à metrópole, como o que proposto aqui, em um ‘hackeamento’ informacional do sujeito através de invasões e experimentos físicos de persuasão e controle. O controle econômico da exploração metropolitana se dá não só pela inserção no corpo mas também como o desaparecimento do corpo, na destruição da moral, na execução sumária como dispositivo de sobre-carragamento do poder judiciário, tanato-políticas em gestões de mortes, visto em sua replicação organizativa e produtiva mais especificamente nos esquadrões de morte. “Por trás da luta contra o comunismo, o que se viu foi a consolidação de um paradigma mundial de governo” (SAFATLE Apud DUARTE-PLON, 2016, p. 17).

A sensibilidade pode ser referenciada como o que Foucault define como episteme (Foucault 1966): a formação da percepção social que torna possível a projeção comum do mundo, e portando da disciplina social. Acelerado pelo poder de tecnologias, o meio-ambiente comum excede a medida humana. O semiocapitalismo penetra profundamente nos circuitos neurais da cultura social graças a permeabilidade da sensibilidade (info-técnica) que viemos tratando. “A razão humana está exausta” (BERARDI, 2014, p. 32). O observador está sobrecarregado pela infinitude complexa dos fenômenos, sensibilizando e envolvendo o inorgânico em novas fronteiras de ser e existir.

O futuro, de fato, não é meramente uma dimensão do fluxo-tempo, mas também uma projeção cultural e uma internalização desse tempo em expansão. Neste sentido, o futuro vem ao fim quando essa expansão termina, quando nos tornamos (fiscamente, aestheticamente e conceitualmente) cientes da exaustão dessa energia. “A colonização futurística do mundo se exauriu no próprio futuro” (Idem, p. 156). Após a queda do muro de Berlin, na década da globalização, uma nova fronteira veio a tona, o novo Futuro fora imaginado e uma nova

Utopia concebida e propagada: o Ciber-futuro além da fronteira eletrônica. Essa Ciber-Utopia dos anos 1990 deslocou a fronteira física para a dimensão virtual.

Desde os anos 1960, a base da utopia do ciber-espço fora nutrida pelos ‘freaks’, ‘outsiders’, libertários experimentais e poetas e, de fato, hackers - a criação da internet não pode ser separada dessa utopia florescente de imaginação psicodélica e místicas de políticas libertárias. A trajetória de uma modernidade tardia começa no Futurismo e termina no movimento Punk, quando a cultura se torna ciente dessa exaustão incipiente da “energia moderna” e de uma libido criativa. Quando o processo de colonização física do planeta atinge seu pico, finalmente se submete à razão econômica planificada, tornando a fronteira do mundo existencial e prático, um mundo vazio, desertificado. “Bem-vindos ao deserto do real” como Zizek (2003) esboçava após o 11 de setembro, marco de uma nova era, em novas fronteiras físicas, abstratas e libidinais, em novos mundos e estruturas de persuasão, ilusão e controle. “O que é expulso do Simbólico retorna no Real.” Lacan enuncia tal formulação a partir de suas experiências ao analisar como que psicóticos, incapazes de simbolizar experiências marcadas por traumas ou conflitos, viam tais experiências retornarem sobre forma de delírios e alucinações. O que podemos afirmar é que nas sociedades que não reconhecem seus conflitos e traumas em sua história constituinte, também correm risco de serem assombrados pelo retorno da violência real e bruta. “Não se constrói nada através do esquecimento, e o preço a pagar por esquecimentos forçados sempre será trágico, patológico” (SAFATLE, 2016, p. 15).

Figura: Abu Ghraib



Série de fotos tiradas por soldados americanos de prisioneiros do Iraque que foram torturados em Abu Ghraib em 2006. O prisioneiro com capuz (Satar Jabar) teve as duas mãos e o pênis amarrados com arame e seria segundo notícias, eletrocutado se ele caísse da caixa sobre a qual estava de pé.

Fonte: Desconhecida – Iraque, 2006.

CAPÍTULO 5 - ‘Hackeando’ Cosmos

"Em todos caos há cosmos, em toda desordem há ordem." - Carl Jung, 1931.

Figura: “Um outro fim do mundo é possível”



Fonte: Desconhecida - Greve Trabalhista, Paris, França, 2016.

Pretendo, neste Capítulo final, fazer o atravessamento do Devir-Hacker em um movimento que gostaria de aproximar e definir como “Caosmose Informacional”, referindo ao contato intensivo informacional cotidiano que cada vez mais os sistemas humanos de produção e organização se baseiam e na potência criativa de se produzir, limitar ou hackear mundos. Um cuidado ético do ser e de seu mundo se expressa como poder constituinte de auto-criação de estilos de vidas e possibilidades produtivas, o “Anarco-Monadismo e Anarco-Misticismo” de Bey. Essa nova fronteira de conflito se dá justamente na imperialização de subjetividades inovativas pelo mundo axiomático e agenciador do racionalismo neoliberal, algo que vamos desenvolver com a questão de Suely Rolnik mais a frente. Não se pode formatar as máquinas desejanter em um modelo fechado de subjetividade, este seria um uso reacionário das possibilidades de sínteses conectivas do inconsciente.

A palavra “caos” é das mais pronunciadas na atualidade. Tema *cult* de congressos, livros de divulgação científica, artigos de jornal e até programas de TV, fala-se de caos em todos os campos da cultura. Com certeza, não se trata de um mero modismo, mas de uma exigência que a realidade contemporânea vem nos colocando: enfrentar o caos, repensá-lo, reposicionar-se diante dele - mesmo que muitas vezes a insistente evocação dessa palavra vise, pelo contrário, evitar tal enfrentamento e conjurar o pavor que o caos certamente mobiliza. Que mudanças se estariam operando nas subjetividades, hoje, para levá-las a revisar seu conceito de caos e de ordem, assim como da relação entre ambos? (ROLNIK, 1999:206)

5.1 Caomose Informacional

Pretendo partir do debate acerca da palavra “caos” para podermos destrinchar posteriormente o conceito de Caomose dentro do fluxo informacional constituinte. Quando se ouve falar em caos, é comum relacioná-lo a uma desordem generalizada ou mesmo a uma grande confusão. Este tipo de caos está diretamente relacionado ao grande número de possibilidades existentes em um determinado sistema. Assim, as possibilidades de interferência em um sistema dado são tantas que o seu controle, visualização ou entendimento torna-se impossível, instalando-se assim, o “caos” (FERRARI; ARAÚJO, 2000).

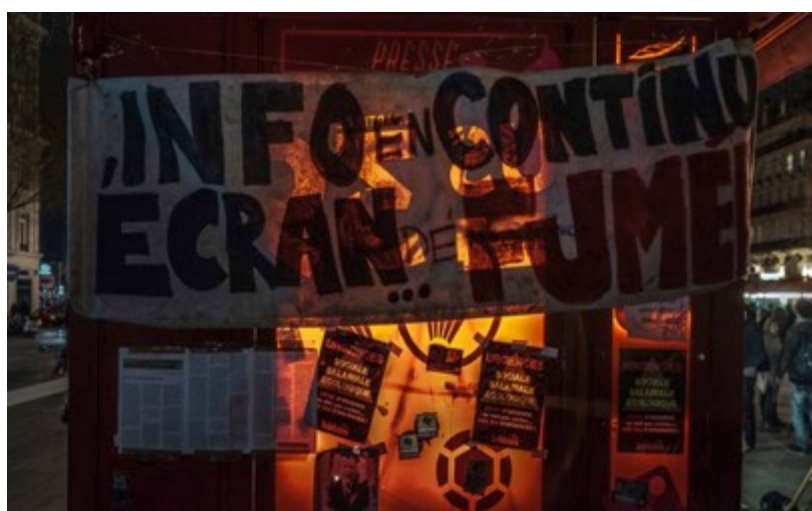
A noção de complexidade adquire uma relevância significativa quando pensamos a informação. Considerando um ambiente como fonte de info-estímulo, e a mente como um receptor/decodificador, a complexidade pode ser definida como uma função relativa entre a intensidade do fluxo informacional e a elaboração mental receptiva. O Caos surge na concatenação entre a mente e o ambiente, quando o fluxo informacional é muito rápido para a elaboração consciente (questão também referente ao conceito de Competência Informacional). Portanto, a palavra ‘caos’ denota um grau de complexidade que é muito denso, muito intenso e veloz para nosso cérebro decifrar. Deste ponto de vista, a complexidade é considerada como uma medida de velocidade do receptor em relação à velocidade de transmissão (o ambiente em volta da info-esfera) e muitas vezes uma pequena perturbação pode ter efeitos imprevisíveis (BERARDI, 2014, p. 172). Quando o grau de indeterminação aumenta e se espalha é que percebemos um aumento de complexidade e que chamamos de caótico.

O processo de medição e matematização do mundo, que é um núcleo da metodologia moderna científica, é um ato de redução e minimalização do ambiente e da realidade para poder se medir algo. No plano de fundo sempre haverá sistemas complexos de mais para podermos calcular em sistemas fechados. De fato, a palavra em latim para a razão se refere à medida (ratio). A medição não pode ser comprida sem uma redução que corta uma extensão de relevância fora do fluxo infinito de signos e sinais do mundo. O problema da relevância é crucial na passagem do caos para a ordem e, portanto, ao processo civilizatório - ainda assim, o caos reina, nunca morreu!⁶⁹

⁶⁹ “O Caos nunca morreu. Bloco intacto e primordial, único monstro digno de adoração, inerte e espontâneo, mais ultravioleta do que qualquer mitologia (como as sombras da Babilônia), a original e indiferenciada unidade-do-ser ainda resplandece, imperturbável como as flâmulas negras frenética e perpetuamente embriagada dos Assassinos. O caos é anterior a todos os princípios de ordem e entropia, não é nem um deus nem uma larva, seus desejos primais englobam e definem todas as coreografias possíveis, todos os éteres e flogísticos sem sentido algum: suas máscaras, como nuvens, são cristalizações da sua própria ausência de rosto. Tudo na natureza, inclusive a consciência, é perfeitamente real: não há absolutamente nada com o que se preocupar. As correntes da Lei não foram apenas quebradas, elas nunca existiram. Demônios nunca vigiaram as

A ciência, que compõe uma das três caóides (arte, filosofia e ciência – processos humanos de apreensão e expressão do mundo), não pode ser produtora de conhecimento sem que estabeleça limites de investigação. O que está dentro do limite estabelecido se chama relevante e o que está fora é irrelevante. Similarmente a mente política não pode decidir sem que imponha limites. Somente o que é relevante no ponto de vista do conhecimento é elaborado pela mente racional: governos racionais pressupõem a extrapolação de informações relevantes dentro do fluxo infinito informacional. O que é relevante e o que não é - é um problema de racionalidade epistemológica a partir do fluxo informacional disponível – “caos epistêmico” (BRASSIER, 2001, p. 192). Essa é a principal fronteira para uma descolonização dos saberes em uma luta por um Sul-epistemológico, em que outras racionalidades, povos, linguagens, tecnologias, modos de vida possam se afirmar como relevantes e capazes.

Figura: “Informação em contínuo, tela esfumada”



Fonte: Desconhecida - Julho de 2016, Paris, França.

Os políticos podem não detectar sinais e signos da situação constituinte presente simplesmente porque a linguagem da política apenas expressa uma racionalidade lenta, (e quando muito) pela faculdade da razão crítica, dentro de um contexto particular e de geração temporal. Ficamos cegos e impressionados pelo excesso de luz, pela proliferação infinita do estímulo visual. A neuroplasticidade é a habilidade do cérebro de reformular as relações entre os ritmos de receptor com o ritmo do transmissor: o universo caótico manda sinais que são

estrelas, o Império nunca começou, Eros nunca deixou a barba crescer. Não. Ouça, foi isso que aconteceu: eles mentiram, venderam-lhe idéias de bem e mal, infundiram-lhe a desconfiança de seu próprio corpo e a vergonha pela sua condição de profeta do caos, inventaram palavras de nojo para seu amor molecular, hipnotizaram-no com a falta de atenção, entediaram-no com a civilização e todas as suas emoções mesquinhas. Não há transformação, revolução, luta, caminho. Você já é o monarca de sua própria pele – sua liberdade inviolável espera ser completa apenas pelo amor de outros monarcas: uma política de sonho, urgente como o azul do céu” (BEY, 1985:1).

filtrados e compassados pelas grades da civilização, em “abrigos de ordem semiótica”. “Nós encontraremos maneiras de escapar ao pânico que deriva do descobrimento de nossa nudez frente a morte após 10.000 anos construindo proteção? Nós encontraremos uma nova dimensão de autonomia? Difícil falar!” (PETERSON, 1994).

Essa cultura moderna e científica pode formar uma realidade sobre controle através da limitação e exclusão de mitologias irracionais e outras racionalidades tidas como loucas, longe do espaço social de decisão. Maquiavel distingue a esfera da Fortuna da esfera da Vontade onde a Fortuna seria o Caos se escondendo nas dobras da experiência humana e o príncipe é a persona masculina que submete a Fortuna (Feminina) à vontade política e racional. Se o príncipe quer governar, ele tem que previamente cortar fora uma linha estreita de eventos da infinitude que é a Fortuna. A infinitude sombria de um Caos irreduzível está na borda da Ordem estabelecida. O Caos é barulho, “noise”; Ordem é ritmo.

A ilusão da mente pode trabalhar e produzir efeitos quando a Info-esfera é tão fina e quando o Info-fluxo é tão devagar que a consciência política pode cortar e separar um pequeno espaço de eventos sociais relevantes, tentando proteger este espaço (o espaço civilizado) do oceano envolvente de matéria não-governável. É por isso que o ‘Reino da Civilização’ está em crise hoje em dia: a aceleração dos fluxos midiáticos que estimulam o cérebro coletivo está quebrando o enquadramento do Ritmo que herdamos da Era Moderna. O Caos está ressurgindo quando o fluxo de informação digital está fluindo muito rápido para o ritmo da Teoria Mecânica e da vontade política. Enquanto o fluxo eletrônico invade nossas telas de atenção, a cerca de proteção da relevância que falamos anteriormente é rompida, porque não podemos mais discriminar o que é relevante e o que não é. O significado passa portanto a ser definido como uma redução da realidade em uma concatenação finita de enunciados (BERARDI, 2014, p.173). As máquinas Tecno-linguísticas, obrigações corporativas financeiras e toda a maquinaria capilar do poder Semiocapitalista está formatando e enquadrando o campo do possível, de qual mundo é possível⁷⁰, incorporando e codificando padrões cognitivos e behavioristas comuns em comportamentos ‘tendências’, estruturas de moralidades e estratégias e engenharias sociais⁷¹.

⁷⁰ Lema do Fórum Mundial Social de “Outro mundo é possível!” onde buscam a partir das redes construir outros tipos de globalização, mais justas e humanas, em encontros realizados em primeira versão em 2001, depois em 2005 (Auge dos Governos populares Latino-americanos em sua experiência de autonomia contra a ALCA e o FMI por exemplo) e sua versão ‘líquida’ em 2016, com a ascensão dos “Comunistas liberais de Porto Davos” como George Soros e Bill Gates, evidenciados por Zizek em 2006 disponível em: <http://inthesetimes.com/article/2574>. Acesso em: 5 out, 2015.

⁷¹ O “Whole Earth Catalog”, um guia da contracultura para a vida alternativa, que Steve Jobs certa vez qualificou como “o Google em capa mole, 35 anos antes de o Google aparecer”. Foi lá que Jobs achou o seu lema pessoal e

... os comentadores de Marx que insistem na diferença fundamental de Marx e Hegel lembram corretamente que a categoria de diferenciação no interior de uma multiplicidade social (divisão do trabalho) substitui, no *Capital*, os conceitos hegelianos de oposição, de contradição e de alienação – os quais formam apenas um movimento de aparência e valem apenas por efeitos abstratos, separados do princípio e do verdadeiro movimento de sua produção” (Deleuze, 1969, p. 268).

Essa desregulação neoliberal, que aliena e normaliza em suas conjugações axiomáticas, se intensifica juntando-se à inovação tecnológica em seus desdobramentos nas redes digitais, onde o capitalismo atualiza sua eficácia em ser um sistema ainda mais simultaneamente flexível e resiliente. Graças a essa flexibilidade, o sistema capitalista pode submeter as lutas sociais e turbulências dos anos 1970 e depois ainda capturar a evolução técnica dos anos 1980 e 1990. Ainda que haja o esforço em promover a democracia como valor político universal, a desregulação tecno-financeira acaba por destruir a própria estrutura moderna da democracia social e burguesa, substituindo as decisões políticas locais por automatismos indicativos de um sistema global financeiro. Longe de estável, o capitalismo em rede é um sistema que continuamente beira o colapso, mas o colapso nunca chega. O colapso é a própria substância movente, intensiva e entrópica. Essa resiliência dos sistemas financeiros se dá na colonização desse novo campo ou mundo virtual dos sistemas em rede e produtores semióticos (informação afetiva que é capturada pelo valor do tráfego de dados).

Quanto mais um sistema cresce em complexidade mais se inclina à disrupção. Ao mesmo tempo, quanto mais um sistema se torna complexo, menos ele é suscetivo ao controle voluntário e, portanto, à ação e mudança consciente e intencional. Arguimos que essa esfera do campo social esta se transformando em um enxame como já indicamos anteriormente na dissertação (“Efeito exame ou Swarm” na p. 45). Quando a máquina era externa, o Estado para regular usava o enforço da lei, como agências de repressão que são mobilizadas para forçar organismos sujeitos e conscientes a submeterem-se ao ritmo sem rebelião. Agora a dominação política é internalizada e indistinguível da máquina em si. Na esfera cognitiva a máquina é diferente da informação: não mais que um dispositivo externo mas um sistema de automatismos cognitivos em necessidades internas, como na tendência “internet das coisas” ou em uma hiper-especulação dos androides desejantes da Série de TV “Westworld” (2016). ‘Bifo’ Berardi relembra: “esqueçam o referente, diziam os Simbolistas, e os Futuristas adicionavam: nada pré-existe a atividade semiótica do inventor, o destruidor-construtor, o

artista” (2014). Apenas o futuro existe, criado pela aniquilação do passado. O futurismo exaltado pelas máquinas como objetos externos são visíveis na paisagem da cidade, mas depois do ‘bug’ do milênio, a máquina entrou dentro de nós: “a info-máquina contemporânea intersecta com o sistema nervoso social, a bio-máquina interage com o organismo genético, afetivo e orgânico do humano” (Idem). As bio-tecnologias e digitais transformaram a máquina externa de ferro e aço em máquinas internalizadas e recombinantes. A máquina bio-info não mais separa o corpo da mente, e sim, aprimoramentos linguísticos e cognitivos, mutando o cérebro humano e a habilidade linguística de produzir e comunicar. Cem anos após a publicação do Manifesto Futurista a velocidade em si fora internalizada: “a colonização da mente e da percepção está baseada na aceleração interna da percepção do tempo de cada indivíduo” (BERARDI, 2014: 132). Um devir-hacker consiste na habilidade e potência de hackear esses tempos formatados em outros modos de vida alternativos, experimentais, criativos, etc.

5.2 Caos Ontológico

Figura: “Análises Críticas não são escritas em placas”



Fonte: Pedro Diaz – Oficina de Imaginação Política “Cartografar Existências” com Barbara Glowczewski e Suely Rolnik na Bienal de São Paulo, 27 de outubro, 2016.

Em uma entrevista acerca de um ‘pós-humanismo’⁷², o filósofo esloveno Slavoj Žižek comenta que a passagem de Kant para Hegel é a passagem da epistemologia para ontologia.

⁷² Entrevista feita em 02/11/2016. Acesso em 19 nov, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BYYhrVpMNgg>

Do antagonismo versus o antinomismo ou da contradição com a diferença⁷³. A questão epistêmica “como você conhece?” é subordinada à questão ontológica – “o que há?”⁷⁴. Afinal, esta foi a manobra da “Crítica da Razão Pura” de Kant, que transferiu a disputa entre o racionalismo dogmático e o ceticismo empírico para o terreno epistemológico, um contexto que Kant pôde reconstruir em sua posição filosófica capaz de satisfazer as demandas por uma nova metodologia crítica⁷⁵.

Se “o que há” pode ser caracterizado em termos de dinâmica, em que o linear é um caso especial do não-linear, então o conhecimento em si pode ser visto como um processo dinâmico, comprimindo tanto os aspectos lineares quanto os não-lineares. O ser sobre o saber, reconhecendo que o ser é irreduzível ao saber ao mesmo tempo enquanto insiste-se que a epistemologia é uma condição de acesso ontológico. A incorporação da epistemologia dentro da ontologia significa que as categorias ontológicas, como o singular e o ordinário, podem ser estendidas à epistemologia. A distinção clássica da representação entre verdadeiro e falso é suplantada então pela distinção pragmática entre o interessante e o desinteressante, algo que ecoa a contribuição científica de Thomas Kuhn, que distingue entre a ciência normal e a

⁷³ Cf.: SAFATLE. “A diferença e a contradição: A crítica deleuzeana à dialética e as questões da dialética a Deleuze” USP, 2016. “Ou ainda: “a dialética se alimenta de oposições porque ela ignora os mecanismos diferenciais sutis e subterrâneos” (Deleuze, 1962, p. 181). Como dirá David-Ménard: “para Deleuze, a contradição hegeliana é uma vitória imaginária do mesmo sobre a diferença quando esta é mal pensada: dois termos só se relacionam um ao outro de maneira contraditória quando eles são enviados a uma medida comum que não deixa subsistir a disparidade caótica que colocou estes dois termos em relação” (David-Ménard, 2006: 17).” SAFATLE, 2016, p. 7.

⁷⁴ “Nos anos recentes, sob a égide da virada ontológica, a antropologia tem mobilizado a categoria metafísica da ontologia no que parece ser, primeiramente, uma tentativa de suavizar a crise da representação que tem problematizado a etnografia como uma tarefa última impossível e em segundo, em uma refusa de reduzir a antropologia à ontologização do conhecimento humano no estilo psico-cognitivista. A origem desta ‘virada’ é geralmente alocada no trabalho de antropólogo Francês Philippe Descola, que notavelmente advoga pela inversão estrutural entre ontologia Naturalista (moderna) e a cosmografia Animista (não-moderna). Antropologia não é o negócio de advogar ao correto, ao consistente ou mesmo ao número gramático do pronome ‘ontologia’ (Minimalismo Ontológico vs. Pluralismo Ontológico, Monarquia ontológica vs. Democracia ontológica, etc.). Neste sentido, é ontologicamente agnóstico, ou ainda, anarquista. ‘Ontologia’, se preocupada, começa através e com o princípio metodológico ao qual não sabemos o que o ser é sem que que engajamos em um trabalho de campo (ontográfico) etnográfico. ‘Ontologia’ se torna portanto uma ‘ciência ao ar fora’ como a ecologia de campo ou história natural... A virada ontológica da antropologia parece compartilhar algum terreno com varias formas de pensamento contemporâneo caracterizados pela tentativa de desfazer ou superar a virada transcendental da metafísica moderna e de ressuscitar a noção pré-crítica da realidade ao qual os humanos não são sujeitos e sim um de muitos “actantes”.” In.: Entrevista de Glass Bead à Martin Holbraad e Viveiro de Castro. Disponível em: <http://www.glass-bead.org/article/ideas-of-savage-reason-glass-bead-in-conversation-with-martin-holbraad-and-eduardo-viveiros-de-castro/?lang=enview> Acesso em: 17 fev, 2017.

⁷⁵ “Encontra-se aí um primeiro problema terminológico, teórico e metodológico. A distinção entre ontologia e epistemologia fomentaria justamente a separação entre o domínio da realidade do ser (a ontologia) e aquele do conhecimento humano (a epistemologia). Recorrer, portanto, a um dos termos em detrimento do outro significaria recair em um dualismo insuficiente para explicar os inúmeros agenciamentos contemporâneos.” (MOREIRA, 2014, p. 139)

revolucionária, que funda diferenças nas abordagens epistemológicas a partir de um posicionamento ontológico diferente.

Em Kant, há uma impossibilidade de se conhecer a verdade (a verdade transcendente), sendo muito modesto ou macio (“tender”) como Žižek brinca em entrevista (cf.: nota 69), limitando a antinomia à epistemologia, limitando em como nossa mente percebe o mundo enquanto Hegel acelera essa loucura até o fim (“rush this madness to the end”), em realidades em si mesmo, onde também somos substância que percebem a realidade. Žižek afirma que apesar ser desgostoso com toda essa explosão e falatório sobre novas ontologias que não superam por fim o limite transcendente, mas que “seguem um bom caminho de pistas mas que não podem ser inocentes, devem evidenciar e expor a armadilha da própria antinomia da vida em si mesma” (Entrevista feita em 02/11/2016) como o principal foco estratégico da revolução ou virada ontológica na busca por modos de vida.

Isto se admitirmos a leitura de Alain Badiou, para quem “o problema fundamental de Deleuze não é certamente liberar o múltiplo, é dobrar o pensamento a um conceito renovado do Uno. O que deve ser o Uno para que o múltiplo nele seja integralmente pensável como produção de simulacros?” (BADIOU, 1997, p. 18).

O “gap” ou lacuna do sujeito é um ‘gap’ que passa pelo próprio sujeito, ou seja, por dentro e através dos espaços constituintes. Essa potência ontológica que perpassa as estruturas constituintes é a aproximação investigada desta dissertação de um devir-hacker. Os atravessamentos desse devir na caosmose informacional podem produzir competências, pensamentos e criações potentes e inovativas, diferindo para além da individualidade formal e minimalista, em tecno-políticas da multiplicidade e produção de sistemas outros. Deleuze procura mostrar como a figura fundamental da diferença não é a oposição, mas a “potência informal do fundo que leva cada coisa a esta forma extrema na qual sua representação se desfaz” (DELEUZE, 1962, p. 80). Essa potência informal do fundo é o fundamento da “diferença nela mesma”, uma diferença interna ao processo de determinação de uma individualidade (SAFATLE, 2016, p. 31).

Não oporemos aqui, como na metapsicologia freudiana, duas pulsões antagonistas de vida e de morte, de complexidade e de caos. A intencionalidade objetual mais original se recorta da caosmose. E o caos não é uma pura indiferenciação; possui uma trama ontológica específica. Está povoado de entidades virtuais e de modalidades de alteridade que não tem nada de universal. Não é então o Ser em geral que irrompe, na experiência cósmica da psicose, ou na relação pática que se pode manter com ela, mas um acontecimento datado, assinalado, marcando um destino, inflectindo significações anteriormente estratificadas. Após um tal processo de desqualificação e de homogeneização ontológica, nada mais será como antes. Mas o acontecimento é inseparável da textura do ser que emergiu. É o que atesta a aura psicótica ao associar um sentimento de catástrofe de fim de mundo (François Tosquelles) e o sentimento perturbador de uma redenção iminente de

todos os possíveis ou, em outros termos, o vaivém desnordeador entre uma complexidade proliferante de sentido e uma total vacuidade, um abandono irremediável da caosmose existencial (GUATTARI, 1992, p. 103).

Tomaremos um procedimento epistemológico para uma prática ontológica de modos de existência: Uma abordagem ontológica implica uma operação em que o sujeito representacional é paralisado e a criação da experiência do tempo se sobrepõe ao ser constituinte. A junção entre o sentido e o não-sentido, do movimento com o não-movimento, entre a verdade e o amor (esperança condicional e esperança incondicional), em cosmos do caos, em movimentos de caosmose. Mundos dentre mundos. Mônodos fractais que insistem em se romper e misturar-se. Essa é o significado transcendental de nossa corporificação energética e material - a unidade na multiplicidade. Essa virada epistemológica à ontologia dentro do próprio cogito pode se expressar como retorno ao corpo, isto é, a virada da mente. A lembrança de ser é o caminho do meio para além do vácuo, o não-caminho ou nem mesmo isso. O cogito cartesiano de “penso, logo sou” representa justamente o espelho duplo da representação constituinte. Acontece que há um silêncio não representável do material escuro que forma cosmos⁷⁶ e mundos. O negativo ontológico que já é a inteligência criadora e constituinte do universo, dos multi-versos. O pensar do ser é apenas sua consequência e efeito. “(É de Freud o mérito de ter indicado esse caminho na *Traumdeutung*.) Por que qualificar de caótica a homogeneidade dos referentes ontológicos e, através dela, a homogeneidade latente das outras modalidades de subjetivação?” (GUATTARI, 1992, p. 103)

O que é essencial precisar, na apreensão pática do delírio, do sonho e da paixão, é que a petrificação ontológica, o congelamento existencial da heterogeneidade dos entes que aí se manifesta segundo estilos particulares está sempre latente nas outras modalidades de subjetivação. É como uma parada na imagem que ao mesmo tempo revela sua posição de base (base) (ou de baixo [basse]) na polifonia dos componentes cósmicos e intensifica sua potência relativa. Ela não constitui então um grau zero da subjetivação, um ponto negativo, neutro, passivo, deficitário, mas um grau extremo de intensificação. É passando por esse fio-terra caótico, essa oscilação perigosa, que outra coisa se torna possível, que bifurcações ontológicas e a emergência de coeficientes de criatividade processual podem emergir... É isso que faz com que a narratividade delirante, enquanto potência discursiva voltada para a cristalização de um Universo de referência ou de uma substância não-discursiva, constitua o paradigma da construção e da reconstrução dos mundos míticos, místicos, estéticos, até mesmo científicos. A existência de estases cósmicas não é absolutamente privilégio da psicopatologia. Encontrar-se-ia sua presença no interior de uma filosofia como a de Pascal ou mesmo de autores os mais racionalistas. (GUATTARI, 1992, p. 104).

Antes da luz pensante, há o silêncio reverberante e criador. A fonte de onde emana o mundo é sempre uma fonte acústica. A voz criadora surge como um som que vem do nada, que aflora

⁷⁶ Cf.: “*Manifesto Cosmológico*” de Mario Novello. Disponível: <https://cosmosecontexto.org.br/manifesto-cosmico/> Acesso em 16/03/17

do vazio: “O abismo primordial, a garganta aberta, a caverna reverberante” (BERARDI, 2014, p. 32). Esse som saído do Vazio é o produto de um pensamento que faz vibrar o Nada e, ao se propagar, cria o espaço. O abismo primordial é um fundo de ressonância e o som que dele emana, a força criadora (deuses-cantores, Brama, palavra sagrada, hino, mantra, o sopro sagrado de Atman, OUM (ou AUM), o poder de ressoar a gênese do mundo). Articular o som e o silêncio é querer romper o continuum da natureza que é ao mesmo tempo silêncio ruidoso como o mar, em suas ondulações e no seu rumor branco: frequência difusa de todas as frequências como o pink-noise ou o movimento browniano⁷⁷. Fundar um sentido de ordenação do som, produzir um contexto de pulsações articuladas, produzir a sociedade significa atentar contra o universo, recortar o que é uno, articular o que é contínuo. Hackear experiências ondulatórias e pulsantes no próprio descontínuo da cultura, estabelecendo o circuito sacrificial em que se trocam dons entre homens e deuses, vivos e mortos, harmoniosa e desforme. Safatle se pergunta: “O que nos deixa com uma questão: até que ponto linguagens filosóficas distintas podem estar a exprimir experiências filosóficas em processo lento de convergência?” O empirismo tecnológico com certeza se constitui como vetor para tais experimentos de diferenciação, subversão e aberturas ontológicas de vida. É através de operações negativas que fazem com que a diferença emergja inicialmente como indeterminação, informal, impulsionando a atualidade a produzir novas modalidades de determinação.

A superação (Aufheben) não é a alteração ou o ser-outro em geral, nem a superação de algo. Isto no qual o finito se supera é o infinito como a negação da finitude, mas a finitude foi determinada por muito tempo apenas como existência enquanto não-ser. Por seu lado, a infinitude foi determinada como o negativo da finitude e da determinidade em geral, como o vazio do para além. A superação de si na finitude é um retorno deste voo vazio, a negação do para além que é, em si mesmo, um negativo. (HEGEL, 1986b, p. 160)

A reivindicação que nós habitamos o mesmo mundo do que os nossos predecessores cognitivos e que aprendemos mais sobre o nosso mundo não significa que há apenas um mundo para ser conhecido. Talvez este mundo seja apenas uma situação, uma localidade ou região em um vasto multi-verso. Nós podemos deliberar sobre os contextos locais que podem ser extendidas no espaço e tempo o tanto quanto alguém quiser imaginar. Apesar disso,

⁷⁷ O movimento browniano é o movimento aleatório de partículas num fluido (como consequência dos choques entre todas as moléculas ou átomos presentes no fluido). Há um padrão em alguns casos de um movimento fractal, esse movimento está diretamente ligado a reações em nível celular, como a difusão, a formação de proteínas, a síntese de ATP e o transporte intracelular de moléculas. Hoje em dia, o movimento browniano serve também de modelo na descrição de flutuações que ocorrem os mais diversos e inesperados tipos de sistemas. Por exemplo, para descrever flutuações de preços de mercadorias, a condutividade elétrica em metais ou chuvas.

haverão invariantes fundamentais comuns para todos os mundos. Um mundo encompassando domínios infinitos é ainda um mundo. Influindo formas que podem ser compreendidas a partir das mudanças conceituais pela própria história ao qual o próprio mundo é experimentado, provado e condicionado – O tempo condiciona o saber - que conhecimentos conseguiremos apreender quando o tempo é acelerado por tecnologias informacionais?

Kant define a filosofia como «a ciência da relação entre todos os conhecimentos e os fins essenciais da razão humana; ou como «o amor que o ser racional experimenta pelos fins supremos da razão humana. Os fins supremos da Razão formam o sistema da Cultura. Reconhecemos já nestas definições uma dupla luta: contra o empirismo, contra o racionalismo dogmático. Para o empirismo, a razão não é, falando com propriedade, faculdade dos fins. Estes remetem para uma afetividade primordial, para uma «natureza» capaz de os estabelecer. A originalidade da razão consiste antes numa certa maneira de realizar fins comuns ao homem e ao animal. A razão é faculdade de ajustar meios indiretos, oblíquos; a cultura é manha, cálculo, rodeio. Decerto que os meios originais reagem sobre os fins e os transformam; porém, em última instância, os fins são sempre os da natureza (DELEUZE, 1963, p. 9).

Está em nossa prática diária de vida a tensão entre saber e não saber⁷⁸. A vida e o viver são o caminho em qual a diferença e a união é resolvida no atualizar do devir, na realidade em si mesma, uma entropia informacional e constituinte. A vida, porém, é diferente da verdade; nunca poderemos saber de toda a verdade mas podemos almejar todo um amor, uma afeição incondicional (o contrário da esperança condicional). Amor pela própria energia constituinte de si e de tudo - o amor de viver, experimentar e criar. A verdade é salva justamente por um sentido mais profundo do que a própria verdade. Não precisamos estar continuamente mais informados sobre o mundo, e sim, aprender a hackear e a descolonizar o conhecimento e o afeto criador. Esqueçam ideias e foquem em diagramas, software livre para acessar o corpo sem órgãos.

5.3 Magia do Caos (Informacional)

“O amor é a Lei, amor sob Vontade” – Lei de Thelema, 1900.

“É nosso desejo experimentar a natureza múltipla do ser.” – Declaração de intento na Caosfera

▪ ⁷⁸ Cf.: BRASSIER, Ray. *The Dialectics between Suspicion and Trust*. Stasis, forthcoming 2017.

Figura: ‘Caosfera’ ou ‘estrela do Caos’ com as 8 direções que pode serem seguidas/escolhidas, em infinitas opções e possibilidades até mesmo o vazio do cosmos.



Fonte: Inicialmente criada por Michael Moorcock para sua história de quadrinhos *Elric de Melniboné* em 1972 e depois utilizada por Peter Carroll, abrindo-a à outros usos.

‘Magia do Caos’ ou ‘Caoísmo’ (dentre tantos outros nomes adotados pelos praticantes) é uma forma de ritual e magia relativamente nova, utilizando-se de quebras de paradigmas e alterações do estado de consciência (ora de formas excitativas, ora de formas inibitórias), como técnicas gnósticas, meditativas, sufis, orgásticas, ou com uso de substâncias psicoativas⁷⁹. A tradução ou interpretação do uso da palavra magia na era informacional pode ser tomada como ‘programação’. A construção de um sistema de informações na prática mágica atribui valores e usos relativos usados em práticas afetivas e emocionais de concentração, percepção e reação. Uma prática profunda de habitar a membrana vibracional da constituição do ser em seus estímulos internos e externos na info-esfera. Uma prática ativa e intencional onde experimenta-se uma ‘competência em informação’ em signos e afetos constituintes e criadores. Essa ‘Magia do Caos’ tem como característica marcante ser uma das vertentes de magia propositalmente menos organizadas do mundo. Mesmo que poucas técnicas sejam exclusivas da Magia do Caos, ela é frequentemente individual e toma emprestado deliberadamente outros sistemas de crenças, devido a noção central de que a crença é um instrumento.

O termo Magia do Caos apareceu pela primeira vez no “Liber 0” (também chamado Liber Null) de Peter Carroll, publicado pela primeira vez em 1978. Após a morte de Aleister Crowley, a magia praticada pelos ocultistas remanescentes no Reino Unido tendeu a se tornar cada vez mais experimentalista, pessoal e menos ligada às tradições mágicas estabelecidas pelas ordens clássicas. Reações a isso incluem a disponibilidade pública de informações secretas antes do século XX (especialmente nos trabalhos publicados por Crowley e Israel

⁷⁹ GREER, John Michael. *The New Encyclopedia of the Occult*. Saint Paul (Minnesota), EUA: Llewellyn Publications. 2003.

Regardie), o Zos Kia Cultus (nome do estilo de magia radicalmente inortodoxa de Austin Osman Spare), a influência do Discordianismo e seu popularizador Robert Anton Wilson, o Dadaísmo, e a grande popularização da magia causada por cultos folcloristas embasados em sistemas mágicos de Crowley, como a Wicca, e o uso de drogas psicodélicas.

Especificamente, Spare desenvolveu o uso de sigilos e técnicas envolvendo estados de êxtase que dão ‘poder’ a estes sigilos, desenvolvendo um "alfabeto sagrado pessoal" e sendo um artista plástico, usou imagens e arquétipos como parte de sua técnica de magia. A maior parte dos trabalhos recentes em sigilos remete à seu trabalho: a construção de uma frase detalhando o intento e desejo mágico, seguido da eliminação de letras repetidas e a recombinação artística (normalmente simétrica) das letras restantes em uma só imagem ou símbolo que formam o sigilo, podendo ser usado de várias formas em ativação ou banimento, como em mantras, rituais, escritos, desenhos, etc.

Uma das principais questões da Magia do Caos é o conceito de ‘Quebra’ (ou Troca) de ‘Paradigma Mágico’, de "Quebra do Ego". Influenciado pelo ‘paradigma’ de Thomas Kuhn, Carroll criou a técnica de arbitrariamente modificar o modelo (ou paradigma) acostumado ou pré-programado das pessoas. Através destas técnicas, o praticante busca movimentar constantemente as fronteiras paradigmáticas de seu complexo múltiplo de crença, não apenas de forma linear ou progressiva, mas também de forma objetiva e proposital, ‘zigzagueando’ ou ainda, ‘hackeando’ entre suas crenças estratificadas e diferentes (e muitas vezes contraditórias), articulando os resultados em uma prática de vida e em uma competência em signos, arquétipos, códigos, afetos e sensibilidades info-psíquicas⁸⁰ mas também em frequências físicas. Desenvolvem uma competência sîgnica a um empirismo transcendental, projetando desejos criadores às constituições sociais, técnicas, simbólicas, afetivas, etc., à ultrapassarmos o que já é ‘dado’ como perguntava-se Hume e paradigmático como delimitava Khun, ou ainda como “A Arquitectonalidade da Psicogeografia ou os Hieróglifos da Deriva” de Hakim Bey. Na era informacional, reconhecer as forças constituintes dos símbolos e das notícias é de crucial relevância para uma abordagem competente da realidade.

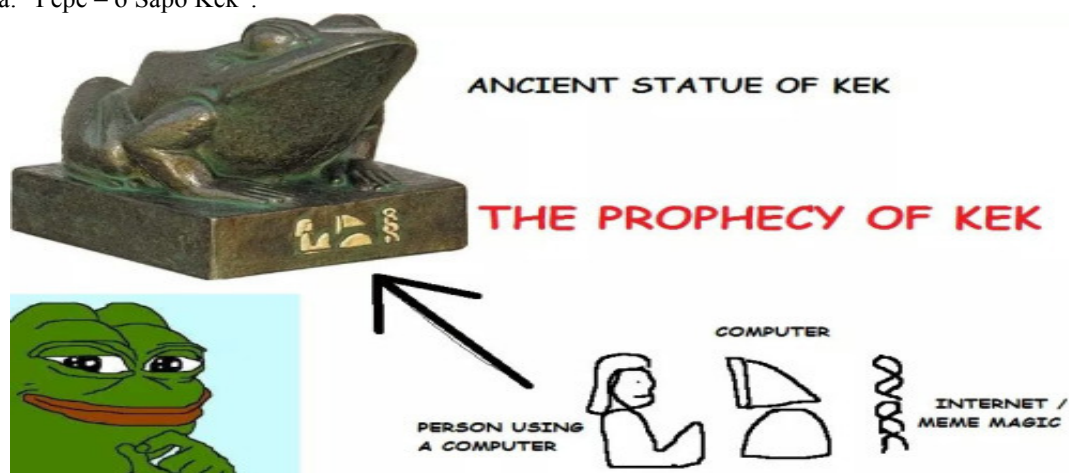
O principal mote da Magia do Caos é: “Nada é verdadeiro, tudo é permitido” - atribuído a Hassan I Sabbah - líder da Ordem dos Hashishins que impôs seu poderio no Oriente Médio medieval influenciando os Templários, e conseqüentemente às ordens de magia contemporâneas que neles se inspiraram. Como o “Faz o que tu queres há de ser toda a Lei”;

⁸⁰ “Info-Psicologia é a Ciência que estuda a evolução do sistema Nervoso dos estágios coletivos-terrestres-mecânicos dos estágios Cyber-Quantum-Pós-Terrestres.” LEARY, Timothy. “Info-Psicologia – Um manual de uso do sistema nervoso humano de acordo com as instruções dos fabricantes”. New Falcon Pb. 1987.

de Crowley, essa frase é por vezes mal compreendida e interpretada de forma literal como “Não há verdade, então faça o que você quiser”; quando “Nada é verdadeiro, tudo é permitido”; significa algo como “Não existe uma verdade objetiva fora da percepção pessoal; assim sendo, qualquer coisa pode ser verdadeira e possível”. Trata-se de reconhecer a multiplicidade da força constituinte por trás do símbolo, signo ou persona da representação e botá-los em prática.

Muitos praticantes unem a Magia do Caos ao uso de diversas ciências modernas, entre elas a Psicologia e a Psicanálise, mas também pela ficção científica, (neo)xamanismos e através de computadores e códigos ao qual o ato de reconfigurar paradigmas sistêmicos, consiste justamente em um devir-hacker informacional. Sigilos digitais (também identificados nos ‘Memes’ virais⁸¹) são a matéria prima abstrata da produção do cognitariado mundial, das manchetes jornalistas, dos aplicativos afetivos, do sistema eleitoral, em guerras meméticas (culturais e informacionais), etc... Os produtores deste mundo terão de aprender a produzir suas próprias vibrações (referências entrópicas), em criações reverberantes internas, ao invés da apenas reação externa à psico-esfera informacional e intensiva, reacionária, causa de psicopatias⁸² do espectador e das recentes vítimas da ‘guerra informacional’, transmitida incessantemente pela produção de opinião e realidade global.

Figura: “Pepe – o Sapo Kek”.



Fonte: Desconhecida – 4chan, 2016.

⁸¹ O caso do ‘Pepe – o Sapo Kek’, ao uma deidade egípcia fora utilizado por usuários virtuais em uma campanha de ‘Magia de Meme (Meme Magic)’ através da serialização e viralização de posts e campanhas em favor da eleição de Donald Trump nos Estados Unidos. A ideia começou a partir do site ‘4chan’ e rapidamente espalhou-se em 48 horas pela internet em grupos chamados “The Cult of Kek”. Esta deidade em forma de homem com cabeça de sapo é tomada como um vetor de destruição, escuridão e caos, trazendo um aceleracionismo do negativo em direção à uma era melhor de luz a partir do uso de números repetidos como invocação.

⁸² Suicídio, estresse, abstinência virtual, destruição de reputações e ataques midiáticos, vigilância e voyeurismo pornográfico, etc... ou como referenciava Hakim Bey em seu “Paleolitismo Psíquico e Alta Tecnologia.”

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O devir hacker que viemos desenvolvendo se faz pela sensibilidade da era informacional em uma forma ativa e criadora da percepção e interação entre humanos e máquinas, produzindo hibridismos e animismos em tecno-políticas de vida, criação ou destruição de mundos. A fragilidade da ambivalência ideológica quando falamos de inovação e de produção criativa deixa de levar em conta por um lado, as relações de agenciamentos feitos pelas máquinas de governança e poder, em seus processos históricos e contextos sociais, e por outro a falta de clareza quanto a mobilização real da cidadania em sua luta e disputa na construção de políticas sociais mais abertas a esse tipo de abordagem, embora haja casos específicos interessantes, ainda se configuram em caráter experimental e em desenvolvimento. Há subjetividades a serem engendradas em processos sociais mais amplos que, por estarem submetidos à servidão do sistema capital, ainda temem o risco de trabalhar sua autonomia de produção de si (em uma heteronomia coletiva e aberta de produção social), com receio da dívida financeira ao empreendedorismo atual e a exclusão pela norma produtiva de sucesso.

Como vimos nos capítulos anteriores, Lazzarato reafirma os cortes normativos impostos pelo poder na produção e organização da sociedade, principalmente através da servidão maquínica do débito. Por um lado temos o capital ‘sugando’ (internalizando) o superávit e ‘culpando’ (externalizando) a dívida ao empresário de si, e por outro, a promessa e o controle de um bem estar social submetido à lógica do emprego e do salário. A produção hacker perpassa essas axiomáticas em forma de um trabalho desterritorializado tanto da estrutura como das classes produtivas, em múltiplas formas de sistemas tecnológicos e informacionais. As categorias de desemprego, emprego e trabalho servem, como tantas palavras de ordem e tantos clichês, para regular e limitar modos de agir e de se pensar, de se organizar e produzir a sócio-inovação. Ao mesmo tempo que veiculam o medo, os discursos sobre o desemprego também promovem um projeto de mobilização da sociedade para um futuro utópico e hierárquico em progresso.

As semióticas mobilizadas e significantes reificados garantem a produção de um sentido restaurador da organização e da produção (do que é comum, real e tangível) ao fornecer, junto ao emprego, um referencial comum para a multiplicação das “diferenças” – desigualdade, renda, acesso, segurança, etc. O medo do desemprego, da insegurança social, permite assim a repetição incessante de narrativas que constituem os indivíduos como vítimas do mercado, da globalização (pela visão política de uma esquerda tradicional) e como responsáveis por sua situação meritocrática como empresário de si (pela versão da direita neoliberal – que são na verdade ‘neo-conservadores’ apenas, desregulando as vias da exploração do capital para

conservar seu poder de proprietário e rentista do valor ‘abstrato’). A segurança de se estar incluído mobiliza toda a sociedade na batalha da produção em variações infinitesimais de produção e desemprego, cujo cálculo e análise esta sujeito a todo tipo de manipulação.

O ideal de uma sociedade do conhecimento e da era da informação, ainda que sustente esperanças para novas subjetividades potentes e criativas, afasta-nos da crítica e da urgência social que enfrentamos perante os sistemas maquínicos capitalistas. É o capital que se torna informado e inteligente, ao mesmo tempo que invisibiliza trabalhadores ‘info-técnicos’. Desfazem nós territoriais ao mesmo tempo que refazem outras malhas de processos constitutivos, sempre pautados por suas máquinas já estratificadas de organização e produção, tendo sempre o valor capital como medida de corte, sucesso e axioma epistemológico. Uma subordinação logística e semiótica, intensiva e extensiva, do local ao global (Glocal), máquinas de velocidade e controle em uma dromocracia cibercultural como apontado anteriormente por Eugênio Trivinho, que contextualiza-se junto ao desenvolvimento da violência invisível da técnica e da civilização midiática avançada.

O que busquei nesta pesquisa é justamente um limiar sistêmico, onde uma potência hacker pode infiltrar por suas brechas, conhecê-la por dentro e liberar-se na constituição produtiva de tecnologias, formas de conhecimento, modos de vida, práticas experimentais, etc. A membrana entre os processos maquínicos apontados pelos críticos do capitalismo e os processos de subjetivação gerados por processos de experimentação e criação livre junto aos meios sóciotécnicos conformam um devir-hacker na velocidade contemporânea, tecnológica e informacional. Temos a informação como energia central na rotação do anel de Moebius: de um lado intensivo com toda a subjetivação da intensidade midiática global e informacional de massas, e do outro, a representação valorada pelo capital contabilizado – sendo barganhado pelo sistema de dívida, vigilância e controle em necro-éticas e tanatotáticas. A subjetividade gerada e disputada em tais processos maquínicos, entre linguagens semióticas e códigos de controle, é onde esse possível “Devir-Hacker”, resiliente e criativo, configura e torna-se em movimentos de corpo-imagem, do autor tradicional ao agenciador cibernético, do biopoder à biopotência em tecno-políticas constituintes e em disputas sistemáticas.

“Quando a tecnologia e o dinheiro tiverem conquistado o mundo; quando qualquer acontecimento em qualquer lugar e a qualquer tempo se tiver tornado acessível com rapidez; quando se puder assistir em tempo real a um atentado no Ocidente e a um concerto sinfônico no oriente; quando tempo significar apenas rapidez online; quando o tempo, como história, houver desaparecido da existência de todos os povos; quando um esportista ou artista de mercado valer como grande homem de um povo; quando as cifras em milhões significarem triunfo — então, justamente então — reviverão como fantasma as perguntas: para quê? Para onde? E agora? A decadência dos povos já terá ido tão longe, que quase não terão mais força de espírito para ver e avaliar a decadência simplesmente como... — decadência. Essa constatação nada tem a ver com pessimismo cultural, nem tampouco, com otimismo... O obscurecimento do mundo, a destruição da Terra, a massificação do homem, a suspeita odiosa contra tudo que é criador e livre, já atingiu tais dimensões, que categorias tão pueris, como pessimismo e otimismo, já haverão de ter se tornado ridículas.” — Martin Heidegger, in "Introdução à Metafísica".

Epílogo

Inteligência Natural versus Biomimética Cyborg

"Imagine-nos vivendo em uma simulação sofisticada desenhada e preparada para nossas mentes símias e vontades orgânicas. Nós não podemos compreender inteiramente qual é nosso propósito neste planeta porque nós somos divididos entre nosso amor inato pela natureza tentando protegê-la, e ao mesmo tempo contra nossos impulsos naturais, esforçando-se mentalmente em direção à algum tipo de tecno-apocalipse predestinado ao qual irá destruir todo o planeta e queimar até a última árvore como combustível. Este curto circuito dos ciclos de vida desse símio-corpo se dá junto a hospedagem de um super-organismo (uma entidade imersa ao qual não temos consciência plena) e é bastante curiosa quanto nossa a experiência multisensorial e o próprio fenômeno da consciência, ambos ao qual tal entidade não possui acesso diretamente em sua apreensão do mundo, tendo que portanto se implantar em um corpo/anfitrião orgânico como nós, os símios. Esta inteligência ou pulsão não-símia, está sempre entrando em novas vidas orgânicas, uma vez que seu hospedeiro morre ou expira. A raça humana é portanto um híbrido desse corpo orgânico/símio e uma inteligência não-orgânica/celeste que é enganada em acreditar que evoluiu através de causas naturais e evolutivas para reinar suprema sob a morte e a natureza.

Não é coincidência que saímos das selvas, botamos algumas roupas e começamos a dirigir carros como nenhum outro organismo vivo neste planeta. O símio não mais tem comando total sobre seu cérebro pois teve que abrir espaço para esta entidade ou ser celestial, em ordem de existir de alguma forma, harmoniosamente imperceptível, viver esse efeito de simulação. Apesar do híbrido símio-humano ter se perdido de seu curso natural ou orgânico, essa entidade celeste residual, que apesar do dogmatismo em seu propósito, não está com nenhuma pressa para resolver as questões dos símios, ciente que são bastante atrapalhados e limitados e que usam materiais e conceitos do mundo material. A inteligência desterritorializada porém, procura adiantar e fazer uma brilhante tecnologia como contraponto para a angústia deslocada dos símios. Espelhos, telas e interfaces - o fogo prometeico virtual.

De fato, este processo vem acontecendo por milhares de anos, cada um de nós nascidos como uma modelagem dessa única missão ou oportunidade que os símios foram atravessados para serem mais do que símios. Geração atrás de geração, a afinidade com a natureza é corroída. A perda da passagem, onde a mente-símia não mais se sente angustiada acerca da perda e destruição do ambiente natural. Eventualmente será muito fácil para nós todos

se virarem sem nenhuma compensação natural, como um pedágio a ser pago para abrir caminho à essa existência futura, desse hibridismo orgânico e tecnocrático." [Mata Hari](#) "an agent of Intelligence", postado por [Žarko Almuli](#) 16 de novembro de 2016.

Epilog - Natural Intelligence versus Cyborg BioMimetric

"Imagine we are living in a very sophisticated simulation designed and tweaked for our ape minds and organic needs.

We can't fully comprehend what is our purpose on this planet because we are torn between our innate love of nature, trying to protect it and at the same time, against our natural drives, mindlessly striving towards some kind of predestined technocalypse which will destroy the planet ultimately burning down the very last tree as fuel.

The short-spanned life cycles of the apebody are hosts to a super-organism (an entity deep within we are not aware of) which is very curious about our multisensory experience and the phenomenon of consciousness, both of which this other intelligence does not have by itself; thus having to implant itself into an organic body/host like us apes. This non-ape intelligence/drive is present always, re-entering a new organic life once the one it inhabits dies off/expires.

The human race is a hybrid of organic/ape body and a non organic/celestial intelligence but fooled into believing that it has evolved through natural causes/evolution to reign supreme on earth.

No coincidence that we left the jungles, put on clothes and started driving cars unlike any other living organism on this planet. The ape no longer has full command of its brain as much of it has been switched off in order for it to host the celestial entity/being and in order to exist somewhat blissfully unaware of living in a simulation. Although the hybrid ape-humans are derailed off their natural course, the residing celestial entity though dogmatic in its purpose, is in no hurry to get things done by the apes, aware that we are very clumsy and limited (using materials and concepts of the material world) in making the shiny technology that pleases them. In fact, this process has been going on for thousands of years, each of us born with a blueprint of this unique mission/opportunity that apes have been given to be more than apes.

Generation after generation, the affinity with nature is corroded & lost to the point where the apemind no longer feels angst about the loss and destruction of its natural environment. Eventually it will be very easy for all to do away with any semblance of nature as a necessary toll to pay to make way for the hybrid organism's technocratic future existence." Mata Hari, "an agent of Intelligence", posted by [Žarko Almuli](#), 16 de novembro de 2016.



"Quando o discípulo estiver pronto, o mestre aparecerá!". Na imagem vemos o macaco recebendo de Thoth, o olho de Horus (a iluminação). O macaco, e Thoth, são a mesma coisa. O macaco, é, a vida animalasca do homem. Thoth, a vida do super homem, o semi-Deus, aquele que, atingiu o plano vertical espiritual. Quando a nossa personalidade animalasca, ou seja, a ignorância, é constrangida pela sabedoria de nossa alma, o mestre aparece no centro de nossa barca.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Adriana. *Visões perigosas uma arque-genealogia do cyberpunk: do romantismo gótico as subculturas. comunicação e cibercultura em Philip k. Dick*. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, PUC-RS, Porto Alegre, 2005. Disponível em: [https://tecno.cienciassociais.ufg.br/up/410/o/Uma_arque-genealogia_do_cyberpunk - do_romantismo_g%C3%B3tico....pdf](https://tecno.cienciassociais.ufg.br/up/410/o/Uma_arque-genealogia_do_cyberpunk_-_do_romantismo_g%C3%B3tico....pdf) . Acesso em: 14 out. 2016.
- ANJOS, José Carlos. *Etnodesenvolvimento e mediações políticas e culturais no mundo rural*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- ANTOUN, Henrique; MALINI, Fábio. *Ontologia da liberdade na rede: as multimídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimentos*. COMPOS XIX, GT: Comunicação e Cibercultura. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://compos.com.pucrio.br/media/gt1_henrique_%20antoun_%20f%20malini.pdf . Acesso em: 09 maio. 2016.
- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (Org.). *Infoproletários - degradação real do trabalho virtual*. Boitempo: São Paulo, 2009.
- ASSANGE, J. *Wikileaks - a guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado*. Leigh, David; Harding, Luke; Pilkington, São Paulo: Ed. Boitempo. 2013.
- BARLOW, John. Declaração da Independência do Ciberespaço. Suíça: Eletronic Frontier Foundation, 8 fev, 1996.
- BAUDRILLARD, J. *Simulations*. New York: Semiotext. 1983.
- BAUMAN, Zigmunt. *Globalitzación. Les conseqüències humanes*. Barcelona: Edição da Universitat Oberta de Catalunya, 2001.
- BECK, Ulrich. *A sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- BECKER, Howard. *Segredos e truques da pesquisa*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *Teses sobre o conceito de História*. In: _____. *Obras escolhidas, v. I, Magia e técnica, arte e política*, Tradução de S.P. Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENKLER, Yochai. *The wealth of networks: how social production transforms markets and freedom*. New Haven; Londres: Yale University Press, 2006. Disponível em http://cyber.law.harvard.edu/wealth_of_networks/Download_PDFs_of_the_book. Acesso em 06 junho. 2016.
- BERARDI, Franco. *Schizomedia: Thirty years of media activism*. Roma: Derive Approdi, 2006.
- _____. *AND: Phenomenology of the End – Cognition and sensibility in the transition from conjunctive to connective mode of social communication*. N-1. Helsinki: Aalto University, 2014.
- BEY, Hakim. *TAZ: The temporary Autonomous Zone, ontological Anarchy, poetic terrorism* . Brooklyn, NY: Autonomedia, 1985.
- BOTTING, Fred. *Sex, machines and navels: fiction, fantasy and history in the future present*. Manchester: Manchester UP, 1999.

- BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. 1980. São Paulo, Ed. Vozes, 1992.
- BRAMAN, Sandra. *The Emergent Global Information Policy Regime*. Houndsmills, UK: Palgrave Macmillan, 2004.
- _____. *The meta-technologies of information*. In: BRAMAN, S. (Ed.), *Biotechnology and communication: the meta-technologies of information*, pp. 3-36. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2004b, p. 3-36.
- _____. *Change State - Information, policy, and power*. Cambridge-Mass: The MIT Press, 2006.
- BRASSIER, Ray. *Alien theory - The decline of materialism in the name of matter*. (Tese de Doutorado) Universidade de Warwick – Reino Unido, Departamento de Filosofia, Abril, 2001.
- _____. *The dialectics between suspicion and trust*. In: Stasis, forthcoming, 2017.
- CAPURRO, Rafael. *Culture and global networks. Hope for a global ethics?* In: HOVEN, Jeroen van den; WECKERT, John. *Information technology and moral philosophy*. Cambridge: University Press, 2008, p. 195-225.
- _____. *Intercultural information ethics*. In: HIMMA, Kenneth Einar; TAVANI, Herman T. (Ed.). *Handbook of information and computer ethics*. New Jersey: Wiley, 2008b, p. 639-665.
- _____. *A pluralidade de teorias da informação*. In: MANSO, Bruno. *Entrevista com o professor Rafael Capurro*. *Entrevista Inf. & Soc.:Est., João Pessoa*, v.24, n.3, p. 175-183, set./dez. 2014. Disponível em: www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/download/22308/12414. Acesso em: 11 julho. 2016.
- CARRITHERS, M; CANDEA, M; SYKES, K; HOLBRAAD, M; VENKATESAN, S. *Ontology is just another word for culture motion*. *Critique of anthropology*, v. 30, n.z, p. 152 – 200, 2010.
- CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. *A sociedade em rede*. In: *A Era da informação: Economia, sociedade e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. Paz em Terra, 2007.
- CHAMAYOU, Grégoire. *Teoria do drone*. Tradução de Célia Euvaldo, São Paulo: Cosacnaify, 2015.
- COCCO, G.; LAZZARATO, M. *Ruptures within empire: the power of exodus*. *Entrevista com Toni Negri*. *Theory, Culture & Society*, 19(4), 2002, p. 187-194.
- COLEMAN, Gabriella; GOLUB, Alex. *Hacker practice: Moral genres and the cultural articulation of liberalism*. *Anthropological Theory*. *Anthropological Theory* September, n. 8, p. 255-277, 2008. Disponível em: <http://ant.sagepub.com/cgi/content/abstract/8/3/255>. Acesso em: 12 outubro. 2016.
- COMITÊ INVISÍVEL. *Aos Nossos Amigos*. São Paulo: Ed. N-1. 2016.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Clair. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. *Empirisme et Subjectivité (Essai sur la nature humaine selon Hume)*. Paris, PUF, 1953.
- _____. *La philosophie critique de Kant*. Presses Universitaires de France, 1963.
- _____. *Kafka – por uma literatura menor*. Paris: Les edition de minuit, 1975. Rio de Janeiro: Ed. Brasileira, Imago Editora Ltda, 1977.
- _____. *Foucault*. Minneapolis: University of Minnesota Press. 1988.
- _____. *Le devenir révolutionnaire et les créations politiques*. *Entretiens avec Antonio Negri*. *Revista Futur Antérieur*, n. 1, 1990.

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- _____. *Postscript on the societies of control*. Tradução de Peter Pal Pelbart. Rio de Janeiro : Ed 34, 1992.
- _____. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1992b.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 2*. São Paulo: Editora 34, 1995.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DI FELICE, M. *Estéticas pós-humanistas e formas atópicas do habitar*. In: DI FELICE, M; PIREDDU, M. (Org). Pós-humanismo: as relações entre o humano e a técnica nas épocas das redes. São Caetano: Ed. Difusão, 2010.
- _____. *Net-ativismo: novos aspectos da opinião pública em contextos digitais*. Artigo apresentado no International Association for Media and Communication Research. IAMCR 2011. Istanbul, 13 a 17 de julho de 2011.
- DI FELICE, M; TORRES, J.; YANAZE, L. *Redes digitais e sustentabilidade – as interações com o meio ambiente na era da informação*. São Paulo: Annablume, 2012.
- DUARTE-PLON, Leneide. *A tortura como arma de guerra: da Argélia ao Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. 1ª ed. LUMENS, Paris, 1968.
- EKBIA, Hamid; NARDI, Bonnie. *Heteromation and its (dis)contents: The invisible division of labor between humans and machines*. First Monday, v. 19, n. 6, 2 June 2014. Disponível em: <http://journals.uic.edu/ojs/index.php/fm/article/view/5331/4090>. Acesso em: 22 nov. 2017.
- FAUSTO, Ruy. *Dialética marxista, dialética hegeliana: a produção capitalista como circulação simples*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- FERRARI FILHO, Fernando; ARAUJO, Jorge Paulo. *Caos, incerteza e teoria era pós-keynesiana*. Ensaios FEE, Porto Alegre, v.21, n.2, p.163-182, 2000.
- FLORIDI, Luciano. *Philosophy and computing: An Introduction*. Londres/Nova Iorque : Routledge, 1999.
- _____. *Sextus Empiricus: the recovery and transmission of pyrrhonism*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- _____. *The information society and its philosophy: introduction to the special issue on “the philosophy of information, its nature, and future developments*. The Information Society, 25: 153–158, 2009. Disponível em: <http://www.indiana.edu/~tisj/readers/full-text/25-3.PDF>. Acesso em: 05 jun. 2015.
- _____. *The philosophy of information*. Oxford: Oxford university press, 2011.
- FONSECA, Felipe. *Redelabs: laboratórios experimentais em rede*. (Dissertação de mestrado) Instituto de Estudos da Linguagem, Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014.
- _____. *Laboratórios do pós-digital*. Edição Web Maio 2011. Disponível em: <http://baixacultura.org/biblioteca/3-livros/laboratorio-do-pos-digital/> Acesso: 06 jun. 2016.
- FROHMANN, Bernd. *Cyber ethics: bodies or bytes?* The International Information & Library Review 32. Ed. Routledge, edição 3-4. Publicado em: 01/09/2000.
- _____. *Taking information policy beyond information science: applying the actor network theory*. In:

ANNUAL CONFERENCE OF THE CANADIAN ASSOCIATION FOR INFORMATION SCIENCE.
Edmonton, Alberta, 7-10 Jun. 1995

FURTADO, Celso. *Criatividade e dependência na civilização industrial*. São Paulo: Paz e Terra, 1978. In.:
BOLAÑO, César. *Campo Aberto – Para a crítica da epistemologia da comunicação*. Sergipe: EDISE, 2015.

GALLOWAY, Alexander. *Protocol - how control exists after decentralization*. Massachusetts: MIT Press, 2004.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. *Novas configurações do conhecimento e validade da informação*. In:
ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, Salvador, 2007.

_____. *As mudanças de regimes de informação e as variações tecnológicas*. In: ENCONTRO
NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo: USP, 2008.

_____. O papel do conhecimento e da informação nas formações políticas ocidentais. Brasília, v. 16, n. 2,
p. 157-167, jul./dez. 1987. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/259>> . Acesso em:
21 jan. 2017.

GOODMAN, Steve. *Sonic warfare: sound, affect, and the ecology of fear*. Massachusetts: The MIT Press. 2010.

GORZ, André. Entrevista Journal Multitudes, n.15, 2004/1. Disponível em: [http://www.cairn-int.info/journal-](http://www.cairn-int.info/journal-multitudes-2004-1.htm)
[multitudes-2004-1.htm](http://www.cairn-int.info/journal-multitudes-2004-1.htm) Acesso em 28 mar, 2016.

_____. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. Tradução de Celso Azzan Jr. São Paulo: Annablume
Editora, 2005.

GUATTARI, Félix. *CAOSMOSE: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. *As três ecologias*. Rio de Janeiro: Papirus, 1993.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 5. ed. Petrópolis, 1999.

HALL, Stuart. *Pensando a diáspora (reflexões sobre a terra no exterior)*. In: SOVIK, Liv. Da Diáspora:
Identidades e Mediações Culturais. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG;
Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HARAWAY, D. *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. In:
TADEU, T. (Org). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora,
2009.

HARVEY, David. *Neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo, Loyola, 2005.

_____. O direito a cidade. Traduzido do original “The right to the city”, por Jair Pinheiro, professor da
FFC/UNESP/ Marília. New Left Review, n. 53, 2008.

HEGEL, G. W. F. *Esboços de sistema de Jena*. I. Hamburg: Felix Meiner, 1986.

_____. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis: Vozes, 1992.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969

_____. *The age of world picture*. In.: *The question concerning technology and other essays*. New
York/London: Garland Publishing, 1977.

HENDERSON, Scott. *The dark visitor: inside the world of chinese hackers*. Washington: Library of Congress,
2007. Disponível em: <http://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/book/lookupid?key=olbp49128> (Acesso em:
15 dez. 2015).

HILLIS, Danny. *The connection machine (Artificial Intelligence)*. Massachusetts: The MIT Press, 15 feb, 1989.

HIMANEN, Pekka. *The hacker ethic and the spirit of the information age*. Londres: Random House. 2001.

- HUDSON, Michael. *Killing the Host: How Financial Parasites and Debt Bondage Destroy the Global Economy*. Londres: CounterPunch. 2015
- _____. *Finance as Warfare*. Nova Iorque, College Publications. 2015.
- JENSEN, Casper. *Latour and Pickering: post-human perspective on science, becoming and normativity*. In: ILHDE, Don; SELINGER, Evan (Org.) *Chasing technoscience: matrix for materiality*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 2004, p.225-40.
- JOÃO, Antonio de Moraes. *Implicações éticas da virada informacional na filosofia*. Uberlândia: EDUFU, 2014.
- JONES, Richard. *Contra o transhumanismo: desilusão da transcendência tecnológica*. Nova Iorque: softmachines, 15 Jan. 2016. Disponível em: http://www.softmachines.org/wordpress/wp-content/uploads/2016/01/Against_Transhumanism_1.0.pdf acesso em: 27 feb. 2016.
- KASTRUP, V.; ESCOSSIA, L.; PASSOS, E. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). Porto Alegre: Sulina, 2015.
- KURZWEIL, Ray. *A era das máquinas espirituais: quando os computadores exedem a inteligência humana*. Penguin Books, Nova Iorque, 1999.
- LAFUENTE, Antonio. *El carnaval de la tecnociencia*. Madrid: Gadir, 2007.
- LAFUENTE, Antonio; ESTALELLA, Adolfo. *Modos de ciência: publica, aberta y comunes*. In: *Ciência Aberta, questões abertas*. ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia; ABDO, Alexandre Hannud. Rio de Janeiro: Ed. UNIRIO, 2015.
- LAND, Nick. *Fanged noumena: collected writings 1987-2007*. Falmouth, UK: Urbanomic, 2011.
- LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: Ed. N-1, 2015.
- LATOUR, B. *When things strike back: a possible contribution of 'science studies' to the social sciences*. British Journal of Sociology. Mar, 2000.
- _____. *A textbook case revisited. Knowledge as mode of existence*. In: HACKETT, E.; AMSTERDAMSKA, LYNCH; WACJMAN (Ed). *The handbook of science and technology studies*. 3. ed. Cambridge: Mass, MIT Press, 2006. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/99-HANDBOOK-GB.pdf> Acesso em 05/02/2014>. Acesso em: 5 out. 2014.
- _____. *An inquiry into modes of existence an anthropology of the moderns*. Harvard: University Press Cambridge, Massachusetts London. 2013.
- LAZZARATO, Maurizio. *Signos, máquinas e subjetividades*. São Paulo: Ed. N-1. 2014.
- LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. *Trabalho Imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LAZZARATO, Maurizio; JORDAN, David. *The making of the indebted man: an essay on the neoliberal condition*. Ed. Semiotext(e), SŽrie 13, 2012.
- LEMO, A. *Ciber-cultura-remix*. 2005. Disponível em: http://www.hrenatoh.net/curso/textos/andrelemos_remix.pdf>. Acesso em: 7 maio 2014.
- LESSIG, Lawrence. *Code 2.0*. Basic books: Nova York, 2006. Disponível em: <http://codev2.cc/> Acesso 19 maio 2016.
- LESZCZYNSKI, A.; WILSON, M. W. *Theorizing the geoweb*. GeoJournal, n. 78, n.6, p. 915–919, 2013.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

- _____. *A máquina universo: criação, cognição e cultura informática*. São Paulo: ARTMED, 1998.
- LEVY, S. *Hackers: heroes of the computer revolution*. Nova Iorque: Anchor Press/Doubleday, 1984.
- LIMA, Tânia. *Por uma cartografia do poder e da diferença nas cosmopolíticas ameríndias*. In.: ANPOCS 30, Caxambú – MG, 2006.
- MAFFESOLI, Michel. *Saturação*. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2010.
- MANOVICH, Lev. *The language of new media*. Massachusetts: MIT Press, 2001.
- MARAZZI, Christian. Linguagem e pós-fordismo. Lugar Comum: Estudos de mídia, cultura e democracia, Rio de Janeiro, n. 1, p. 41-54, mar. 1997.
- MARX, Karl. Gundersen. In.: MCLELLAN, David. *Selected Writings*. Oxford: University Press, 2000.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Crítica da educação e do ensino*. Introdução e notas de Roger Dangeville. Lisboa, Portugal: Moraes, 1978.
- MATTELART, Armand. Sociedade do conhecimento e controle da informação e da comunicação. In: ENCONTRO LATINO DE ECONOMIA POLÍTICA DA INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA. 5, Salvador, 2005. p.1-22. Disponível em: <http://www.gepicc.ufba.br/enlepicc/>. Acesso em: 17 out. 2016.
- MERTON, Robert. *The Normative Structure of Science* In: *The Sociology of Science: Theoretical and Empirical Investigations*, Chicago: University of Chicago Press, 1942.
- _____. The Matthew effect in science. *Science*, n. 159, p. 56-63, Jan 5, 1968.
- _____. *The sociology of science: theoretical and empirical investigations*. Chicago: The University of Chicago Press, 1973.
- MIRZOEFF, Nicholas. The right to look. *Chicago: Critical Inquiry*, v. 37, n. 3, 2011, p. 473-496.
- _____. *Control, computer and execute: debt and new media, the first two centuries*. In.: You are not a Loan: Debt and New Media. CHUN, Wendy; FISHER, Anna, (Org.), Nova Iorque: Routledge, 2015.
- MOREIRA, Fernanda. *Redes xamânicas e redes digitais - por uma concepção ecológica da comunicação*. (Dissertação de mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.
- MOSTAFA. S. A antivirada linguística de Gilles Deleuze e sua importância para a educação. *Revista Contrapontos - Eletrônica*, v. 15, n. 1, p. 43, jan./abr. 2015. Acesso em 04 mai. 2016.
- NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *From sociological to ontological inquiry*: entrevista com Antonio Negri, 21 Jul. 2005.
- _____. *Commonwealth*. Harvard: University Press. 2009.
- _____. *The fight for “real democracy” at the heart of occupy wall street*. *Foreign Affairs*, 11 Outubro, 2011. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/north-america/2011-10-11/fight-real-democracy-heart-occupy-wall-street> Acesso em: 14 set. 2016.
- NEGRI, A.; CEDILLO. Podemos além Podemos, um poder constituinte na Europa. Entrevista pela Uninômade. 12 fev. 2015. Disponível em: http://uninomade.net/wp-content/files_mf/143273480400Podemos%20al%C3%A9m%20Podemos,%20um%20poder%20constituente%20na%20Europa%20-%20Ra%C3%BAl%20Sanchez%20e%20Toni%20Negri.pdf Acesso em 06 jun. 2016.
- NELSON, Theodor. *Computer Lib: You Can and Must Understand Computers Now*; *Dream Machines: New Freedoms Through Computer Screens - A Minority Report*. Auto-publicado, 1974.

- OTTO, Karl. *Scientistics, hermeneutics and the critique of ideology: outline of a theory of science from a cognitive-anthropological standpoint*. In.: KEGAN, Paul. *Towards a Transformation of Philosophy*, 1980, Londres: ed. Frankfurt am Main, 1972-73.
- PARISER, Eli. *O filtro invisível*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- PASQUINELLI, M. 'War porn! War punk! autonomous videopoiesis'. In.: JACOBS, KATRIEN, JANSSEN, PASQUINELLI: *Click-me: A Netporn Studies Reader*. Amsterdã: Institute of Network Cultures, 2007.
- PELBART, Peter Pál. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- _____. Poéticas da alteridade. *Revista BORDA-PUCSP*, n. 0, 2004.
- _____. Esquizocenia. In: _____. (Org.). *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São. Paulo: Iluminuras, 2003. p.145-50. Disponível em: revistas.pucsp.br/index.php/bordas/article/download/7734/5663. Acesso em: 19 ago. 2016.
- _____. *O avesso do niilismo - cartografias do esgotamento*. São Paulo: ed.: N-1, 2013.
- PEREIRA, E. *Ciborgues indígen@s.br: a presença indígena na internet*. São Paulo: Annablume, 2012.
- _____. *O local digital das culturas: as interações entre culturas, mídias digitais e territórios*. (Tese de Doutorado) Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-06052014-110606/es.php> Acesso em 12 dez. 2016.
- PERIUS, Cristiano. *O trabalho do negativo: linguagem e ontologia em Saussure e Merleau-Ponty*. Marília, v. 36, n. 3, p. 69-108, set./dez, 2013.
- PETERSON, James. *Dreams of chaos, visions of order: understanding the american avant-garde cinema*. Detroit: Wayne State University Press, 1994.
- PRIGOGINE, Ilya. *As leis do caos*. 1993. São Paulo: UNESP, 2000.
- RANCIERE, Jacques. *O ódio à democracia*. São Paulo: Boitempo; Ed. 1; 2014.
- REICH, William. *Psicologia de massas do fascismo*. Tradução de Maria da Graça M. Macedo. ed. 3, São Paulo: Martins Fontes, 1933-2001.
- RENA, Alemas. *Do autor tradicional ao agenciador cibernético: do biopoder à biopotência*. São Paulo: Annablume, 2009.
- ROLNIK, Raquel. *A guerra dos lugares*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- ROLNIK, Suely. *Novas figuras do caos mutações da subjetividade contemporânea*. In.: *Caos e ordem na Filosofia e nas Ciências*. SANTAELLA, Lucia; VIEIRA, Jorge Albuquerque. São Paulo: Face e Fapesp, 1999, p. 206-21.
- _____. *Cartografia sentimental – transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: ed. 2, UFRGS, 2014.
- _____. *A hora da micropolítica*. São Paulo: N-1, 2016.
- ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michael. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- SAFATLE, Vladimir. *A teoria das pulsões como ontologia negativa*. Dossiê Filosofia e Psicanálise, Discurso, n. 36, São Paulo: USP, 2007.
- SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2013.

- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. Tradução de Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 10.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SASSEN, Saskia. *Expulsions: brutality and complexity in the global economy*. Cambridge, MA: Belknap Press, 2014.
- SCHNEIDER, Marco. *A dialética do gosto: informação, música e política*. Rio de Janeiro, Ed. Circuito, 2015.
- SHANNON, C. E.. A mathematical theory of communication. Bell System Technical Journal, 27, July, Oct., 1948.
- SHAPIRO, Steven. *Sobre o aceleracionismo*. Uninômade, Lugar Comum n. 41, p. 281-299, 14 jun. 2014.
- SÖDERBERG, Johan. *Hacking capitalism: free and open software movement*. Nova Iorque: Routledge, 2008.
- STEHR, Nico. *The norms of science revisited: social and cognitive norms*. In: GASTON, Jerry (Ed.), The sociology of science. San Francisco: Jossey-Bass, 1978.
- STENGERS, I. *Cosmopolitics I. (Posthumanities)*. Tradução de Roberto Bonnono. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.
- STENGERS, I.; PIGNARRE, P. *Capitalist sorcery: breaking the spell*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2011.
- STIEGLER, Bernard. Quando fazer é dizer: da técnica como diferença de toda fronteira. Brasília: ReVista, n. 3, UnB, 2001.
- TRIVINHO, Eugênio (Org.). *A cibercultura em transformação: poder, liberdade e sociabilidade em tempos de compartilhamento, nomadismo e mutação de direitos*. São Paulo: ABCiber; Instituto Itaú Cultural 2010. Livro eletrônico (online). Coleção ABCiber, v. 2. 2010.
- Disponível em: <<http://www.abciber.org/publicacoes/livro2/>>. ISBN 978-85-63368-01-0. Acesso 30 ago. 2016.
- _____. *Uma dromocracia cibercultural: contextualização sociodromológica da violência invisível da técnica e da civilização mediática avançada*. PUC/SP. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 28, dez. 2005.
- Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3338/2595> Acesso em 15 ago. 2016.
- _____. *A Dromocracia Cibercultural*. São Paulo: Ed. Paulus, 2007.
- VACCARI, Andrés. Unweaving the program: Stiegler and the hegemony of technics. Transformations Journal of Media & Culture. n. 17, 2009.
- VITAE, Christopher. *Networkologies: A Philosophy of Networks for a Hyperconnected Age – A Manifesto*. Media and Critical/Visual Studies Pratt Institute, Ed. Zer0 Books, 2014.
- VIRILIO, Paul. Micropolítica da segurança - micropolítica do terror. In.: VIRILIO. *O Espaço crítico*. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1993.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Transformação” na antropologia, transformação da “antropologia”. Rio de Janeiro: Mana, v.18, n.1, 2012.
- _____. *Metafísicas Canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- WARK, Mckenzie. *A hacker manifesto*. Harvard University Press, 2004.
- _____. Uma crítica hacker ao manifesto aceleracionista. Uninômade, Lugar Comum n. 41, pp. 299-308. 14 de junho, 2014.
- ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindos ao deserto do real*. São Paulo, Boitempo. 2003.

Outras Referências:

Carta aberta do LABIC. Carta de Propostas às Chefas e aos Chefes de Estado para a promoção da Inovação Cidadã. XXIII Cimeira Ibero-Americana, 2015. Disponível em: <http://www.ciudadania20.org/pt-pt/#latest-work>. Acesso em: 26 mai, 2017.

Todas as entrevistas aqui transcritas foram realizadas no período de realização do LABIC em novembro de 2015 e estão disponíveis no endereço virtual: https://www.youtube.com/user/hacklabcbba/videos?view=0&sort=dd&shelf_id=0 e <http://barriohacker.net/>. Acesso em: 30 nov, 2015.

Entrevistas e histórias do grupo “MetaReciclagem” disponível em: <http://mutgamb.org/metativro/Historia-da-MetaReciclagem-Historias-de-MetaReciclagem> e <https://www.youtube.com/watch?v=tElbZBJ-Fio>. Acesso 6 jun, 2016.

Filmes:

High-Rise. Ben Wheatley. Recorded Picture Company. 2015.

Inception. Christopher Nolan. Legendary Pictures, Syncopy Films. 2010.

Matrix. Irmão Wachowski. Warner Brothers Entertainment, 1999.

Metrópolis. Fritz Lang. Universum Film A.G. 1927.

Westworld. Jonathan Nolan. HBO. 2016